

Universidade do Estado do Pará

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Centro de Ciências Sociais e Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado



Milene Vasconcelos Leal

## **TRAJETÓRIA EDUCATIVA ESCOLAR: MEMÓRIAS DE IDOSOS**

Belém-PA  
2017

**MILENE VASCONCELOS LEAL**

**TRAJETÓRIA EDUCATIVA ESCOLAR: MEMÓRIAS DE IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Linha de pesquisa:** Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

**Orientadora:** Prof. Dr. Tânia Regina Lobato dos Santos.

**Co-orientador:** Prof. Dr. João Colares da Mota Neto.

Belém-PA  
2017

# MILENE VASCONCELOS LEAL

## TRAJETÓRIA EDUCATIVA ESCOLAR: MEMÓRIAS DE IDOSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Linha de pesquisa:** Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

**Orientadora:** Prof. Dr. Tânia Regina Lobato dos Santos.

**Coorientador:** Prof. Dr. João Colares da Mota Neto.

Data de defesa:    /    /

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientadora  
Prof. Dr. Tânia Regina Lobato dos Santos  
Doutora em Educação – PUC/SP  
Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ - Coorientador  
Prof. Dr. João Colares da Mota Neto  
Doutor em Educação - UFPA  
Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ - Membro Interno  
Prof. Dr. Ivanilde Apoluceno de Oliveira  
Doutora em Educação – PUC/SP  
Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ - Membro Externo  
Prof. Dr. Georgina Negrão Kalife Cordeiro  
Doutora em Educação – UFRN  
Universidade Federal do Pará - UFPA

Belém-PA  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Mestrado em Educação - UEPA, Belém – PA**

---

M433t Leal, Milene Vasconcelos

Trajetória educativa escolar: memórias de idosos / Milene Vasconcelos Leal. Belém, 2017.

118f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

Orientadora: Tânia Regina Lobato dos Santos

1. Educação. 2. Idoso – Aspectos sociais. I. Santos, Tânia Regina Lobato dos Santos. II. Título.

CDD. 21º ed. 370

---

Foram vocês que me banharam de amor, me enxugaram com carinho, me prepararam com dedicação, me vestiram de sonhos e me perfumaram com o néctar mais precioso da esperança.

Silenciaram muitos desejos seus para realizar os meus. Protegeram-me com o cuidado de um leão em suas vidas desde minha chegada, A vocês, devo tudo que tenho, tudo que sou. Dedico este trabalho a vocês, minha mãe Regina Lucia e meu pai Benedito Leal.

## AGRADECIMENTOS

Mais uma jornada se encerra! Nessa caminhada, há inúmeras pessoas que me impulsionaram a nunca desistir de meus sonhos, por mais difíceis que fossem. Avalio que este seja o melhor espaço para agradecê-las por suas valiosas contribuições.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo sopro de vida e pela sua generosidade. Agradeço a todos os anjos, santos e entidades que intercederam por mim junto a Deus pai e nunca me abandonaram espiritualmente.

Agradeço aos meus pais, Regina Lucia Vasconcelos Abdon e Benedito Garcia Leal, por me incentivarem a nunca desistir e por me acolherem tão carinhosamente nos momentos de alegria e nos momentos de dor e de angústia.

Agradeço à minha família por estar sempre ao meu lado, incentivando-me e me ajudando de alguma forma. Em especial, ao meu tio Evandro Pereira Vasconcelos, à minha tia Ana Maria Pereira Vasconcelos e à minha madrinha Maria de Fátima Pereira Vasconcelos. O meu muito obrigado também aos meus irmãos, aos tios, às tias, aos primos, às primas... enfim, a todos da família Vasconcelos!

Ao meu companheiro de todas as horas, meu namorado Adilson Carlos Rodrigues Costa. Obrigada por estar sempre ao meu lado me dando a mão nos melhores e nos piores momentos dessa caminhada! Agradeço pela sua parceria, companheirismo e dedicação!

À minha orientadora, Tânia Regina Lobato dos Santos, por nunca desistir de mim, incentivando-me e me impulsionando a me tornar uma pessoa melhor. Agradeço por todas as orientações e conselhos. Muito obrigado por estimular, em mim, a consciência crítica.

Ao meu coorientador, João Colares da Mota Neto, o meu muito obrigado por acompanhar meu percurso acadêmico desde a graduação, despertando em mim os princípios de respeito e autoavaliação. Mesmo nos piores momentos de minha vida acadêmica, o senhor, professor, me apresentou uma palavra amiga, amorosa e afetiva, dura e valiosa. Não tenho palavras que expressem a gratidão que tenho pela sua pessoa!

Ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire-NEP, o verdadeiro precursor da minha formação acadêmica, científica e humana. Agradeço aos companheiros

nepeanos pelos vínculos, muito mais que acadêmicos: são vínculos afetivos e de laços tão fortes e preciosos que levarei por toda vida!

À Universidade do Estado do Pará, instituição de ensino que me acolheu e me proporcionou os melhores anos da minha vida. Aos funcionários dessa instituição que sempre me ajudaram de alguma forma. Em especial, a Jorge Figueiredo e ao Senhor Manoel, pela amizade e conselhos.

Ao ILPI “Lar da Providência”, por autorizar minha pesquisa. Em especial, à terapeuta ocupacional Juciane, por acolher de maneira tão amorosa esta pesquisa.

À banca de defesa, representada pelas professoras doutoras Ivanilde Oliveira e Georgina Cordeiro, as quais tenho a gratidão de dizer o quanto suas contribuições enriquecerão este estudo.

Aos colegas da 11ª turma do PPGED-UEPA. Em especial, aos amigos Sullivan Sousa e a Fernanda Aviz, pessoas que me acolheram quando não existia nenhuma possibilidade de continuar no mestrado. Obrigada por cada material que me doaram. Principalmente: obrigada pela amizade!

Aos idosos do Lar da Providencia, pessoas que deixaram um pedaço de si, levaram um pedaço de mim. Agradeço por: ampliar minha visão de vida, descobrir que sempre há um motivo para sorrir, fazer acreditar que as dificuldades são partes necessárias da vida. Obrigada por me ensinarem a nunca perder a fé!

Aos companheiros da Escola de Aplicação da UFPA, por me auxiliarem nos momentos de dificuldade.

Aos amigos de “longas datas”, Isabell Neri, Gilvana Araújo, Luciana Cruz, Elizabeth Henriques e Ronielson Santos. Obrigada por me acompanharem de maneira tão carinhosa durante essa caminhada!

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as memórias de idosos do Lar da Providência sobre sua trajetória educativa e verificar a repercussão na vida pessoal e profissional deles. Para tanto, tem como objetivos específicos: conhecer como a trajetória escolar experienciada influenciou em sua vida pessoal e profissional; analisar o processo de escolarização, conhecendo como os idosos experienciaram os trabalhos de alfabetização e descrever como as ações de educação popular desenvolvidas pelo NEP/UEPA com os idosos vêm contribuindo para a reafirmação ou ressignificação das memórias destes sujeitos sobre educação, considerando as singularidades e as especificidades socioculturais dos idosos. A busca, ao que nos propomos investigar, remete-nos ao campo teórico metodológico interdisciplinar pautado em: Freire, Le Goff, Halbwachs, Thompson, Bosi, Bérghson, Delgado, Fares, Mucida. No que tange à metodologia, o estudo apresenta alguns traços da pesquisa fenomenológica e abordagem qualitativa, tendo sido utilizada como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados sobre a memória dos idosos foram organizados em categorias e estão apresentados, como: a memória sobre como era a escola, as causas do abandono escolar, dificuldades no tempo de escolarização, memória da professora/professor. Nesses aspectos, chama a atenção a baixa escolaridade dos idosos, destacando-se que eles possuem memórias sobre a escola como uma instituição rígida, disciplinadora, excludente, com aspectos da educação bancária. Os idosos foram excluídos ou expulsos da escola por vários fatores, dentre os quais podemos citar: o trabalho, a pobreza, morte familiar e a longa distância. Constatamos que, apesar da rigidez do ambiente escolar, os entrevistados lembram com afeto de suas professoras. Além disso, visualizamos que essas representações sobre a escola e o trabalho docente foram ressignificadas a partir do trabalho do NEP, com sua educação dialógica e amorosa.

**Palavras-chave:** Memória. Idoso. Trajetória Escolar.



## ABSTRACT

This research had as objective to analyze the memories of the Elders of the Home of the Providence about its educative trajectory and to verify the repercussion in the personal and professional life of them. To do so, it has specific objectives: to know how the school trajectory experienced influenced in his personal and professional life; analyze the process of schooling, knowing how the elderly experienced the literacy work and describe how the actions of popular education developed by the NEP / UEPA with the elderly have contributed to the reaffirmation or re-signification of the memories of these subjects on education, considering the singularities and the sociocultural specificities of the elderly. The search, to which we propose to investigate, refers us to the interdisciplinary theoretical methodological field ruled in: Freire, Le Goff, Halbwachs, Thompson, Bosi, Bergson, Delgado, Fares, Mucida. Regarding the methodology, the study presents some features of the phenomenological research and qualitative approach, and the semistructured interview was used as data collection technique. The results on the memory of the elderly were organized into categories and are presented, such as: memory about school, causes of school dropout, difficulties in schooling, memory of the teacher. In these aspects, it draws attention to the low level of education of the elderly, emphasizing that they have memories about the school as a rigid, disciplinary, excluding institution with aspects of banking education. The elderly were excluded or expelled from school for several factors, among which we can mention work, poverty, family death and long distance. We found that, despite the rigidity of the school environment, the respondents remember with affection of their teachers. In addition, we visualize that these representations about the school and the teaching work were resignified from the work of the NEP, with its dialogical and loving education.

**Keywords:** Memory. Old man. School trajectory.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização do Lar da Providência.....	29
<b>Figura 2</b> – Encontro pedagógico do NEP .....	66
<b>Figura 3</b> – Atividade produzida pelos idosos .....	66
<b>Figura 4</b> – Roda de carimbó com os idosos .....	67
<b>Figura 5</b> – Atividade realizada por um idoso.....	69
<b>Figura 6</b> – Atividade realizada por um idoso.....	70

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Produções acadêmicas sobre educação com idosos .....	24
<b>Quadro 2</b> – O perfil dos sujeitos .....	32

### **LISTA DE SIGLAS E ABREVIações**

UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
CCSE	Centro de Ciências Sociais e Educação
ILPI	Instituição de Longa Permanência pra Idosos
NEP	Núcleo de Educação Popular Paulo Freire
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	14
<b>1.1 Contextualização do objeto de estudo</b>	14
<b>1.2 Motivações para o estudo</b>	22
<b>1.3 Metodologia</b>	26
1.3.1 Caracterização metodológica	26
1.3.2 O locus da pesquisa	29
1.3.3 Sujeitos	31
1.3.4 Procedimentos de coleta de dados	32
1.3.5 Análise de dados	33
1.3.6 Cuidados éticos	34
<b>1.4 Organização da dissertação</b>	36
<b>2. MEMÓRIA DE IDOSOS: BASES TEÓRICAS DA PESQUISA</b>	38
2.1 O idoso e a opressão: o cerceamento do direito de recordar	40
2.2 O envelhecimento e a memória	43
<b>3 NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE (NEP): AÇÕES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PAUTADAS NA EDUCAÇÃO FREIREANA</b>	55
3.1 Apresentação do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP)	55
3.2 Princípios educacionais freireanos do NEP	57
3.3 As pesquisas realizadas por educadores do NEP	61
3.3.1 Trabalho do Núcleo de Educação Popular “Paulo Freire” na ILPI “Lar da Providência”	63
3.3.2 Relato de experiência das atividades do NEP na pesquisa	65
<b>4. A MEMÓRIA DOS IDOSOS SOBRE SEU TEMPO DE ESCOLARIZAÇÃO</b>	72
4.1 Relato da experiência educacional dos idosos	72
4.1.1 Trajetória escolar: a memória da escola	72
4.1.2 Escolarização: causas do abandono escolar	82
4.1.3 Memória: a docência e a prática pedagógica	89
4.2 Os dizeres dos idosos sobre a pesquisa: o NEP ressignificando as memórias sobre educação	96
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	103
<b>REFÊRENCIAS</b>	106
<b>ANEXO</b>	110

<b>ANEXO 1 – Autorização de Pesquisa da Diretoria de Assistência Social do Estado do Pará .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE 2 – Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização do objeto de estudo

Muito se fala do aumento significativo da população de pessoas idosas na sociedade. Porém, este tema ainda é trabalhado na área da educação como algo secundário. Por esta razão, é necessário avançarmos em pesquisas sobre os idosos e suas memórias, para que acentuemos cada vez mais o idoso enquanto sujeito ativo.

A partir do desenvolvimento econômico e social, uma das mudanças observadas é o aumento da expectativa de vida da população no Brasil. Segundo a World Health Organization (2005), a população idosa tem apresentado um crescimento elevado nas últimas décadas, sendo necessário cada vez mais atenção aos direitos e às particularidades desta população por parte da gestão pública. Em 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos.

Conforme informações do IBGE (2000), considerando a continuidade das tendências verificadas para as taxas de fecundidade e longevidade da população brasileira, as estimativas para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá exceder 30 milhões de pessoas, chegando a representar quase 13% da população.

A análise evolutiva da relação idoso/criança mostra que a proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente do que a infantil: de 15,9% em 1980, passou para 21,0% em 1991, atingindo 28,9% em 2000. Em outras palavras, se, em 1980, existia cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, essa relação praticamente dobrou 20 anos depois, passando para quase 30 idosos para cada 100 crianças. Assim, embora a fecundidade ainda seja o principal componente da dinâmica demográfica brasileira, em relação à população idosa, é a longevidade que vem progressivamente definindo os traços da evolução.

De acordo com dados do IBGE (2010),

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. Uma das explicações para esse fenômeno é o aumento, verificado desde 1950, de 19 anos na esperança de vida ao nascer em todo o mundo.

Os números mostram que, atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais (IBGE, 2010, p.11).

O IBGE (2010) ainda informa que esse crescimento continuará evidente em nossa sociedade. A expectativa é que, no ano de 2050, a cada cinco pessoas, uma seja idosa.

De acordo com projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações), “uma em cada 9 pessoas no mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050”. [...] Em 2050, pela primeira vez, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global (IBGE, 2010, p.11).

Assim, o crescimento no número de idosos configura-se como um fenômeno mundial, incluindo os países em desenvolvimento, como o Brasil. Torna-se, portanto, inevitável a preocupação com as consequências desse crescimento para a vida dessa população, pois é necessário refletirmos até que ponto o país está preparado para ser uma sociedade com predominância de pessoas com 60 anos ou mais.

Sendo assim, avaliamos que, ao longo do tempo, essa população vem tendo, cada vez mais, uma postura ativa na sociedade: muitos trabalham, estudam, estão em busca de oportunidades e de inclusão social e educacional. Além disso, muitos idosos são responsáveis pelo sustento de sua casa, como podemos revelar as pesquisas divulgadas pelo IBGE (2010):

O Censo 2000 verificou que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros, observando-se um aumento em relação a 1991, quando os idosos responsáveis representavam 60,4%. É importante destacar que, no conjunto dos domicílios brasileiros (44.795.101), 8.964.850 tinham idosos como responsáveis e representavam 20% do contingente total. Em 1991, essa proporção ficava em torno de 18,4% (IBGE, 2010, p.16).

A pesquisa divulgada pelo IBGE evidencia que o Brasil caminha para ser um país de predomínio de população idosa. Logo, estes precisam ter garantidos direitos sociais para viverem bem na velhice, com melhores condições e qualidade de vida.

Em 40 anos, ainda de acordo com dados do IBGE (2016), a população idosa triplicará no Brasil e passará de 19,6 milhões para 66,5 milhões de pessoas (isto é, de 10% para 29,3% da população brasileira). Esses dados nos revelam a necessidade de mudanças profundas nas políticas públicas de amparo e de inclusão do idoso em nossa sociedade.

A população idosa vai triplicar no País e passará de 19,6 milhões (10% da população brasileira), em 2050 (29,3%). As estimativas são de que a "virada" no perfil da população acontecerá em 2030, quando o número absoluto e o percentual de brasileiros com 60 anos ou mais de idade vão ultrapassar o de crianças de 0 a 14 anos. Daqui a 14 anos, os idosos chegarão a 41,5 milhões (18% da população) e as crianças serão 39,2 milhões, ou 17,6%, segundo estimativas do IBGE.

De acordo com os dados do IBGE (2016), podemos evidenciar que o aumento do número de idosos implica em mudanças profundas em políticas públicas de saúde e de assistência social. Há, assim, uma necessidade patente em proporcionar uma real qualidade de vida a esses idosos e a inserção desse sujeito nas diversas esferas da sociedade.

O Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003, de 1º de outubro, no seu art. 10, estabelece que "é obrigação do Estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição".

O Estatuto do Idoso, no Capítulo V, art. 20 a 25, estabelece ainda que "o idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade". O idoso é sujeito histórico, produtor de conhecimento e sua vivência traz consigo um saber experiencial fecundo que merece ser considerado e investigado.

O fato que nos instiga, hoje, é de que maneira podemos garantir a esse sujeito um envelhecimento saudável e digno, possibilitando a ele o acesso à educação, esporte e cultura, na medida em que vivemos em uma sociedade que não está preparada para dialogar com as suas peculiaridades, pois, todos os dias, deparamos-nos com casos de maus tratos, no noticiário, rádio ou em nossa vizinhança. É evidente a falta de respeito de todas as maneiras, desde atitudes que parecem pequenas, como sentar em um local reservado à pessoa idosa, até os maus tratos físicos e psicológicos, fatos que vão reforçando a exclusão promovida por uma sociedade que negligencia a velhice.

É mister avaliar que a real inclusão do idoso se dará à medida que construirmos cada vez mais reflexões que nos permitam de fato desenvolver o que lhe é garantido por lei desde a chegada do Estatuto do Idoso, conscientizando-nos de que ele só será incluído quando for avaliado como sujeito autônomo e ativo no mundo, independente de suas limitações psíquicas ou físicas.



O referido Estatuto, no art. 21, ainda assegura que o poder público é responsável por oportunizar ao idoso o acesso à educação, bem como adequar para este público todo e qualquer material didático e metodologia que permeie sua formação educacional ao longo da vida:

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais (BRASIL, 2003).

O Estatuto do Idoso encoraja o idoso a perceber-se como um sujeito de direitos que necessita ter suas especificidades respeitadas, a partir da adequação de propostas pedagógicas que façam parte do seu processo educacional, dialogando de fato com as demandas típicas da idade. É inevitável avaliarmos o avanço, em termos de repensar a estadia do idoso nos espaços escolares e não escolares, com a chegada de políticas públicas de afirmação de direitos, como é o caso do referido estatuto.

Nos currículos da educação formal, devem ser inseridos conteúdos voltados a uma melhor compreensão do processo de envelhecimento e que valorizem a população idosa enquanto sujeito social, já que o estatuto do idoso enuncia que:

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (BRASIL, 2003).

É necessário que a sociedade compreenda o processo de envelhecimento desses sujeitos. Cabe, desse modo, ao currículo escolar adaptado lhes proporcionar uma melhor percepção dos fatores que integram a velhice. É preciso valorizar as pessoas idosas, cientes de que, no processo de ensino aprendizagem, também são construtoras de conhecimento.

Mas este critério deve ser uma realidade não só no ensino formal, pois, no art. 23 do Estatuto do Idoso, é assegurado que as pessoas idosas devem ter acesso à cultura e ao lazer,

Art. 23. A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais (BRASIL, 2003).

No Estatuto do Idoso, ainda encontramos destaque para a criação de Universidade Aberta aos Idosos, que lhes proporcione estímulo à formação ao longo da vida, inclusive adequando o padrão editorial de livros e periódicos. Entretanto, apesar dessa preocupação ter amparo legal, poucas mudanças se têm observado, apenas iniciativas esparsas, como o aumento das fontes das letras da Bíblia Sagrada por algumas editoras.

Art. 25. O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual (BRASIL, 2003).

Assim, a legislação ampara os idosos no exercício de sua cidadania, incluindo o acesso à educação. Contudo, muitos idosos não convivem com a família. Alguns vão para Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), popularmente chamadas de asilos. Nesses locais, em geral, esses idosos não têm acesso à educação, já que a vida deles nas ILPIs, de modo geral, é de isolamento da família, existindo uma preocupação maior com a sua saúde do que com a sua educação. Para muitos, o ideário vigente é de que o adulto idoso já está formado e não precisa de acesso a um processo de formação que lhe possibilite a ampliação de conhecimentos culturais, sociais e políticos, pois, como é frequentemente dito no discurso popular, esses sujeitos não tiveram acesso à educação no tempo “certo”.

Ao contrário do que pensa a maioria, a educação com idosos é uma prática relevante, na medida em que contribui para sua formação humana, social e cultural. A educação é um direito básico dos idosos e o processo educativo, com esta faixa etária, deve ser direcionado a partir de suas memórias e experiências de vida.

Segundo Oliveira (2011, p.48):

Compreender as especificidades da educação de jovens, adultos e idosos significa compreender a sua condição de <<peças humanas>> e sua condição social de <<não crianças>>, <<excluídos>> e <<membros de determinados grupos e classes sociais>> populares. Para compreenderem-se as especificidades dessa modalidade de educação, torna-se necessário considerarem-se os jovens, os adultos e os idosos em suas situações concretas existenciais, sociais, econômicas e políticas.

É necessário superar a visão de que a educação é centrada apenas na criança. O jovem, o adulto e o idoso também possuem direito à educação, dentro de suas especificidades, conforme explica Oliveira (2011, p.48):

A educação de jovens, adultos e idosos se caracteriza por uma especificidade ético-político, porque está no centro da relação de poder existente entre os escolarizados e não escolarizados, entre os alfabetizados e os não alfabetizados. Relação de poder construída através das representações e práticas discriminatórias e excludentes. E também por que as pessoas rotulam de <<burras>>, <<Mobral>> etc. Manifestam um <<sofrimento ético-político>> de injustiça perante os escolarizados e um sentimento de inferioridade e de incompetência, inclusive com a perda da autoestima frente a sua família e ao seu grupo social.

Diante desse cenário discriminatório, excludente e opressor, refletimos que o idoso é inferiorizado junto à sociedade, tendo sua autoestima prejudicada.

É tendo tais questões que esta pesquisa surge, a partir de nossa vivência, na qualidade de educadora popular, na ILPI “Lar da Providência”, em Belém (PA). Desde o ano de 2014, desenvolvemos, nesse local, atividades vinculadas ao Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

É relevante destacar que o trabalho desenvolvido por esse grupo busca promover no sujeito a elevação de sua autoestima e dialogar com o legado teórico de Paulo Freire. O trabalho realizado no Lar da Providência, portanto, tem uma perspectiva de assegurar a permanente reflexão, levantar o conhecimento de mundo que os idosos possuem, como sujeitos pensantes e produtores de cultura.

Nas atividades desenvolvidas pelo NEP, constantemente aparecem relatos da vivência educacional dos idosos, de memória de tempos de escola e da maneira de como aprenderam a ler e escrever. A riqueza desses relatos é tão evidente que consideramos que eles merecem sair das “paredes” da ILPI e ganhar proporções maiores. Esses idosos são sujeitos históricos, produtores de história que merecem ter suas vozes escutadas e valorizadas.

Nesses relatos informais, verificamos também que muitos idosos sofreram e sofrem um severo processo de exclusão social e educacional. As situações são diversas, pois alguns tiveram acesso à escola, mas outros tiveram que trabalhar cedo para ajudar no sustento da família, tendo uma história de vida marcada pela exclusão social. Há ainda aqueles que abandonaram o espaço escolar por outros motivos, tais como migração e machismo.

Em todos os relatos informais sobre a escola, surgidos no decorrer da vivência com os idosos, destacamos aqui: a postura docente antidemocrática, hierárquica e cientificista, que negligenciava os saberes que traziam consigo; a representação do professor como um mero repassador de conhecimento, um

detentor absoluto do saber; a escola como um espaço onde o saber local e o conhecimento experiencial não eram considerados. Desta forma, tem-se por objeto focar no estudo da memória que os idosos construíram sobre sua trajetória educativa, buscando identificar como se deu o processo de aquisição da leitura e escrita e compreender a repercussão destas memórias na vida pessoal e profissional dos idosos do Lar da Providência.

É necessário edificar uma cultura de respeito e valorização dos saberes e da memória viva que cada idoso constrói. Nossa intenção, nessa pesquisa, é fazer com que as vozes dos idosos sejam ouvidas, que as memórias venham à tona com todo seu dinamismo e ineditismo. A memória, afinal, não é estática, mas é construída e reconstruída constantemente.

Sabemos que a população da educação de jovens, adultos e idosos se constitui por uma diversidade de sujeitos – migrantes, filhos de trabalhadores, ou que vivem do trabalho informal –, cujas experiências de vidas são significativas no processo educacional. Quanto aos idosos, especificamente, são sujeitos que, em suas memórias, relatam não apenas experiências de vida, mas também a sua trajetória educacional, ou seja, o processo de apropriação da leitura e da escrita no seu processo de escolarização.

Considerando o evidenciado acima, elegemos como problema de estudo a seguinte questão: **O que as memórias de idosos do Lar da Providência revelam sobre sua trajetória escolar?**

Como questões norteadoras, definimos:

- Na visão dos idosos, como a trajetória escolar experienciada influenciou em sua vida pessoal?
- Como os idosos experienciaram o processo de ensino-aprendizagem em seu tempo de escolarização?
- Como as ações de educação popular desenvolvidas com os idosos do NEP/UEPA vêm contribuindo para a reafirmação ou ressignificação das memórias destes sujeitos sobre educação?

Para responder ao problema, delineia-se como objetivo geral **analisar, em memórias de idosos do Lar da Providência, a trajetória educativa escolar e a repercussão dessa trajetória na sua vida pessoal**

Como objetivos específicos, os seguintes foram delineados:

- Analisar, a partir da visão dos idosos, como a trajetória escolar experienciada por eles influenciou em sua vida pessoal;
- Investigar como os idosos experienciaram seu processo de ensino-aprendizagem em seu tempo de escolarização;
- Compreender como as ações de educação popular, desenvolvidas com os idosos pelo NEP/UEPA, vêm contribuindo para a reafirmação ou ressignificação das memórias destes sujeitos sobre educação.

O cerne da pesquisa está em investigar as memórias desses idosos, em seu sentido mais profundo, para nos perguntarmos se esses idosos terão condições de trazerem satisfatoriamente à tona essas lembranças de seu tempo de escolarização.

Esta pergunta é respondida quando recorremos a todas as vivências feitas no local da pesquisa, em meio às atividades que trabalham com as lembranças dos idosos. São inúmeras reflexões que nascem a partir do que eles já vivenciaram em rodas de conversa, proporcionadas pelo NEP. Momentos como esses são frutíferos, haja vista que os sujeitos demonstram seus sentimentos e “mergulham nas águas das recordações”. Vale dizer que este processo mnemônico é, para Bosi (1994, p.81):

[...] uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidada pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

Parafraseando Bosi (1994), destacamos que a memória já não “revive”, mas “re-faz”. A experiência da releitura mostra a grande dificuldade de reviver o passado tal e qual. Portanto, é necessário entendermos a memória como um refazer-se no discurso do presente.

Essas memórias, tão propagadas nesta seção, encontram-se como parte fundante da construção histórica de nossa sociedade. Thompson (1992) destaca que a história sobrevive como atividade social apenas por ter hoje um sentido para as pessoas, sendo que este sentido é do sujeito que faz história. Além disso, o autor ressalta que a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Bergson (2006), por sua vez, esclarece que a memória do passado só retorna à consciência na medida em que pode ajudar a compreender o presente e prever o porvir, sendo essa a real funcionalidade da memória.

Nossa intenção é dialogar não **sobre**, mas **com** os idosos sobre suas memórias, reconhecendo-os como sujeitos produtores de conhecimento que, por diversos motivos, foram excluídos educacionalmente e socialmente. Torna-se relevante avaliar, portanto, a importância da educação para a vida desses idosos que tiveram ou não êxito em sua vida escola.

É preciso reconhecer que há muitos espaços educativos de construção e socialização do conhecimento. Arroyo (1987), nessa perspectiva, afirma que o grande problema está em imaginarmos que precisamos dar o pão do conhecimento aos famintos de saber, concebendo a educação como um dos únicos mecanismos capazes de reduzir as desigualdades, pois o papel da escola vai além deste conceito.

Segundo Arroyo (1987), não é só na escola que o processo educativo acontece, mas na luta permanente entre a sociedade burguesa e a sociedade alternativa. Assim, faz uma reflexão que o processo educativo vai para além da escola como um espaço de experiência social e não um local onde cada um leva um caneco para receber uma porção de saber sistemático.

## 1.2 Motivações para o estudo

O interesse em pesquisar a memória da história de vida de idosos surgiu a partir de minha vivência enquanto educadora popular do NEP/UEPA (ver 3.) vínculo iniciado desde o ano de 2010.

O NEP desenvolve atividades de ensino-pesquisa-extensão com crianças, jovens, adultos e idosos em ambientes escolares e socioeducacionais (ambientes hospitalares, unidade de acolhimento de idosos, centros comunitários e escolas públicas etc), dentre os quais o Lar da Providência, localizado na região metropolitana de Belém. Essas ações têm como suporte teórico-metodológico a educação popular pautada em Paulo Freire. Seu projeto pedagógico foi aprovado pela resolução nº 903/03 de 17 de dezembro de 2003 do Conselho Universitário da UEPA.

Durante minha trajetória acadêmica no NEP, tive a oportunidade de participar de projetos de extensão voltados a jovens, adultos e idosos. Atuei primeiramente na alfabetização de jovens e de adultos em ambientes hospitalares, nos quais a presença de idosos sempre foi constante. Posteriormente, realizei o trabalho de educação popular<sup>1</sup> em ambiente escolar, com um grupo majoritariamente composto por idosos, com os quais desenvolvi minha pesquisa de conclusão do curso de Pedagogia, em 2014, intitulada “As vozes dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos sobre sua trajetória escolar” (LEAL, 2014).

Esse trabalho foi fruto de uma reflexão realizada a partir de práticas pedagógicas que desenvolvi em uma escola pública, do bairro da Guanabara, no município de Ananindeua, com jovens, adultos e idosos. O objetivo desse estudo foi investigar a trajetória escolar dos educandos jovens e adultos atendidos pelos educadores do NEP.

No início do semestre de 2015, fui convidada, pela coordenação do NEP, para participar, na qualidade de coordenadora voluntária, do grupo de educação popular com idosos no Lar da Providência. Este fato reforçou meu interesse em pesquisar as memórias que os idosos trazem no tocante às suas vivências e experiências na educação escolar, uma vez que observei, durante os Encontros Pedagógicos do NEP<sup>2</sup>, que esses sujeitos narravam várias experiências de vida, demonstrando uma riqueza de fatos relatados por memória.

Considerando a experiência construída no NEP, foi que surgiu o interesse em conhecer a trajetória escolar e de vida dos idosos atendidos.

Outro fator que nos motivou foi o levantamento de produções, feito no banco de dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no *Google Acadêmico* e Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que revela grandes lacunas em pesquisas sobre a educação de idosos.

No período de 2008 a 2015, foram encontradas cinco dissertações e dois artigos que se propuseram a pesquisar temáticas envolvendo a memória de idosos,

---

<sup>1</sup> É a educação que visa à formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para sua afirmação na sociedade..

<sup>2</sup> Os encontros pedagógicos do NEP são momentos de formação proporcionados aos idosos do Lar da providência de acordo com a educação popular debatida pela teoria de Paulo Freire.

fato este que nos mostra que ainda temos muito a avançar no debate acerca de temáticas que envolvam idosos e memórias.

No levantamento feito no banco de dissertações da UFPA e UEPA, partimos das palavras-chave “Idosos”, “Memória”, “Educação com Idosos”. Como resultado, encontramos somente três dissertações de mestrado, tais sejam: Duarte (2008), na UFPA, Ferreira (2010) e Santos (2011), na UEPA.

No *Google Acadêmico*, encontramos apenas dois artigos, Sartori (2015) e Janczura (2010), que tratam de memória de idosos e duas dissertações encontradas no banco de dados da CAPES.

No quadro 1, vemos uma síntese das pesquisas realizadas sobre educação com idosos:

**Quadro 1** – Produções acadêmicas sobre educação com idosos

TIPO	TÍTULO	AUTOR	ANO	LOCAL	OBJETIVOS
Dissertação	Educação-cuidado de si: representações sociais de idosos amazônidas participantes da universidade aberta à terceira idade	Antônio Luís Parlandin dos Santos	2011	UEPA	Apreender as representações sociais sobre o par educação-cuidado de si entre idosos amazônidas participantes das práticas educativas em saúde.
Dissertação	Educação não tem idade: representações sociais e práticas educativas em saúde na Amazônia Belém – Pa	Darlisom Sousa Ferreira	2010	UEPA	Apreender as representações sociais sobre velhice e educação entre idosos amazônidas.
Dissertação	Memórias (in) visíveis: narrativas de velhos sobre suas infâncias em Belém do Pará (1900 – 1950)	Antônio Valdir Monteiro Duarte	2008	UFPA	Investigar a infância na cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século passado.
Artigo	Memória de Idosos	Juliana Sartori	2015	<i>Google Acadêmico</i>	Analisar o imaginário social dos idosos residentes no município de São Caetano do Sul
Artigo	Queixas de memórias de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade.	Gerson A. Janczura	2010	<i>Google Acadêmico</i>	Investigar se as queixas mnemônicas do idoso variam de acordo com sua escolaridade.
Dissertação	Memória e experiências narrativas com idosos	Maria Correa e José Justo	2010	<i>Google Acadêmico</i>	Possibilitar aos idosos a comunicação de suas experiências.



Dissertação	Idosos analfabetos longevidade e aprendizagem sem fronteiras	Gentilini, Jeane Iris de França	2011	CAPES	Investigar o imaginário de um grupo de idosos analfabeto, sua longevidade e aprendizagem.
Dissertação	Memória social e memória educacional: O caso do grupo de idosos São José	Luisa Amanda Santos Brito	2008	CAPES	Analisar a memória social e educacional dos idosos do grupo de idosos de “São José”

Fonte: UFPA/UEPA/Google Acadêmico/CAPES.

Como podemos verificar no quadro 1, observamos um número ainda pequeno de produções científicas em relação à memória de idosos. Quantificada em forma de quadro as pesquisas já realizadas, cabe-nos fazer uma breve revisão das investigações. Assim, optamos, neste trabalho, por evidenciar primeiro o trabalho de Duarte (2008), que fala da memória do tempo de infância na cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século passado. O autor retrata a realidade em que viviam as crianças da época, relações familiares baseadas em respeito, obediência e imposição, refletindo também acerca das relações da criança com os espaços públicos e a chegada dela ao ambiente escolar.

Ferreira (2010) corrobora com esta pesquisa quando nos traz valiosas reflexões sobre a educação para a terceira idade, sendo essa apontada como mola propulsora para a formação de idosos mais livres, emancipados e no exercício pleno da cidadania.

Santos (2011) dialoga, sob a perspectiva das representações sociais, sobre a necessidade da educação como um ato de cuidar de si entre idosos amazônidas participantes de práticas educativas desenvolvidas pela UEPA.

Sartori (2015) contribui com esse estudo quando debate, em seu artigo científico, sobre as recordações de um grupo de idosos, buscando dialogar sobre as crenças e valores que compõem a memória deles em relação ao seu município. Janczura (2010), por sua vez, corrobora com esse estudo ao destacar que os idosos com baixa escolaridade apresentam, com mais facilidade, o declínio cognitivo devido à sua vulnerabilidade.

França (2011) revela o imaginário de idosos analfabetos e excluídos social e educacionalmente, destacando que a longevidade está ligada à ressignificação da existência do idoso, fomentando em si o desejo pela aprendizagem e, por fim, Brito

(2008) nos auxilia ao apresentar, em sua dissertação de mestrado, análises sobre a memória a partir da perspectiva social e educacional dos idosos.

A partir do exposto, percebemos uma carência de estudos sobre as memórias dos idosos, fato este que estimula a realização desta pesquisa. Por esta razão, voltamo-nos para elas, com o intuito de contribuir para o debate sobre o tema. Agora, no lugar de pesquisadora, pois, antes, estive atuando como educadora popular no espaço pesquisado.

Diante da carência de estudos nessa área, esta pesquisa apresenta grande relevância, pois se propõe a auxiliar outros pesquisadores que se interessem pela temática “memória de idosos”. Existe, desse modo, uma grande necessidade de fortalecermos as pesquisas e publicações científicas nessa área.

Esta pesquisa tem a intenção, ainda, de fortalecer o debate da inclusão de idosos na educação como uma demanda social, partindo de inúmeras situações de exclusão educacional que esse idoso sofreu na infância. Assim, pretendemos fortalecer o debate da inserção desse sujeito nos espaços educacionais.

A partir do novo cenário que temos, no qual os idosos são sujeitos de direitos, pessoas ativas e produtivas, é mister trazermos à tona essas vozes e memórias silenciadas pelo tempo.

### **1.3 Metodologia**

#### **1.3.1 Caracterização metodológica**

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Nessa abordagem, Teixeira (2010) argumenta que o pesquisador se aproxima de seu objeto, no sentido de reduzir a distância entre a teoria que lhe embasa e os dados. Esta abordagem usa como lógica a análise dos fenômenos. A experiência do pesquisador é um elemento importante para compreender o que se está pesquisando.

Teixeira (2010, p. 137) ainda destaca que a pesquisa qualitativa se caracteriza por ser uma prática na qual o pesquisador observa os fatos como sujeito interno do espaço pesquisado. Podemos descrevê-la como uma abordagem que tem como propósito tentar compreender o contexto pesquisado, caracterizando-se como bastante flexível.

Para Rodrigues (2006, p. 90), a pesquisa qualitativa existe:

Quando não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desse procedimento. É utilizado para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade.

O referido autor reforça que, dentre esses problemas, podemos descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação e, ainda, interpretar os dados, fatos e teorias.

Gerhardt e Silveira (2009) refletem acerca dos limites e riscos que o pesquisador, ao trabalhar com a abordagem qualitativa, encontra no decorrer de sua jornada de pesquisa, ressaltando que este deve estar alerta, como, por exemplo, para o risco de erroneamente tentar dar conta da totalidade do objeto estudado. Logo, é necessário um recorte preciso e delimitado do seu objeto, além de um grande detalhamento sobre os processos a partir dos quais as conclusões da pesquisa foram tiradas.

Este estudo se configurará, ainda, como uma pesquisa de campo que, segundo Lakatos (2007), tem como objetivo conseguir informações acerca de um problema, pois consiste na observação de fatos tais como ocorrem espontaneamente na coleta de dados.

Para Kauark (2010), existe um vínculo indissociável na dinâmica entre o sujeito e o mundo. A forma de interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa, o ambiente natural é uma fonte fecunda de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave do processo e seu significado são os focos principais dessa abordagem.

Rodrigues (2006) destaca que a pesquisa de campo é realizada a partir de dados obtidos no local (campo) onde o fenômeno surgiu e ocorre em situação natural, espontânea.

Esta pesquisa pretende ter o enfoque fenomenológico que, segundo Kauark (2010), prevê a coleta de dados a partir de intenções sociais e sua análise a partir da compreensão do pesquisador. Desta forma não possui condições de generalização e está fortemente associado ao conhecimento filosófico.

O método fenomenológico não é dedutivo nem empírico. Consiste em mostrar o que é dado e em esclarecer esse dado: “não explica mediante leis nem deduz a partir de princípios, mas considera imediatamente o que está presente à consciência: o objeto” (PRODANOV *apud* GIL, 2008, p. 14).

Consequentemente tem uma tendência orientada totalmente para o objeto, ou seja, o método fenomenológico limita-se aos aspectos essenciais e intrínsecos do fenômeno, sem lançar mão de deduções ou empirismos, buscando compreendê-lo por meio da intuição, visando apenas o dado, o fenômeno, não importando sua natureza real ou fictícia.

A fenomenologia busca alicerce nos dados levantados, vislumbra no fenômeno o que está presente:

A primeira e fundamental regra do método fenomenológico: “avançar para as próprias coisas”. Por “coisa” entendemos simplesmente o dado, o fenômeno, aquilo que é visto diante da consciência. A fenomenologia não se preocupa, pois, com algo desconhecido que se encontre atrás do fenômeno; só visa o dado, sem querer decidir se esse dado é uma realidade ou uma aparência. (PRODANOV, 2013, p.35).

Segundo Martins (1983), a maior contribuição da abordagem fenomenológica se faz no sentido de abrir possibilidades da descrição da realidade vivida, buscando a análise e a descrição do mundo. A existência humana, na sua complexidade, é o ponto de central importância.

Martins (1983, p. 43) destaca que a fenomenologia existencial:

Descreve as condições da existência que incluem o poder de fazer escolhas dentro dos limites da facilidade humana e dos modos iniciais de existir. Essa descrição torna o ser capaz de refletir, de explicar e de julgar as suas experiências no mundo. Também é importante compreender as relações pré-reflexivas do homem no seu mundo que é a fonte ou as condições da possibilidade de qualquer experiência de mundo. Se por um lado a consciência reflexiva e julgamento são importantes aspectos da existência humana, por outro lado, as estruturas pré-conceptuais, pré-lógicas que constituem a origem da experiência, antes que se possa ter qualquer idéia de experiência, constituem condições importantes a serem pensadas.

Lopes e Sousa (1997) reforçam que a abordagem fenomenológica é um caminho significativo para o pesquisador que, a partir de suas inquietações, busca o fenômeno por meio de quem vivencia uma determinada situação, pois é uma concepção que está voltada para a pessoa, uma atividade de afirmação do sujeito enquanto ser histórico.

Como apoio, utilizamos a história de vida dos idosos, que serão o público-alvo deste estudo. Segundo Santos (2001, p. 226):

Na atualidade, muitos pesquisadores buscam dados por meio da história de vida, para investigação relacionada com a antropologia, a sociologia, a ciência política e em outras áreas do conhecimento. Os dados são levantados por meio de entrevistas que exploram aspectos que envolvem a vida dos entrevistados, procurando reconstruir a sua vida até o presente.

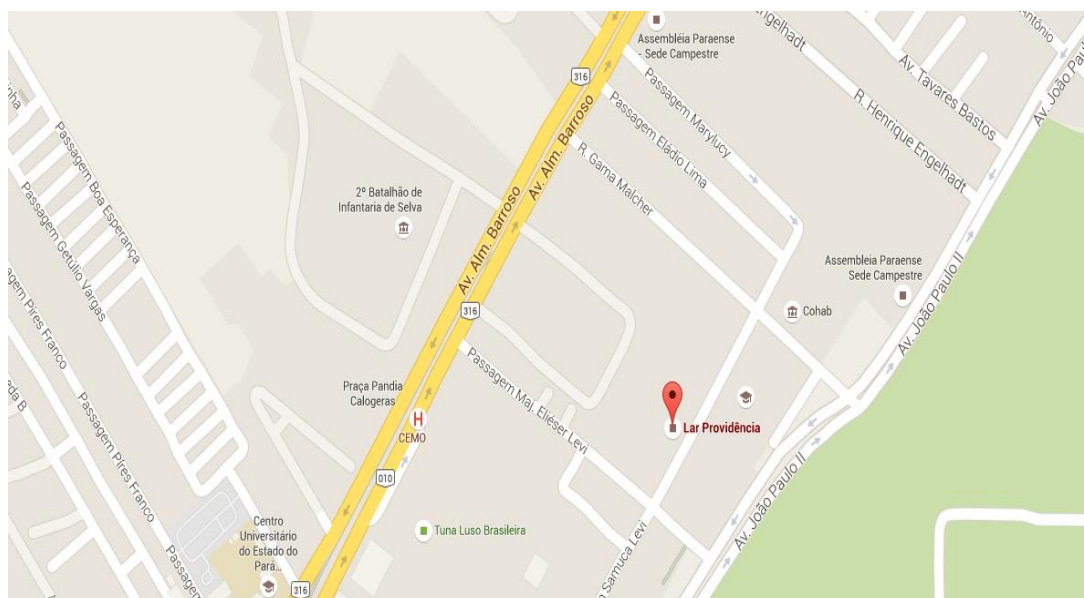
Pode também ser entrevistado indivíduo que conheça a pessoa da qual se interessa a pesquisa. Esta técnica é bastante usada nas pesquisas participantes e em pesquisas que se utilizam do método dialético, em estudos sociais e políticos em grupos sociais.

É inevitável não apresentar aqui que essa nossa aproximação com o público-alvo dessa pesquisa é ora benéfica, ora dificultosa, porque estamos inseridas em um universo afetoso e amoroso. Nesse contexto, entendemos que se faz necessário estabelecer certo distanciamento no momento da análise, na perspectiva de assumir uma postura crítica em relação ao trabalho de pesquisa que está sendo realizado. Esta tarefa se constitui para o pesquisador um exercício árduo, que pretendemos vencer no decorrer do trabalho de investigação.

### 1.3.2 O *locus* da pesquisa

O *locus* dessa pesquisa situa-se na Rua Samuca Levi, número 25, bairro Souza, Belém-PA. Na figura 1, encontramos a localização do local em que esta investigação foi realizada:

**Figura 1** – Localização do Lar da providência



Fonte: Google Maps.

O Lar da Providência foi fundado em 14 de maio de 1981, pelo Governador do Estado Alacid da Silva Nunes e pela Presidente da Fundação “Bem-Estar do Pará” Fernanda Pereira de Barros e contou com o apoio da IV Feira da Providência,

coordenada pela então primeira dama do Estado, a senhora Marilda Nunes. Santos (2011, p. 38) relata que o referido espaço era:

um pensionato destinado a abrigar idosos via pagamento, o idoso que vinha morar neste espaço buscava um local seguro, companhias de pessoas da sua mesma faixa etária. Eram idosos independentes, com família, com poder aquisitivo que garantia de forma satisfatória suas necessidades de saúde, alimentar, vestuário e lazer.

Em 1992, o Estado criou a Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social, que passou a gerenciar os serviços de proteção social direcionados à criança, ao adolescente e ao idoso, visando promover espaço voltado ao desenvolvimento da cidadania, além de ações destinadas à geração de renda e trabalho. Com a mudança de Gestão, a Unidade Atendimento e Permanência do Idoso (UAPI) “Lar da Providência” muda o enfoque de atendimento, abrigo idosos em situação de vulnerabilidade social e pessoal.

Em 2000, com dificuldade de atendimento, devido a sua estrutura física precária, o abrigo Dom Macedo Costa entrou em reforma e transferiu alguns idosos para o Lar da Providência, concretizando, a partir daquele momento, a mudança do perfil dos idosos atendidos por esta unidade, pois aquele atendia idosos sem vínculo familiar, dependentes e com baixa ou sem renda, tendo seus atendimentos de saúde, alimentação e vestuário providos pelo Estado.

Segundo Santos (2011, p. 42, grifos nossos):

Diante deste novo quadro de idosos atendidos pela UAPI Lar da Providência, a referida unidade passou a trabalhar com dois vínculos de atendimentos a pessoa idosa que passaram a ser denominados: os **Pensionistas** e os **Tutelados**. Os pensionistas pagam o apartamento, moram sozinhos, administram seus recursos financeiros, alguns possuem família com a qual mantêm um vínculo familiar. Os tutelados dividem seu quarto com outro idoso, 70% de sua renda é administrado pela unidade, salvo alguns idosos independentes que administram seu próprio dinheiro.

Em 2004, com o fechamento da UAPI de Val-de-Cans, o Lar da Providência recebeu novos idosos com o mesmo perfil daqueles remanescentes do abrigo Dom Macedo Costa, aumentando seu atendimento a idosos tutelados pelo Estado. Já em agosto de 2007, foi criada a Secretaria de Desenvolvimento Social/SEDES, que passou a coordenar os serviços das casas de longa permanência para pessoa idosa, incluindo a unidade do *lócus* da pesquisa. Paralelamente a esses acontecimentos, surgiram, no cenário nacional, políticas de atenção à pessoa idosa,

o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), que vem determinar, dentre muitas outras coisas, o atendimento à pessoa idosa nas unidades de longa permanência.

No que tange à estrutura física do Lar da Providência, Santos (2011, p.42) descreve que:

A sua estrutura física é composta por 47 apartamentos todos com banheiros, medindo 28m<sup>2</sup>, 1 refeitório, 1 cozinha, 1 sala de visita, 2 salas de estar, 4 salas para setor administrativo, 1 enfermaria, 1 capela e 1 almoxarifado.

O corpo técnico da unidade é composto por Direção, Assistentes Sociais, Médicos, Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem, Agentes Administrativos, Monitores, Cozinheiras e Serventes. Suas ações são coordenadas pela “Fundação Bem-Estar do Pará”. O trabalho dos monitores é de apoio às atividades instrumentais aos idosos moradores do Lar da Providência.

O NEP desenvolve suas atividades nesse ambiente educacional desde 2006. Atualmente, elas ocorrem às terças-feiras, no horário de 9:00 às 11:30 da manhã.

### 1.3.3 Sujeitos

Os sujeitos participantes desta pesquisa são 6 (seis) idosos que participam das atividades do NEP, na ILPI Lar da Providência: dona Maria, dona Josete e, seu Olindo, seu Edemar, seu Marcos e seu José. O perfil sócio-econômico desles é bastante diversificado, em decorrência da própria forma como foi se constituindo historicamente o abrigo (ver 1.3.2), com indivíduos de boa situação financeira e com outros oriundos das classes populares. Esta realidade ainda é comum, embora o abrigo seja público, financiado por um órgão governamental.

Os critérios de escolha dos sujeitos foram quatro:

- 1) Pessoas com disponibilidade e interesse em colaborar com o estudo;
- 2) Pessoas ligadas ao trabalho de educação popular do NEP;
- 3) Pessoas que ao longo de sua vida tiveram alguma vivência de escolarização;
- 4) Pessoas que apresentassem capacidade cognitiva preservada.

No espaço, pensionistas e tutelados frequentam as atividades desenvolvidas pelo NEP, posto que essa diversidade econômica não interfere de forma significativa ou determinante no trabalho dos educadores. O que se busca é desenvolver um

trabalho de interação psicológica, pedagógica e social. Santos (2011, p. 43) revela o perfil de alguns idosos que fizeram parte do *corpus* desta pesquisa:

Estes idosos/educandos apresentam grande carência afetiva, são homens e mulheres inseridos em um contexto, muitas vezes, de abandono pelos familiares, sendo assim é natural que exista certa resistência em participar do grupo por medo de se expor, de apegar-se aos educandos e, quando esses forem embora, acharem-se incapazes de conseguir aprender ou ensinar algo a alguém. Por estarem em um espaço historicamente concebido como um lugar de abandono, estes idosos demonstram comportamentos bastante melancólicos ou depressivos, refugiando-se em seu mundo e excluindo-se de qualquer tipo de socialização.

Os idosos são oriundos dos mais diversos estados e municípios do Brasil, que, por algum motivo, vieram morar em Belém do Pará. Abandonados por suas famílias foram acolhidos na ILPI Lar da Providência. Esses idosos moram a muitos anos no espaço de acolhimento. São pessoas que foram excluídas do convívio familiar, com baixa autoestima, por terem sido abandonadas e segregadas, que carregam o peso da rejeição e exclusão social em suas vidas.

Todos participam das atividades realizadas às terças-feiras pelos educadores do NEP, em encontros que são destinados a proporcionar alfabetização, pós-alfabetização, atividades lúdicas e de bem-estar. No quadro 2, encontramos o perfil dos sujeitos.

**Quadro 2 – O perfil dos sujeitos**

NOME	IDADE	NATURALIDADE	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
José	77	Belém	Marceneiro	4º série incompleta
Maria	73	Benevides	Empregada doméstica	4º série incompleta
Josete	70	Belém	Professora	Magistério
Edemar	75	Belém	Feirante	2º série incompleta
Marcos	71	Belém	Pedreiro	Fundamental completo
Olindo	73	Soure	Carpinteiro	4º série incompleta

Fonte: Dados da pesquisa de Leal (2017).

#### 1.3.4 Procedimentos de coleta de dados

No decorrer dessa pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico pautado no referencial teórico de Freire (1979; 1980), Le Goff (1990), Halbwachs (1990), Thompson (1992), Bosi (1987, 1994), Bérghson (2006), Delgado (2006), Fares (2010) e Mucida (2009). Esses estudos contribuíram para a compreensão do objeto de



estudo e análise dos dados produzidos na investigação. Além disso, procuramos destacar os autores dos seguintes campos temáticos: a) estudos sobre memória; b) estudos sobre o idoso na educação de jovens e adultos; c) estudos sobre a educação de idosos em instituições de longa permanência.

Embora a aprovação do Estatuto do Idoso, em 2003, tenha possibilitado um pequeno aumento na produção acadêmica que privilegie a temática “Idoso”, os trabalhos que vem sendo produzidos ainda são muito voltados à questão da saúde. Dessa forma, identificamos que a temática “memória dos idosos” ainda se constitui como uma temática secundarizada na área da educação.

Como técnica, adotamos a entrevista semiestruturada (Apêndice 2), que foi realizada com questões que possibilitaram explicitar a memória dos idosos sobre sua trajetória escolar.

Para Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010, p. 46), a entrevista semiestruturada consiste em “um roteiro pré-estabelecido, mas, na sua aplicação, o entrevistador pode acrescentar novas perguntas, conforme o teor da narrativa do entrevistado”.

Para entender melhor o contexto que os sujeitos estavam inseridos, foram entrevistados 6 idosos, além de ter sido feito um levantamento profundo por meio de relatórios de atividades do NEP.

### 1.3.5 Análise de dados

Após a produção de dados, iniciamos a sistematização e análise do corpus. Adotamos a análise de conteúdo de Bardin (2011) e nos apoiamos em Oliveira e Mota Neto (2011), a partir do uso de um dos seus elementos, que é a categorização dos dados.

A categorização, para Oliveira e Mota Neto (2011), origina grupos de classe que reúnem elementos da unidade de registro. Deste processo, podem surgir categorias analíticas ou categorias temáticas, sendo que as analíticas se originam por meio do referencial teórico e as temáticas são elaboradas após a análise do material (BARDIN, 2011).

Ao aprofundarmos as discussões sobre as memórias dos idosos sobre sua escolarização outras categorias temáticas foram construídas, tais como *as causas do abandono escolar e a memória sobre a docência*. Para isso, foi preciso buscar os

temas que orientassem as categorias temáticas, visto que elas “constituem o que denominamos de indicadores de análises [...] e podem ser organizadas a partir de palavras-chave, de ideias fundantes ou de temas que aglutinam determinadas informações” (OLIVEIRA; MOTA-NETO, 2011, p. 164).

### 1.3.6 Cuidados éticos

Esta pesquisa parte de um conjunto de cuidados éticos, na medida em que se trata de um público constituído de idosos vulneráveis. Isso implica saber que a ética:

Está relacionada ao processo de construção da cidadania e de inclusão social, na medida em que problematiza, de forma crítica, as situações de desrespeito à vida, aos direitos humanos e ao ambiente, à exploração e discriminação de pessoas por diversos fatores e à moral vigente na sociedade, que se caracteriza pelo individualismo e o utilitarismo ao valorizar o ter ao invés do ser; moral do vale-tudo, do saber salve-se-quem-puder, do cada-um-por si, em que prevalece o egoísta sobre a solidariedade (OLIVEIRA, 2004, p.46).

Pesquisar um público que apresenta vulnerabilidade requer um engajamento político por parte do pesquisador com a camada oprimida a que ele se propõe pesquisar. Utilizando as palavras de Freire (apud OLIVEIRA 2000, p.133),

Aceitar o sonho do mundo melhor e a ele aderir é aceitar entrar no processo de luta profundamente ancorado na ética. De luta contra qualquer tipo de violência. De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. De violência contra os fracos, indefesos, contra as minorias ofendidas. De violência contra os discriminados não importa a razão da discriminação. De luta contra a impunidade que estimula o momento entre nós o crime, o abuso, o desrespeito aos mais fracos, o desrespeito ostensivo à vida.

Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010, p. 11) esclarecem que a ética faz parte ou deveria fazer parte da vida de todo pesquisador consciente de suas decisões, posto que o nosso dever ético é a construção da cidadania e da inclusão, reforçando assim os direitos que todo ser humano tem. Para os autores,

A ética está relacionada ao processo de construção da cidadania e de inclusão social, na medida que problematiza de forma crítica as situações de desrespeito à vida, aos direitos humanos e ao ambiente, à exploração e à discriminação de pessoas.

Os idosos que aceitaram participar dessa pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), para que estivessem conscientes

do que a pesquisa trata e para que seu direito, enquanto protagonista dessa pesquisa, fosse respeitado.

O termo de consentimento livre e esclarecimento ou consentimento informado garante à pessoa participante da pesquisa a capacidade para decidir, ou seja, a voluntariedade. A pessoa-participante deverá receber informações em linguagem adequada e sobre os objetivos, procedimentos, riscos (possíveis) e benefícios (esperados) da pesquisa, bem como sobre os direitos enquanto participante. A autorização se materializará na assinatura do documento pela pessoa participante da pesquisa (OLIVEIRA, 2004, p.12).

Além disso, obtivemos a permissão da referida instituição e da Secretaria de Desenvolvimento Social (Anexo 1), ressaltando-se que, dentre as inúmeras ILPIs existentes, priorizou-se uma em que tivemos, na qualidade de educadora popular, uma rica atuação profissional com os idosos, parecendo oportuno retornar ao local dessa vivência. A escolha deste espaço também se deu em decorrência dos seus atributos naturais, visto que ela pertence a um rico universo onde idosos são moradores e, por suas características socioculturais, podem contribuir com os dados da pesquisa.

É importante destacarmos que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UEPA, sob número de parecer 2.091.328, o que autoriza e atesta sua validade de cunho ético.

Os encontros para orientação, que aconteceram para as definições do projeto de pesquisa, foram decisivos para se chegar a seção teórica. Não restam dúvidas de que a memória é a melhor temática a ser abordada. Porém, outras perspectivas precisaram consideradas e, a cada encontro, novas ideias surgiram, possibilitando olhares que foram interessantes para a pesquisa, partindo da vivência que pudemos ter no espaço que investigamos.

Destacamos aqui a dificuldade de se falar sobre memória, sendo essa uma importantíssima função humana e psicológica, que nos move a todo o momento e traz reflexos muito profundos em nossa sociedade. É a partir da memória que um povo escreve sua história...

Falar de uma temática tão relevante nos proporcionou uma formação profissional muito grande e produtiva. Quando refletimos sobre os efeitos da memória em nossa sociedade, percebemos que ela é a base da formação de nossos imaginários, cultura e relações. Nessa perspectiva, pude avaliar em minha atuação, como educadora do NEP, junto ao grupo de idosos que o passado, seja ele advindo

de uma história de vida seja mesmo de acontecimentos do cotidiano, é, muitas vezes, privado de expressão no meio social. É, assim, é oprimido, secundarizado e inferiorizado.

O idoso necessita construir relações amorosas e afetivas que respeitem e dialoguem com sua memória. É evidente, após a tessitura de cada parágrafo desta dissertação, que, em uma leitura empírica, denotamos à memória uma função muito simplória. No entanto, esta vai se desmistificando e se apresentando como parte fundamental da existência humana, a partir de uma leitura mais ampla.

Assim, por meio da memória dos idosos sobre seu tempo de escolarização, teremos possibilidades de compreender como o idoso vivenciou seu tempo de escolarização e como esta vivência influenciou na sua vida pessoal.

#### 1.4 Organização da dissertação

Organizamos a pesquisa em quatro seções. Na primeira seção, intitulada de **Introdução**, contextualizamos o objeto e as motivações desta pesquisa, além de descrevermos o percurso metodológico da pesquisa, com destaque para a abordagem fenomenológica, o tipo de estudo, os sujeitos da pesquisa, o *lócus* e as técnicas de produção de dados utilizadas.

Na segunda seção, intitulada de **Memória de idosos: bases teóricas da pesquisa** trazem autores que dialogam sobre a memória, apresentando o seu percurso histórico. Situamos, logo mais, os marcos importantes da garantia dos direitos do idoso, sobre o ato de recordar, até chegarmos no processo de envelhecimento humano. Finalizamos sinalizando as necessidades de o idoso ser respeitado em sociedade.

A terceira seção versa sobre **o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire-NEP**, trazendo para o debate a apresentação das práticas que são desenvolvidas pelo grupo, dando ênfase no trabalho realizado com os sujeitos privilegiados neste estudo.

Na quarta seção, tratamos da **Memória dos idosos sobre seu tempo de escolarização**, buscando, por meio das narrativas de vida, trazer os relatos da experiência educacional que tiveram, destacando as memórias sobre como era a escola, as causas do abandono escolar, as recordações da professora e das

práticas pedagógicas. Por último, buscamos compreender a influência das práticas do NEP na vida dos idosos.

Nas **considerações finais**, fazemos reflexões conclusivas sobre o estudo.

## 2. MEMÓRIA DE IDOSOS: BASES TEÓRICAS DA PESQUISA

Para iniciarmos um debate sobre memória, é necessária uma reflexão que nos ajude a entender esse conceito. Quando recorremos aos aspectos míticos da memória, Fares (2010) destaca que ela tem sido pensada desde a antiguidade clássica, na Grécia, através da figura da deusa Mnemosyne, que era a responsável pela inspiração de poetas e de videntes da época, considerados guardiões dos cálices reais.

Ainda bebendo na fonte da mitologia grega, a deusa Mnemosyne era uma divindade que representava a memória e tinha a grande responsabilidade de promover a conexão entre o presente e futuro. Delgado (2006, p. 47) narra que,

A deusa mnemosyne, uma das divindades alegóricas amada por Júpiter, tinha a função prioritária de fazer do que passou tanto o sedimento do presente como esteio do futuro. Uma de suas filhas, Clio, que representava a história, trazia em si a seiva da eternidade. Em outras palavras, constituía-se como antídoto do esquecimento, através dos tempos vividos.

Mucida (2009) nos esclarece que Mnemosyne (a memória), na mitologia grega, deu à luz a nove musas protetoras das artes e das ciências. Por meio de um poder divino, oferecia aos poetas e videntes da época a oportunidade de retornarem ao passado, entendendo que, dessa forma, a história não se perderia. Era uma tentativa de garantir a imortalidade daquele povo.

De acordo com Bosi (1994), a deusa responsável pela memória preside então a função poética que exige intervenção sobrenatural, pois a memória é historicamente conduzida por essa deusa como um poder sagrado. Ainda segundo o mesmo autor, a sociedade, na Grécia antiga, era caracterizada pela oralidade, mas, com a invenção da escrita, houve um favorecimento do registro dos fatos individuais e sociais, o que enfatizaria que a função da memória não é reconstruir o tempo ou tampouco anulá-lo. A função da memória era, então, a de “gerar eternidade” a um povo, visto que a memória é avaliada como uma construção histórica em que a vivência individual é transformada em bem coletivo.

Para Delgado (2006, p. 28), a história e a memória estão em permanente consonância e mobilidade, haja vista que “tanto a história como a memória, apesar de distintas, têm substância comum: são fontes de imortalidade”. Sob essa perspectiva, entende-se a lembrança como um passado que serve como possibilidade de atualização do presente. A memória, dessa forma, deve passar por

um severo processo de atualização, o que possibilita ao passado uma intercomunicação para transportar experiências, sentimentos, sensações e expectativas... todo esse arcabouço mítico, social, psicológico e afetivo que é bagagem para o futuro.

Não podemos deixar de destacar que, atualmene, a memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, e localiza cronologicamente. Na civilização grega, por outro lado, ela era vidência e êxtase. Para Bosi (1994, p.39), “O passado revelado desse modo não é antecedente do presente, é a sua fonte”. Assim, podemos considerar que o passado serve de alicerce para o presente e que ambos são cruciais para o futuro. Neves (1998, p.218), conceituando a memória, aponta que:

O conceito de memória é crucial, na medida em que se cruzam, passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões matérias e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento.

Quando recorremos a uma definição puramente técnica, encontramos, no dicionário, a memória sendo definida como “faculdade de consciência passada e tudo quanto se acha associado aos mesmos”. Tal definição não parece suficiente para apreciar a grandeza de tal função psíquica construída pelo ser humano pois, para Delgado (2006, p. 26):

A memória é o melhor ponto de partida para navegarmos com desejo de vento e profundidade. De fato, quando na busca de construção de identidades, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias e processam “longa viagem”, através de uma dinâmica que pode apresentar um caráter espontâneo ou direcionado.

A memória sendo destacada como rica dimensão mítica, social e psicológica deve ser compreendida, portanto, como uma necessidade e um direito fundamental do ser humano de se expressar. Trata-se de uma construção tanto individual quanto coletiva, que deve ser entendida como um pressuposto histórico e fecundo.

Devemos, aliás, compreender a função social da memória como fio condutor histórico da sociedade, que permeia a construção de identidades. Delgado (2006, p. 49) define a memória como:

A busca de construção de conhecimento e reconhecimento de identidades que motiva os homens a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais que se constituem nas referências reais da lembrança. Na verdade, para se recordar e também para se analisar os

processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos, que se constituem como elementos peculiares de reatualização mental do passado.

Nessa linha de raciocínio, a função de recordar pode ser delineada como fator promotor e construtor de identidade. Quando paramos para imaginar quem são os sujeitos que compõem e tecem a história de nossa sociedade, emergem uma série de reflexões sociais que nos caracterizam como uma sociedade rica em história, por fazer parte de uma construção permeada por diferenças étnico-raciais. De resistência e de multiplicidade.

O estudo, a ser levantado nesta pesquisa, surge exatamente com o objetivo de contemplar a memória ressignificada e advinda de idosos com experiências e saberes muito específicos e individuais, saberes esses que pintam um cenário muito particular na vida de cada um e que são necessários para uma avaliação ampla de um dos períodos mais enriquecedores da vida humana, “o período da escolarização”.

Recordar, sob o ponto de vista adotado nesta dissertação, é fundamental para a tessitura de novas perspectivas para o futuro, constituindo um ato que se dá em um corpo que emerge de emoções e trilhando, dessa forma, um caminho árduo.

Enfatizamos, neste parágrafo, o ato de recordar como um precioso alicerce para a sociedade, desqualificando qualquer ato de preconceito que o idoso ainda sofra hoje, a partir do momento em que tem seus direitos negados. Entendemos que essa privação de direitos se inicia a partir do momento que a memória desse idoso é menosprezada, desqualificada e oprimida, tema esse que é, a seguir, abordado.

## **2.1 O idoso e a opressão: o cerceamento do direito de recordar**

Teorizada a memória, faz-se necessário refletir a importância dos idosos em nossa sociedade. A eles, cabe o nobre papel de ressignificar experiências por meio da memória e conectar os fios condutores entre o passado, o presente e o futuro para – assim – orientar as novas gerações a partir de suas vivências.

É inevitável que destaquemos aqui o abuso sofrido pelos idosos que compõem nossa sociedade. Essa opressão se dá a partir do cerceamento dos direitos desses idosos de se expressarem por meio de suas recordações. Muitas das histórias desses sujeitos permanecem guardadas num local especial e particular – seu próprio corpo. Freire (1996, p. 58) lembra que:



Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre tudo o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombrar em face do mistério, sem apreender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 1996, p. 58).

Dessa maneira, o papel do idoso é ser sujeito produtor e contador de história. A respeito disso, Mucida (2009, p. 39) destaca que:

A velhice guarda uma história a ser repassada às novas gerações, a ser reescrita, enlaçando os traços que penduram na memória dos que envelhecem aos das novas gerações. A prática de contar casos, tão comum nas cidades do interior do Brasil, perde-se com o avanço das novas tecnologias, em especial as televisivas. Nesses recantos de fim de tarde e à noite as pessoas teciam suas vidas, atualizavam o tempo, cantado melodias, contando histórias e vivificando também a memória cultural.

Os idosos possuem o importante papel de orientar as novas gerações a partir de suas experiências, ressignificando suas vivências em consonância com sua memória. Porém, muitas vezes, a tarefa de recordar é desprestigiada, por não gerar lucro ao sistema capitalista. Esse fato, infelizmente, se agrava mais a cada dia com a chegada das novas tecnologias, tal como consta na citação acima.

A sociedade rejeita a presença do idoso, não oportuniza nenhuma sobrevivência à sua obra. Os idosos oriundos de classes favorecidas economicamente defendem-se da discriminação por meio da acumulação de bens. Já os idosos oriundos das classes populares da sociedade sofrem uma discriminação duplamente severa, ora pelo fato de serem idosos e taxados como improdutivos, ora por não gerarem bens materiais ao sistema.

Freire (1987) defende que o papel do homem na sociedade vai para além de produzir bens materiais, envolvendo também a produção de ideias, concepções, história e memória. Toda a cultura de um povo, bem como o seu patrimônio material e imaterial são retratos das lembranças desse povo. Recordar, desse modo, passa a ser um ato de resistência diante da vida moderna, em que tudo é muito rápido. A memória advinda desses idosos é alvo de descrença e falta de interesse pois, como recorda Mucida (2009, p. 78),

Apesar do crescimento vertiginoso da população idosa, ainda são incipientes os conhecimentos e estudos sobre a velhice tal como ela se apresenta em nossos dias. A velhice dos séculos passados ou de nossos

avôs não é a mesma de hoje, porque, evidentemente, sofremos os efeitos de toda a produção de saber atual.

A opressão em relação à memória promove no idoso uma introjeção de ser incapaz e improdutivo. Freire (1979, p.32) reflete que:

O desprezo por si mesmo é outra característica do oprimido, que provém da internalização da opinião dos opressores sobre ele. Ouvem dizer freqüentemente que não servem pra nada, que são débies, preguiçosos, improdutivos que acabam por convencer-se de sua própria incapacidade.

Mucida (2009) estabelece que a memória, nos tempos atuais, é desvalorizada pela lógica dominante do avanço tecnológico. Ela convida os sujeitos a cederem suas diferenças em prol de uma única forma de viver. Hoje, tudo passa muito rápido. A história é vista como algo sem importância. “O tempo não para”. Assim, a voz da experiência não é válida.

É mister analisarmos que o papel do idoso na sociedade vai para além de um ser incapaz e improdutivo, pois esse possui uma história única de vida. Logo, tem sua própria leitura de mundo. Freire (1980) destaca que todos os sujeitos são detentores de uma leitura de mundo que surge a partir de suas vivências, independente de raça, religiosidade, cultura ou mesmo poder aquisitivo. A leitura de mundo é trazida por meio das experiências vivenciadas ao longo da vida dessas pessoas e das relações pessoais e interpessoais vividas.

Tentando desmistificar as avaliações e preconceitos vinculados ao sujeito idoso, queremos aqui destacar que o envelhecimento e o ato de recordar não são depreciativos, mas uma fase da vida que nos toca a cada dia desde que nascemos. O tempo deposita marcas em nossas vidas que nos acompanham para sempre. No corpo que envelhece, estão presentes as marcas das histórias que vivemos. Para Mucida (2009, p.23):

Na vida, há traços de cada um que não se perdem jamais e não se alteram com a passagem do tempo. Significa que cada um escreve, desenha, pinta, tece, conta ou canta sua velhice em conformidade com sua forma de lidar com a vida. A velhice não traz em cena outro sujeito.

Segundo Lima (2010, p.16), “carregamos em nossa memória recortes de tudo o que vivemos e que foi significativo para nós”. A autora destaca que, independente de nossas experiências vividas serem boas ou ruins, elas sempre nos acompanharão, pois esta é a prova de que somos seres humanos em processo de atuação direta com o mundo.

Bosi (1994), por sua vez, trata da reconstrução do passado como parte fundamental e inerente à sobrevivência humana, idealizando que o passado se conserva no espírito de cada ser humano e visualizando que isso não significa que o passado é imutável: muito pelo contrário, ele vai se relativizando com o passar do tempo.

Fatores sociais contribuem diretamente para a relativização da memória, que passa de individual para coletiva quase que diretamente. A todo momento, o consciente e o inconsciente dialogam com nossas funções psicológicas.

Esses recortes, que acompanham cada sujeito, os distinguem de todos os outros seres. Cada um carrega sua própria história de vida, que não se modifica com o tempo. Para Mucida (2009, p.23):

A psicanálise nomeia isso de “temporalidade do inconsciente”: oferecem ao sujeito uma perspectiva de que afinal o tempo não passou. A sensação de que somos os mesmos acarreta dificuldades em nos reconhecermos na imagem que os espelhos nos oferecem em diferentes momentos da vida.

A memória guarda, assim, fragmentos que remetem o sujeito a algo vivido, imaginado ou simplesmente desejado. Quando excluído, por algum motivo, do convívio familiar e ingressa em uma ILPI, o idoso inundado por suas vivências precisa relatar suas experiências por meio do diálogo.

## **2.2 O envelhecimento e a memória**

Como o envelhecimento é um processo lento, o percebemos muito mais nos outros do que em nós mesmos. É importante destacar que a memória se delineia a partir das experiências vividas diariamente e que apresenta outros olhares sobre o que foi vivido. Por estarmos mergulhados nesse processo de envelhecimento, torna-se difícil assimilar o que seja a velhice.

Na medida em que refletimos acerca dessas questões, retomamos aos estudos de Mucida (2009), que atenta para a nossa dificuldade de estabelecer em que ponto a velhice se instala, visto que ela acontece no decorrer da vida e que nós estamos imersos nesse transcorrer. A memória se funda à medida que o ser humano vive. Afinal, a vida precisa de sustentação, fundamentando-se, na maioria das vezes, num concreto que só existirá à medida da resignificação a qual nossa mente se propõe.

Essa vivência com o mundo produz no homem um sentimento de pertencimento, que é traduzido por meio das lembranças que constituem sua memória. Essa memória, por sua vez, é algo traçado e ressignificado com base nas vivências desse sujeito no mundo.

A memória simboliza a necessidade do idoso de afirmar-se como sujeito histórico, pois, segundo Delgado (2006), na antiga Grécia, a função da memória era conferir imortalidade ao ser humano, integrá-lo ao tempo através da história. Com isso, o passado surge na perspectiva de ser um suporte para o presente e potencialidade do futuro. A memória era avaliada enquanto atualização do passado, não sendo considerada imutável, mas apresentando a possibilidade de ser ressignificada com o tempo e proporcionando ao ser humano uma contínua releitura do vivido.

Para Bosi (1994), a experiência da releitura é apenas um exemplo, dentre muitos, da dificuldade, se não da impossibilidade de reviver o passado tal e qual. A autora salienta que os próprios idosos relatam quererem, por vezes, lembrar de um fato e confundirem a sua própria lembrança com o que ouviram de outras pessoas.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, e com a profissão... enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiar a esse indivíduo. Não podemos deixar de destacar que os sujeitos desta pesquisa são pessoas idosas, em sua maioria, abandonadas por suas famílias. Dessa forma, suas recordações são rebuscadas pela exclusão.

Acerca de tal processo de exclusão, Freire (1987) afirma que nossa função é dialogar com esses sujeitos, respeitando sua visão de mundo. Mesmo com o grande avanço das novas tecnologias, somos convidados a refletir acerca das problemáticas existenciais desses sujeitos, não com a imposição da nossa visão de mundo, mas buscando proporcionar ao idoso uma visão crítica da sua contribuição junto à sociedade a partir de sua própria leitura do mundo, manifesta por meio do ato de recordar.

O ato de recordar passa, assim, a ser tomado como uma energia positiva que emerge no ser humano, pressuposto tão explorado por Paulo Freire. Para o autor, recordar passa pelas dimensões sociais e culturais, haja vista que toda lembrança deve ser considerada uma ação afetiva, amorosa, crítica, educativa e conscientizadora.

É na relação com o mundo e com os seus pares que o idoso consegue transbordar suas emoções. Toda a sua existência passa a ter sentido quando seu saber, cultura e experiências são considerados. Por meio da oralização e da contação de seus casos, esse idoso consegue exteriorizar seus saberes.

Assim, consideramos pertinente a idéia de Halbwachs (apud Bosi, 1994), acerca da memória oral. Sob seu ponto de vista, a oralidade amarra a memória da pessoa à memória do grupo, e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada indivíduo.

Ao discorrer sobre o processo de memorização, Chauí (1994, p. 128) afirma que:

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado, e é também o registro do presente para que permaneça como lembrança. Alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato puramente biológico, isto é, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e idéias, gestos e palavras. [...]. Essa teoria não se sustenta. Em primeiro lugar, se a memória fosse mero registro cerebral dos fatos e coisas passadas, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, isto é, que selecionamos e que a lembrança tem como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (há lembranças alegres e tristes, há saudade, há arrependimento e remorso). Em segundo lugar, também não se poderia explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e ter facilidade para recordar outras tantas [...], entram componentes subjetivos para formar as lembranças. [...] São componentes subjetivos: a importância do fato e das coisas para nós; o modo como alguma coisa nos impressionou e ficou gravado em nós; a necessidade para nossa vida prática ou para o desenvolvimento de nossos conhecimentos; o prazer ou dor que um fato ou alguma coisa produziu em nós etc.

Acreditamos desse modo, que a memória passa pelo processo de resignificação, à medida que o nosso mecanismo cerebral seleciona as mais variadas informações. O que é considerado indiferente é descartado. O que promove lembranças desagradáveis é alterado. Fortalecemos, assim, o entendimento de que a memória passa por severa manutenção em nosso mais profundo desenvolver psíquico, pois de acordo com Bosi (1994, p. 68),

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadrado total, novo sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.

A memória nunca é mantida em sua inteireza de fatos. O passado, então, é resgatado por meio das lembranças sob um novo direcionamento. As lembranças

sofridas e dolorosas vão se modificando e sendo relidas ao modo de quem recorda. As alegrias recordadas ganham novos realces, e o passado, portanto, vai sendo redesenhado e esquecido.

Levando em consideração o fato de que o idoso se constitui como sujeito desta pesquisa, podemos inferir que o seu processo de exclusão influenciou diretamente as suas experiências de vida. Desse modo, entendemos que quaisquer restrições que esse sujeito tenha ao falar sobre questões existenciais, trazem-lhe à tona uma releitura de situações de exclusão como um processo natural.

Mucida (2009) relata que a memória é constituída de traços das experiências vividas, sentidas ou imaginadas. Não importa se uma lembrança que retorna liga-se a algo vivido daquela maneira, se foi imaginado ou apenas desejado. A memória guarda em seus registros, impressões arcaicas, percepções, sentimentos, projeções, fantasias e toda sorte de afetos que não se desfazem, mas nem todas podem ser lembradas. Cabe-nos, nesse momento, remetermos a Delgado (2006, p.16), que afirma:

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica, pelo processo da recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstrução do que passou segundo o olhar de cada depoente.

Bosi (1994) faz uma comparação muito positiva, quando diz que o processo de ressignificação da memória se direciona em momentos como quando, por exemplo, lemos uma história em um livro. Muitas vezes, o enredo de uma história é escrito por um autor que nem conhecemos, mas ela passa a ter real sentido quando usamos nossa imaginação e desenhamos todo o seu percurso a nosso modo. Além disso, ao recontar esse mesmo enredo, nunca recontaremos numa narrativa tal qual é em nossa primeira leitura, pois esta será direcionada e recontada à nossa maneira e sob a nossa seleção dos fatos. Existe, portanto, um mecanismo cerebral, que é feito precisamente para recalcar a quase totalidade do passado no inconsciente e só introduzir na consciência as lembranças que esclareçam e auxiliem em alguma situação do presente, como destaca Bergson (2006).

Para Le Goff (1990), a memória possui uma rica função psíquica e, diante dela, o homem pode atualizar: a) informações, b) impressões do passado, c) ideias que ele entenda como passadas. Essa afirmação intensifica ainda mais a assertiva de que a memória é algo que passa por um intenso processo de reformulação: ela

não é estática e muito menos se configura como algo imutável, pois é transitiva e ativa, afirma o homem enquanto sujeito produtor de história.

Destarte, reler o passado significa reelaborar o que foi vivido. Bosi (1994, p.48) explica que “narrar a própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”. Narrar o vivido é, portanto, revigorante para todos aqueles que têm muito a contar, um testemunho vivo de quem tem muito para ensinar. Os avanços tecnológicos não serão capazes de suprir a necessidade humana de se relacionar com o outro por meio do diálogo, o que nos faz pensar na necessidade de que nos orientemos ainda pelas experiências de quem já passou por tantas situações.

Relações dialógicas e dialéticas cercam a vida desses sujeitos idosos, sujeitos que, embora marginalizados pela sociedade, resistem bravamente por meio de suas vozes.

Apropriar-se da memória ativamente e transmitir os legados culturais que ela contém é reconstruir o passado, dar a ele a possibilidade de ser atualizado e narrado de uma forma diferente daquela contada nos livros. É também agir no presente, transformá-lo mediante leituras baseadas em codificações retrospectivas. Mais ainda: é ter de volta o sentimento de pertença.

Bergson (2006) destaca que a memória não é a faculdade de classificar recordações numa gaveta. O passado se conserva por conta própria automaticamente, sendo exposto em diversas releituras. Essas recordações nos seguem a todo o momento, o que sentimos, pensamos e desejamos desde a nossa infância.

O fato de recorrermos pertinentemente à memória nos faz refletir que essa dimensão humana é irrigada de potencialidades afetivas e amorosas, que ora se afloram pelo simples fato de doarmos nossa escuta sensível ao outro, ora se dão pelo fato de também socializarmos nossas lembranças e trocarmos, assim, experiências que favorecem a existência humana e nos afirmam como sujeitos de relações.

Beber na fonte fecunda da vivência do outro é apropriar-se também da história de nosso povo, de nossa cultura e de nosso patrimônio histórico, resgatando a essência das nossas relações com o mundo.

É necessário percebemos que nosso processo de socialização começa na infância a partir do que a criança recebe como um passado. Nessa perspectiva, Bosi (1994, p.73) argumenta que,

A criança recebe do passado não só dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória.

Podemos perceber a importância dos avós na infância, pois Bosi (1994) reflete que a criança recebe inúmeras noções dos avós, que dialogam com a criança de igual para igual sobre acontecimentos políticos e históricos. Todos esses fatos sofrem as deformações do tempo e do imaginário popular mas contribuem grandiosamente para a formação social dessa criança.

A atividade de recordar se exerce com feições diferentes em cada fase da vida. Preocupados com sua vida prática, os adultos dificilmente se entregam à arte de rememorar. Essa tarefa parece caber ao idoso: ser a memória da família e de seu grupo social. É essa a sua obrigação: “lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1987).

Cada fase da vida incorpora a ação de recordar de maneira muito específica, a depender da faixa etária do indivíduo. O importante é analisarmos que os acontecimentos externos não modificam nossa memória, mas convergem com nossas lembranças e nos proporcionam uma espécie de releitura do que vivemos. Sendo assim, nossa memória é transitiva e dinâmica.

Bosi (1994, p. 24) salienta que a memória dos velhos também auxilia na formação dos adultos:

[...] Sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participaram então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixa para trás essas coisas, como desnecessárias.

É inevitável avaliarmos que, no decorrer do tempo, a memória é espelho que reflete a essência individual ou coletiva do ser. Há de se destacar aqui a relevância que o contexto social exerce na sua construção e na sua reconstrução.

Para Fares (2010, p. 13),

Suporte de ações do homem, a memória é ainda material pela qual o mundo se transmite. Ela não existe em condição plena ou despótica ou nos



oferecendo um todo completo. Tudo é percurso, apreensão, vivência e ritmo: passado pela linguagem ou pelas linguagens, pelas reservas conceituais, metafóricas icônicas, sempre prontas tanto a se repetir quanto a se transformar num movimento sem fim.

Bergson (2006) destaca, a seguir, os princípios da memória, discorrendo acerca de duração.

Nossa duração não é um instante que substitui o outro instante: Nesse caso, haveria sempre apenas presente, não haveria prolongamento do passado no atual, não haveria evolução, não haveria duração concreta. A duração é o processo contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente.

A memória individual e coletiva é construída a partir das relações pessoais e interpessoais. No contexto desta pesquisa, os idosos observados habitam uma ILPI e convivem por muito tempo juntos. Dialogando acerca de suas lembranças e trocando suas experiências, eles ressignificam juntos suas vivências. Halbwachs (1990, p. 16) destaca que:

[...] Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

A memória de um idoso é sempre uma experiência profunda: perpassada pela nostalgia, pela revolta, pela resignação de paisagens, caras e pelo desaparecimento de entes queridos. É semelhante a uma obra de arte. Sua riqueza ultrapassa gerações.

Utilizando as palavras de Bosi (1987, p. 41), “a memória é riqueza e potencialidade do ser humano criadora de cultura com a mísera figura do consumidor atual”. Ao longo de nossa trajetória de vida, colecionamos diversas histórias que nos são contadas por outras pessoas ou mesmo idosos. Vivenciamos momentos intensos, que guardamos como tesouro de nosso passado. Presenciamos, aliás, acontecimentos que produzem marcas para além do tempo. Ao nos depararmos, por exemplo, com uma música que nos marcou intensamente, fazemos quase que diretamente uma conexão entre o ouvido e o vivido. Até mesmo um cheiro que exala em nosso olfato é capaz de nos provocar uma nostalgia quase que em um passe de mágica. Esse é o poder que a memória exerce sobre o nosso sistema cognitivo: interliga nossas emoções.

Toda essa sensação se constitui, juntamente com outros elementos, em matéria-prima para a subjetividade em nosso corpo. Reelaborada pela ação do tempo e do espaço, essa matéria toma corpo na memória, tanto dos sujeitos quanto de seus grupos sociais.

Trabalhar com memória de idosos pode parecer, à primeira vista, um exercício simples, já que um dos papéis que são atribuídos aos mais velhos é o da arte de contar casos de um passado considerado mais distante, seja da família seja da cidade seja de acontecimentos que marcaram uma determinada sociedade.

O idoso é um saudosista: vive das memórias de sua juventude e sempre as convoca para confrontar o passado com os contornos da atualidade. Muitas vezes, valorizando o pretérito em detrimento do presente. O idoso é alguém que vive de lembranças, remoendo e degustando os anos que já se foram. Retirar desse idoso o direito de recordar torna-se, assim, desumano.

Destacamos que a memória traz um diálogo entre lembranças antigas e percepções atuais. A memória coletiva confronta-se em fatos, releituras e depoimentos, mas concorda sempre no essencial. Por isso, podemos considerar que ela é construtora de identidade. Para Halbwachs (1990, p. 16):

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo.

Le Goff (1990) destaca que a memória merece e deve ser avaliada enquanto um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Considera ainda que o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

Destaca Le Goff (1990, p. 410) que a memória coletiva:

É não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A pesquisa com os idosos, como cita Bosi (1994), vai além de colher memórias: ela dá existência a elas. O papel do pesquisador deve ser o de propagador dessas memórias silenciadas ao longo dos anos.

É necessário, portanto, considerarmos que a memória trabalhada nesta pesquisa é a do Idoso institucionalizado, morador de uma ILPI. A maioria desses idosos foram abandonados por suas famílias e tiveram suas lembranças marcadas pelo sofrimento da exclusão e da rejeição. Bosi (2003, p. 163) salienta que:

[...] não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante. A violência que separou suas articulações desconjuntou seus esforços, esbofeteou suas esperanças, espoliou também a lembrança de seus feitos.

Carregando o peso do silenciamento, esses sujeitos oprimidos sofrem a negação de seus direitos mais básicos. Hoje, convivem com uma rotina monótona e solitária, amparados pelo estado. Assim, suas necessidades materiais, muitas vezes, não são supridas adequadamente. Todo esse contexto torna a memória desse idoso cada vez mais oprimida e subjugada. Bosi (1994, p. 19), no entanto, afirma que:

a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: A história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos.

Nas palavras da autora, podemos evidenciar que, para além de toda opressão que o idoso sofre, temos ainda um desrespeito evidente que nega a tradição da memória desse sujeito. Em troca, aplica-se a história oficial denominada por Bosi (1994) de memória política, que privilegia a ideologia da classe dominante. Dessa maneira, as lembranças são invadidas por outra “história”, a da elite dominante.

Thompson (1992) explica que toda história depende, basicamente, de sua finalidade social. Antes desse século, o enfoque da história era essencialmente político, o que o autor chama de “documentação da luta pelo poder”. Porém, as memórias que sentiram e viveram através de sua potencialidade histórica são capazes de trazer à tona a verdade oculta. Thompson (1992, p.197) destaca que

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: deslocar as

camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

Nesse sentido, como afirma Bosi (1994), os velhos são fontes de onde jorra a essência da cultura, são guardiões do passado que tem uma missão, a de unir o começo ao fim. Essa é a função social do idoso: ser um sujeito orientador e aconselhador. Essa memória viva produzida por esse indivíduo idoso é o resultado de experiências vividas, de lembranças que servem para direcionar o presente.

Para Bosi (1994), ser idoso em uma sociedade capitalista é lutar para continuar sendo homem, é sobreviver sem projeto, é ser impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva.

Bosi (1994) destaca ainda que vivemos em uma sociedade dilacerada até as raízes por grandes contradições. A autora assegura que, nesse contexto, a mulher, a criança e o velho são instâncias alvo de intensa crueldade social, tratadas historicamente como camada da população subjugada pela dependência. Segundo ela, ser velho é lutar para continuar sendo homem, demarcando direitos em uma sociedade que prioriza tudo o que gera lucro e cujo centro da atenção é o braço servil.

Destarte, o sistema capitalista marginaliza a velhice, e o idoso é visto como improdutivo, avaliado como inválido. Seu verdadeiro valor é quase desconhecido em uma sociedade que nega qualquer produção que não gera lucro financeiro. A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho, ele já não é produtor nem reprodutor, o que lhe desqualifica aos olhos dos enredos neoliberais.

Nas palavras de Bosi (1994, p.48), “a sociedade industrial é maléfica para a velhice”, mesmo sendo a maturidade considerada uma categoria social que deva ser respeitada. Como um corpo que recorda e sente, o idoso é desqualificado, suas lembranças são desconsideradas, o peso da idade não chega somente a seu ser biológico mas afeta sua relevância social.

O idoso deveria ser visto como o aconselhador, o mediador entre o passado e o presente, seu valor ultrapassa suas mãos calejadas pelo trabalho produzido por ele ao longo de sua vida.

Todo esse contexto de exclusão da pessoa idosa gera uma sensação de incapacidade à qual o sistema capitalista aprisiona esse sujeito. O idoso é, dessa

forma, cerceado por um discurso que traduz a negação de sua pessoa enquanto sujeito de direitos, o que desencadeia sentimentos de ansiedade e angústia, balizadores do sofrimento frente às limitações comuns e específicas da idade, conforme a colocação de Bosi (1994, p. 63):

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser membro ativo na sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente em seu grupo: neste momento de velhice social. Resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Podemos refletir, então, que a experiência do envelhecimento pode ser percebida tanto como um viver tranquilo, apesar das limitações impostas pelo passar dos anos, quanto como um momento de angústia, em que a memória do idoso deixa de ser prestigiada e passa a ser secundarizada, e sua importância na sociedade deixa de ser reconhecida.

É necessário, em vista disso, perpetuarmos uma cultura de valorização do sujeito idoso. Em vista disso, é relevante trazer para o debate o quão importante é a memória do idoso não somente pela demarcação histórica em que está localizada mas também no sentido de que essas lembranças são como pedras preciosas que promovem o elevar da autoestima desse sujeito, o que o ajuda a reconhecer de fato o seu valor.

É mister, conseqüentemente, avaliarmos a memória como mola propulsora para a emancipação da pessoa idosa que, apesar das limitações típicas da idade, pode, sim, resgatar sua autonomia de ser e estar no mundo para assim poder desfrutar do exercício pleno de sua cidadania, resgatando os princípios de envelhecer com dignidade e respeito.

Segundo Le Goff (1990)

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O idoso sente-se diminuído, pois o percurso da vida passa a ser vivido por ele de maneira cautelosa. Os erros são severamente criticados, e os deslizes típicos da idade são duramente julgados. A caminhada parece mais longa, uma simples travessia de rua parece algo tão perigoso, o corpo e a mente requerem mais atenção, o preconceito aumenta e parece que a sociedade tenta manter esse idoso

em um estado de dependência maior do que realmente é necessário. Bosi (1994,p. 79) afirma:

A velhice é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio.

Nesse sentido, queremos destacar que a velhice é um período em que a memória se engrandece e, sem esse idoso que é tão comumente oprimido, a história seria somente um registro de acontecimentos sem um sentido mais amplo de quem verdadeiramente a vivenciou.

Portanto, a história da sociedade é conduzida por corpos pensantes que buscam interligar suas vivências passadas ao presente, dando assim um sentido real à existência humana. Podemos averiguar que essas memórias vão permeando uma trilha de recordações que possibilitam a todos nós escrevermos a vida de maneira mais segura, cientes de que essa página em que tecemos nossa história pode ser dobrada, rasgada, amassada e reescrita sendo sempre ressignificada.

### **3 NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE (NEP): AÇÕES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PAUTADAS NA EDUCAÇÃO FREIREANA.**

O objetivo desta seção é apresentar ao leitor o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP): seu histórico, organização, bases teóricas e ações. Este capítulo também apresenta um pouco das práticas de ensino, de pesquisa e de extensão que o NEP desenvolve em diferentes espaços educacionais. Em especial, na ILPI “Lar da Providência”, *lócus* desta pesquisa.

#### **3.1 Apresentação do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP)**

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) foi criado em 2002, a partir da ampliação das atividades do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (PROALTO)<sup>3</sup>, fundado em 1995. Ele possui professores vinculados aos vários departamentos da Universidade do Estado do Pará (UEPA). O projeto pedagógico do NEP foi aprovado pela Resolução nº 903/03, de 17 de dezembro de 2003, do Conselho Universitário da UEPA (CONSUN/UEPA). Atualmente, o grupo realiza ações interligadas de ensino-pesquisa-extensão com crianças, jovens, adultos e idosos, tendo como suporte teórico-metodológico a educação popular pautada em Paulo Freire, desenvolvendo, assim, atividades educacionais em ambientes hospitalares, unidades de acolhimento de idosos e escolas públicas

Em relação às atividades, os grupos hoje se constituem em: 1) turmas de alfabetização e pós-alfabetização; 2) turmas de filosofia com crianças e adolescentes; 3) turmas de educação sexual com adolescentes; 4) grupos de estudos e pesquisas; 5) atividades relacionadas à formação de educadores, assessoria a projetos, produção de material didático, eventos e publicações.

O Núcleo de Educação Popular Paulo Freire funciona no Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), localizado na Travessa Djalma Dutra, s/n, bairro do Telégrafo, na cidade de Belém do Pará. Os integrantes do NEP são alunos de diferentes cursos de graduação, de especialização, de mestrado da UEPA e de outras IES de Belém e do interior do estado.

---

<sup>3</sup> Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos: Processo social para libertação (PROALTO).

No âmbito do trabalho feito pelo NEP, existem Grupos de Estudo e Trabalho que desenvolvem práticas de extensão em diversos locais, sempre baseando suas atividades no pensamento educacional de Paulo Freire. Esses grupos estão organizados da seguinte maneira:

- Grupo de Estudo e Trabalho de Educação Freireana e Filosofia: grupo que desenvolve ações relacionadas ao ensino da filosofia com crianças e jovens.
- Grupo de Estudo e Trabalho com Educação de Jovens e Adultos na perspectiva freireana: grupo que desenvolve ações com jovens, adultos e idosos em diferentes espaços educacionais.
- Grupo de Estudo e Trabalho com Educação de Idosos no pensamento freireano: grupo que produz atividades educativas com pessoas idosas em uma Unidade de Acolhimento de Idosos de Belém.
- Grupo de Estudo e Trabalho na Educação Hospitalar, que trabalha com crianças, jovens e adultos em ambientes hospitalares. Os educandos que compõem tal grupo são, em sua maioria, mulheres oriundas do interior do estado do Pará, que vêm em busca de tratamento para as mais diversas doenças. Recentemente, o grupo desenvolve ações com mulheres escarpeladas, que passam um longo tempo em tratamento na capital paraense. As ações estão pautadas no pensamento educacional de Paulo Freire, utilizado em diversas atividades de alfabetização e pós-alfabetização. Todas as tarefas desempenhadas partem da dialogicidade e da elevação da autoestima das educandas.
- Grupo de Estudo e Trabalho de Educação Sexual, constituído por uma equipe de educadores que trabalha com jovens e adultos em escolas públicas, desenvolvendo atividades voltadas para a orientação/identidade sexual, partindo do pensamento educativo de Freire.

Apresentado o NEP, convém descrever os princípios educacionais freireanos do NEP.



### 3.2 Princípios educacionais freireanos do NEP

Como já abordamos, o NEP é um grupo de pesquisa-ensino-extensão que permeia suas práticas por princípios teóricos e didático-pedagógicos de Paulo Freire, com trabalhos que engajam as classes oprimidas político-socialmente. Nessas atividades, a educação freireana é compreendida como base para a libertação dos sujeitos.

Na acepção dos integrantes do NEP, orientar-se pelo pensamento educacional de Freire é um valorizar a vida daqueles que são beneficiados pelos encontros educativos desenvolvidos pelo núcleo. Oliveira (2008, p. 65) nos esclarece que:

Freire elabora, em seu pensamento educacional, uma “ética universal do ser humano”, fundamentada no respeito à pessoa humana e às diferenças. Ética, comprometida com as pessoas excluídas socialmente, os oprimidos os condenados da terra”. Oprimidos são homens e mulheres que o sistema social não lhes permite serem sujeitos do conhecimento da história e da cultura.

A valorização pelo conhecimento da vivência do sujeito é uma das bases do trabalho do núcleo. Assim, os educadores, em equipe, entregam-se a uma profícua troca de conhecimentos, conscientes de que não são os detentores do saber absoluto e de que são seres humanos inconclusos, imersos em um universo de saberes populares. Para Oliveira (2008, p. 67):

Por trazer temas geradores do cotidiano social e cultural dos educandos para debate em classe, por introduzir o diálogo, a análise crítica sobre a realidade social, o respeito às diferenças, a educação freireana é inclusiva e formadora, sendo os conteúdos relacionados à formação ético-política dos educandos.

O ato de educar, na concepção do grupo, passa a ser transformador, conscientizador e concretizado de sonhos, na medida em que o professor se entrega a um processo baseado pela troca de conhecimento e de experiências. Valendo-se das palavras de Freire (1996, p.23),

[...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina, aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém.

A prática educativa desenvolvida pelo NEP, nos mais diversos espaços de atuação, tem como princípio uma educação dialógica, possibilitando ao educando ser valorizado e perceber-se como ser histórico, capaz de criar e recriar a história, e de se desenvolver em várias dimensões. Esse ser histórico é também capaz de contestar o que lhe foi predeterminado, intervir e transformar a realidade.

A educação é, assim, concebida como ferramenta que auxilia o sujeito a conhecer o mundo, a indagar, a questionar, a perceber, a “tomar consciência” e a ter uma formação crítica. Hoje, as práticas do NEP têm como concepção fazer o sujeito reconhecer-se como capaz de mudar o mundo ao seu redor, ter esperança e sonhar com uma utopia. Essa última é compreendida como um sonho possível e como uma possibilidade de uma realidade concreta que liberta (FREIRE, 1983).

Além dessa concepção de educação, o núcleo tem como princípio respeitar os diversos saberes. Ele utiliza a leitura de mundo dos educandos como subsídio para sua ação, a fim de proporcionar o repensar da condição própria de vida, semeando, nos educandos, a esperança. A amorosidade, nessa perspectiva, é utilizada como ferramenta incentivadora para a promoção da inclusão social.

Essas diretrizes, consolidadas pelo NEP em suas ações educacionais, foram teorizadas por Paulo Freire, ator que refuta os procedimentos didático-pedagógicos de uma “educação bancária”, como contrargumenta o próprio autor a seguir,

A concepção bancária, por fim, nega a realidade. Nega o homem como um ser da busca constante. Nega sua vocação ontológica de ser mais. Nega as relações homem mundo, fora das quais não se compreende nem o homem nem o mundo. Nega a criatividade do homem, submetendo-o a esquemas rígidos de pensamento. Nega seu poder de admirar o mundo, de objetivá-lo, do qual resulta seu quefazer transformador. Nega o homem como um ser de práxis. Imobiliza o dinâmico. Transforma o que está sendo no que é, e assim mata a vida (Freire, 1971, p.3).

No cotidiano vivenciado na pesquisa de campo, a fim de investigar a realidade do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, reconhecemos o núcleo como um universo fecundo e infinito, que permite ao pesquisador deleitar-se em um processo regido pela humanização. A respeito desse processo, é quase impossível não navegar num “mar” fomentado por pessoas que demonstram ter um verdadeiro interesse em fazer uma educação diferenciada, coerente e inclusiva.

Diante de tudo o que foi descrito anteriormente, é necessário registrar aqui algumas palavras patentes e significantes, que contribuirão para o melhor aperfeiçoamento deste estudo. Essas palavras são diretrizes educacionais, que o

NEP, seguindo o pensamento de Paulo Freire, utiliza em suas atividades pedagógicas:

- **A oralidade**

A oralidade é compreendida como forma de expressão do ser humano sobre a sua existência. Entende-se que os sujeitos necessitam socializar suas experiências por meio de rodas de conversas, proporcionando aos mesmos um processo educativo que respeita os saberes de suas comunidades. O saber experienciado pelos educandos é continuamente trabalhado nas atividades desenvolvidas pelo grupo, entendendo-se que os educandos se sentem estimulados a participar das atividades na medida em que podem expressar suas vivências e a sua cultura.

- **O diálogo**

Em uma dimensão metodológica, existencial e política, o diálogo permite a comunicação entre os sujeitos do conhecimento e o direito de todos de expressar seus pensamentos.

- **Amorosidade**

A amorosidade é uma palavra significativa no decorrer desta pesquisa, haja vista que o ato de educar precisa ser encarado como uma ação permeada por um amor, que não quer dizer que certos rigores metodológicos serão dispensados.

- **A pergunta**

O questionamento é compreendido como fonte do conhecimento humano.

- **A criticidade**

Possibilita ao educando problematizar a realidade social e explicitar a “razão de ser” dos fatos.

- **A práxis**

A prática é entendida como um processo dialético permanente de reflexão-ação sobre o fazer pedagógico (NEP, 2011).

- **Humanização**

A ideia de humanização permeia a realidade do grupo, uma vez que a educação deve ser uma prática inclusiva. Desse modo, a educação humanizadora propõe uma disponibilidade para saber escutar e falar com o outro. Para Freire (1996, p.113):

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.

- **Diálogo**

O diálogo, sob o ponto de vista aqui adotado, constitui a base das atividades que permitem aos educandos tornarem-se sujeitos históricos capazes de agir, interferir e transformar a própria realidade. Como argumenta o próprio Freire (2005, p 91),

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial e, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode ser reduzido a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (...) é um ato de criação.

A concepção de diálogo, apresentada por Freire e vivenciada pelas atividades do NEP, permite que haja uma partilha de saberes. Partimos do pressuposto de que todos sabem. Somos seres *aprendentes* e vivemos numa comunidade de igual potencial. Acerca dessa partilha de saberes, Brandão (2002) estabelece que há uma relação democrática entre aprender e ensinar: são dois processos que assumem posições concomitantes, numa perspectiva libertadora, bem distante daquilo que a escola tradicional vivencia.

Atualmente, o núcleo prossegue exercendo o trabalho outrora desenvolvido pelo PROALTO, almejando uma educação voltada para a formação autônoma e crítica de sujeitos oprimidos por uma sociedade regida por ideais neoliberais, que não viabiliza um acesso igualitário à educação para todas as pessoas. Na opinião de Oliveira e Xavier (2002, p.16), “o PROALTO desenvolveu e o NEP mantém uma prática educativa popular com jovens e adultos pautada na compreensão freireana de educação: como processo social para a libertação”.

Relatados os princípios educacionais freirianos do NEP, fazemos, a seguir, um panorama das investigações realizadas nesse núcleo.

### **3.3 As pesquisas realizadas por educadores do NEP**

O NEP apresenta as seguintes seis linhas de pesquisas:

- Educação popular de jovens e adultos:  
Objetivo: Desenvolver estudos sobre a educação de jovens, adultos e idosos, com base em pressupostos teórico-metodológicos freireanos, buscando propor ações educacionais que viabilizem a inclusão social.
- Educação popular e escolarização básica:  
Objetivo: Desenvolver pesquisas sobre educação popular infantil e a escolarização básica de crianças e adolescentes, com base nos pressupostos teórico-metodológicos freireanos.
- Educação inclusiva e diversidade:  
Objetivo: Investigar as políticas e o processo de inclusão educacional de pessoas que sofrem exclusão social por diversas causas: etnia, classe, gênero, idade, capacidades, entre outras. Esta linha identifica e propõe ações educativas que favoreçam a educação para a diversidade e a inclusão social.
- Educação freireana e filosofia  
Objetivo: Desenvolver estudos sobre filosofia e a educação, assim como o ensino de filosofia para crianças, adolescentes e jovens, em espaços escolares e não escolares a partir de uma abordagem freireana.
- Educação, desenvolvimento e ação coletiva na amazônia rural  
Objetivo: Trabalhar as matrizes teórico-metodológicas da Educação, focalizando a temática rural e sua relação com os temas conceituais de Ação Coletiva dos Movimentos Sociais. Analisar a política de educação pautada pelo Estado no processo de relações de poder e disputa pelos territórios/recursos naturais; a experiência político-pedagógica protagonizada

pelos movimentos sociais populares e tendências contemporâneas: globalização, educação popular/campo, desenvolvimento territorial rural sustentável.

- Paulo Freire e a educação popular.

Objetivo: Promover estudos teórico-metodológicos sobre o pensamento educacional de Paulo Freire e sobre práticas educacionais locais, nacionais e internacionais, em espaços escolares e não escolares.

O NEP se torna, dessa maneira, um espaço de formação contínua, que vai muito além da simples formação profissional. Os educadores desse núcleo de ensino-pesquisa-extensão são hoje os discentes dos mais diversos cursos de licenciatura e áreas afins. O NEP também é composto por antigos discentes que, mesmo após o término do curso, ainda continuam vinculados ao programa. Talvez, a concepção inovadora de educação incentiva a esses pesquisadores a continuarem no grupo.

Em nossas práticas acadêmicas com o Núcleo, temos observado que a referida unidade forma sujeitos em seu processo de humanização. Nos encontros, as sensações vivenciadas nesse local são muitas. A maior delas é, indubitavelmente, o companheirismo existente entre os educadores atuantes nos mais diversos espaços.

Antes de concluir essa seção, convém destacar que a formação desenvolvida pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire se dá perpassando por um processo no qual os educadores aprendem por prática. É o chamado “aprender fazendo”: esse aprendizado se dá de maneira coletiva nos grupos de estudo e trabalhos.

Esse “aprender na prática” é desenvolvido em todos os grupos. Em especial, no *lócus* da pesquisa: o “Lar da Providência”, campo onde o NEP atua com os mais distintos idosos moradores da ILPI. Nesse espaço, é realizando um trabalho direcionado à inclusão dos sujeitos oprimidos e marginalizados da instituição. A seguir, descrevemos o trabalho do NEP na ILPI “Lar da Providência”.

### 3.3.1 Trabalho do Núcleo de Educação Popular “Paulo Freire” na ILPI “Lar da Providência”

O NEP desenvolve suas atividades pedagógicas no *lócus* da pesquisa desde 2006. Atualmente, as atividades do núcleo ocorrem às terças-feiras, no horário das 9h às 11h da manhã. Nosso grupo de trabalho conta com a participação de 4 educadores para atender a uma demanda média de 20 educandos, com idade entre 60 a 100 anos.

Os idosos têm a necessidade e o direito de se sentirem bem e importantes no meio em que vivem. Por isso, as ações desenvolvidas com eles tiveram como objetivo de integrá-los ao seu meio, procurando mantê-los independentes física e mentalmente, proporcionando momentos prazerosos em suas vidas e os retirando da ociosidade em que vivem em alguns asilos ou em casas de repouso. Muitos idosos, em situação de internação, são abandonados tanto pela família como pela própria instituição onde moram, vivendo uma rotina enfadonha. Conforme o relato de um desses idosos, no lar, eles apenas “comem e dormem”, sem atividades que lhes proporcionem qualidade de vida. O trabalho do NEP, portanto, possibilitou a sua integração social, favorecendo a sua autonomia.

Todos devem respeitar os direitos dos idosos, para que eles se sintam ativos e tenham autonomia na sociedade. Nas atividades desenvolvidas no “Lar da Providência” com os idosos, os encontros às terças-feiras foram momentos de lazer, de felicidade e de troca de experiências. Por meio das conversas que tivemos com eles, esses idosos se perceberam como sujeitos ativos e participantes, saindo, por intermédio de atividades prazerosas, da rotina diária que eles têm no Lar.

No referido local, o trabalho realizado pelo NEP foi, na maioria das vezes, feito em forma de grupos. Segundo Cabral (1997, p. 161 *apud* OLIVEIRA; CABRAL, 2003), os grupos de idosos “são lugares onde os idosos tecem relações de proximidade e aconchego caloroso”. Através da sua participação nesses grupos, os idosos construíram laços de amizade e de amor, valorizando, dessa forma, o relacionamento com pessoas da mesma idade e fugindo da rotina, por meio da participação em atividades produtivas e lúdicas.

O fazer pedagógico desenvolvido nesse espaço configurou-se como uma prática baseada no elevar da autoestima dos educandos ali contemplados, fazendo com que esses idosos reconheçam que nunca é tarde para aprender o que ainda

nos é desconhecido e buscando romper com a tradicional fala de que “não temos mais nada para aprender”. Portanto, a nossa prática educativa com o idoso requer, acima de tudo, “conquista” para a quebra da rejeição inicial, que foi compreendida como normal.

A prática pedagógica desenvolvida pelo NEP no *lócus* da pesquisa foi aquela em que o educador vislumbra uma educação dialógica e dialética, perpassada pelo processo de relações tensas e intensas, como explica Fleuri (2003, p. 31-32):

Processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contexto interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente formativo, ou seja, estruturante de identificação subjetivos e socioculturais.

Dessa forma, foi necessário que nosso fazer educativo, no “Lar da Providência”, fosse atravessado pela realidade social do educando, de modo que ele reflita acerca de sua realidade existencial, pois, como cita Freire (1983, p. 43):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai se temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E na medida que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.

De acordo com a filosofia freireana, da qual o NEP ancora suas atividades didático-pedagógicas, a leitura está presente em toda a vida social dos sujeitos. A leitura, sob tal perspectiva, precede a leitura dos códigos trata-se da leitura do mundo do qual todos são detentores, independente de fatores como raça, religiosidade, cultura ou poder aquisitivo. A leitura de mundo constitui-se por experiências vivenciadas ao longo da vida das pessoas e das relações pessoais e interpessoais, o que ocorreu constantemente nos encontros com os idosos, como relatamos logo mais.



### 3.3.2 Relato de experiência das atividades do NEP na pesquisa

Neste espaço, descrevemos as três experiências de trabalho que desenvolvemos pelo NEP junto aos idosos.

#### 3.3.2.1 Relato 1

Neste encontro, desenvolvemos a atividade intitulada de *a dinâmica do amor e a confecção da árvore do amor*. Primeiramente, contamos a “história do coração partido”, que é a seguinte:

“Certo homem estava para ganhar o concurso do coração mais bonito. Seu coração era lindo, sem nenhuma ruga, sem nenhum estrago. Até que apareceu um velho e disse que seu coração era o mais bonito, pois, nele, havia marcas enrugadas pelo tempo. Muitos perguntaram ao velho: ‘como seu coração é o mais bonito, com tantas marcas?’. O bom velhinho explicou que, por isso mesmo, seu coração era lindo. Aquelas marcas representavam a sua vivência, as pessoas que ele amou e que o amaram. Finalmente, todos concordaram que o coração do moço, apesar de lisinho, não tinha a experiência do velho”

Em seguida, iniciamos a segunda etapa da atividade com os idosos: a confecção da árvore do amor. Após contarmos a história, distribuímos aos idosos um recorte de coração feito de papel-cartão na cor verde. Dissemos a todos que tinham de procurar figuras, em revistas e em jornais, que pudessem caber dentro do papel-cartão de cada um. Depois de encontrarem a imagem, eles a recortaram, colaram-na no coração e justificaram a escolha da imagem ao grupo.

Logo mais, cada idoso recebeu um coração menor, também feito de papel-cartão, mas na cor vermelha. Eles foram instruídos a escrever dentro dos corações o que os preenchia ou o que gostariam de que fosse preenchido, complementando a frase “o meu coração está cheio de...”. Os idosos, por fim, completavam a frase com uma palavra, escrevendo essa palavra dentro do coração vermelho.

Uma das idosas colou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em seu coração verde e disse: “escolhi essa imagem da santa porque sou devota dela, desde que sou moça. Tenho muita fé nela e acredito nos milagres que ela faz”. Já no coração vermelho, a idosa escreveu as palavras “saúde” e “amor”. Disse, ademais: “eu quero muita saúde para o meu coração, e quero que o meu coração esteja sempre cheio de muito amor, porque sem amor não somos nada”.

Em seguida, confeccionamos, com os idosos, a árvore do amor, montada a partir os corações que eles haviam confeccionado.

Nessas tarefas, o nosso objetivo era trabalhar, com os idosos, o respeito e a cooperação, objetivo esse que foi atendido, pois, na hora da atividade, eles se ajudavam o tempo inteiro, bem como tiveram a oportunidade de refletir sobre a importância de desejar ao outro o que queremos para nós mesmos. A figura 2 e 3 são registros desse encontro.

**Figura 2** – Encontro pedagógico do NEP



Fonte: Dados da pesquisa de Leal (2017).

**Figura 3** – Atividade Produzida pelos idosos



Fonte: Dados da pesquisa de Leal (2017).

Finalizadas as atividades, os idosos passaram para a segunda etapa, a ser relatada a seguir.

### 3.3.2.2 Relato 2

Relatamos aqui outra atividade desenvolvida pelo NEP. Para Fernandes, Oliveira e Canani (2011), uma maneira eficiente para promover a valorização do idoso e a sua interação ao meio em que está inserido é utilizar a ludicidade como metodologia, lançando mão de atividades prazerosas e descontraídas. Nessa perspectiva, devemos promover uma maior interação do idoso no grupo, no intuito de fomentar a sua participação ativa na sociedade.

A música é uma ferramenta excelente para o desenvolvimento do idoso, contribuindo no desenvolvimento dos movimentos corporais, em sua afetividade, e na harmonia do grupo em que está inserido. A música contribui, portanto, para a melhoria da qualidade de vida.

As atividades que desenvolvemos com os idosos contaram com um planejamento prévio, feito, como de costume, quinzenalmente. Apresentamos, para os fins da atividade, a dinâmica intitulada “qual é a música?”, na qual os idosos deveriam acertar o nome da música ou do cantor, que foram escolhidas com base no gosto musical deles. Quem acertava, ganhava um brinde. Ao final da tarefa, que ocorreu na comemoração do dia do idoso, foi realizada uma roda de carimbo<sup>4</sup>

Como podemos observar, a dança proporciona ao idoso uma melhora de sua autoestima e momentos prazerosos de diversão. Ela faz com que eles possam viver momentos alegres e diferentes da rotina que eles têm no Lar, preenchendo, dessa forma, as horas ociosas que eles têm. Na figura 4, há um registro fotográfico da atividade aqui relatada.

**Figura 4** – Roda de carimbó com os idosos

---

<sup>4</sup> O carimbó é um ritmo musical amazônico é também uma dança de roda de origem indígena, típica da região norte do estado do Pará, no Brasil, influenciado por negros.



Fonte: Dados da pesquisa de Leal (2017).

Finalizadas as atividades, os idosos passaram para a terceira etapa, a ser relatada a seguir.

### 3.3.2.3 Relato 3

O envelhecimento populacional está aumentando cada vez mais, em decorrência do aumento da expectativa de vida da população e de melhores condições de sobrevivência.

O artigo 230 da Constituição Federal estabelece que é dever da família, da sociedade e do Estado amparar as pessoas idosas, assegurando a sua participação na comunidade, defendendo a sua dignidade e seu bem-estar e garantindo o seu direito a vida. O parágrafo 1º, mais especificamente, determina que os programas de amparo aos idosos sejam realizados preferencialmente em seus lares.

Entretanto, algumas famílias optam por não assumir suas obrigações e colocam os idosos em locais como asilos e casas de repouso. Essa decisão, na maioria dos casos, acaba acarretando um sentimento de rejeição e desamparo para os idosos abandonados, resultando em perda de autoestima e de convívio social. Sabemos que todos temos o direito de nos sentirmos bem nos lugares em que estamos, e com o idoso não é diferente.

Pensando em tais questões, o projeto desenvolvido pelas educadoras do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), no “Lar da Providência”, é

constituído por um conjunto de atividades para os idosos que moram no Lar, tendo como finalidade estimular a participação ativa e dinâmica desses idosos e valorizar as suas potencialidades. O referido projeto promove, assim, momentos de descontração, de interação e de socialização entre os participantes dos encontros.

Para os fins da dinâmica sobre a qual nos debruçamos agora, os idosos tiveram que procurar, em jornais, fotos que os faziam lembrar momentos de suas infâncias. Na sequência, eles deveriam recortar e colar essas imagens em uma folha de papel A4. No final da atividade, cada idoso deveria socializar, com os demais educandos, as suas lembranças. Os resultados foram variados: alguns lembravam que gostavam de jogar futebol, outro recordou o tempo em que era taxista, outra fez alusão à devoção à Santo Expedito, outro alegou que gostava de tomar açaí, outro fez alusões aos animais na beira dos rios, às músicas dos Titãs e às lembranças da época em que iam tomar café na Casa Albano (localizado em Belém, na Avenida 16 de Novembro, em frente à sede da prefeitura da cidade).

O objetivo dessas atividades foi trabalhar e estimular, nos idosos, a memória e a socialização. Os resultados foram satisfatórios, visto que tivemos a oportunidade de conhecer, por meio de tantos relatos, um pouco da história de cada participante do encontro. Nas figuras 5 e 6, encontramos algumas atividades realizadas pelos sujeitos da pesquisa:

**Figura 5** – Atividade realizada por um idoso





Fonte: Dados da pesquisa de Leal (2017).

**Figura 6** – Atividade realizada por um idoso



Fonte: Dados da pesquisa de Leal (2017).

As atividades acima relatadas e fotografadas foram desenvolvidas pelo NEP a partir de um planejamento flexível, que proporcionou aos idosos a interação entre si. Assim, o núcleo perpetuou no referido local uma relação de amorosidade com e entre os idosos. Com princípios freireanos tão enraizados em suas práticas, os educadores do espaço fizeram uso de uma escuta sensível para com os idosos, que, muitas vezes, tem como necessidade única a de serem ouvidos.

Por meio das atividades que o NEP realizou naquele espaço, podemos destacar que o ensino dos sujeitos atendidos se funda em um aprendizado

constante, em que o educador e o educando se entregam ao ato de construir coletivamente um conhecimento rico e profundo.

Feita uma apresentação do NEP e das atividades desenvolvidas no *lócus* da pesquisa, na seção a seguir, apresentamos e analisamos as vozes dos idosos sobre seu tempo de escolarização, buscando apresentar as memórias dos sujeitos sobre seu tempo de escolarização e identificar suas recordações sobre o seu processo de alfabetização, escola e docência.

## **4. A MEMÓRIA DOS IDOSOS SOBRE SEU TEMPO DE ESCOLARIZAÇÃO**

Com base nos procedimentos metodológicos descritos em 1.3 e nas teorias resenhadas em 2 e em 3, apresentamos e analisamos, nesta seção, as memórias dos seis idosos do “Lar da Providência”, dividindo-a em duas partes: o do relato da experiência educacional dos educandos e a visão deles sobre as ações NEP.

### **4.1 Relato da experiência educacional dos idosos**

Adentra-se, nesta seção, na memória do tempo de escolarização dos idosos que participaram desta pesquisa. Diante de suas recordações, suas vozes ganham força perante uma sociedade que, muitas vezes, cerceia o direito do idoso de ser mais no mundo. Aqui, abrimos espaço para os sorrisos afetuosos, para a afetividade e para as mãos trêmulas do avançar da idade. Cada idoso tem algo a falar sobre suas experiências de seu tempo de escolarização. Vozes individuais integram um coletivo e, juntas, falam sobre seu tempo de escolarização, de sua família, de seu trabalho e de sua condição de vida. Aqui, todas vozes foram respeitadas: a escuta sensível serviu de suporte para analisar relatos preciosos para repensar a relação dos idosos com a nossa sociedade. Essa seção está organizada a partir das memórias de: i) como era a escola; ii) as causas do abandono escolar e iii) a docência e as práticas pedagógicas. Os relatos são analisados com base no cenário educacional da década de 1940, período em que os idosos foram escolarizados.

#### **4.1.1 Trajetória escolar: a memória da escola**

Podemos avaliar que as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa muito se assemelham, por fazerem parte de realidades muito próximas. Esse fato é esclarecido por Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010, p.93):

As narrativas, embora feitas por indivíduos, evidenciam mais que elementos da existência individual, pois, através delas, é possível captar as relações do narrador com os membros de seu grupo social, sua profissão, sua sociedade. Busca-se, com as histórias de vida, atingir a coletividade de que seu informante faz parte.



A memória reafirma-se enquanto dimensão individual do ser humano, contribuindo para a construção da memória coletiva que dialoga com a história de nossa sociedade.

Antes de analisarmos os dados construídos, convém lembrar que os idosos participantes desta pesquisa foram alfabetizados na década de 40. Araújo (2007) destaca que a referida época foi marcada por projetos educacionais que disputavam a hegemonia, já que havia uma crença sustentada do poder de a educação escolar “moldar” a sociedade.

Sob essa perspectiva, a educação necessita ser avaliada como uma prática que não é neutra e que se desenvolve de acordo com os interesses políticos. Cabe, desse modo, destacar que a intencionalidade governamental da época era de “moldar as mentalidades”, em que o aluno era “preparado” com base em práticas pedagógicas que concebiam a aprendizagem como um produto, oferecendo ao aluno o acesso aos conhecimentos apenas declarativos.

A educação no referido recorte histórico era desenvolvida com vistas a atender as perspectivas do sistema capitalista. As práticas pedagógicas e a realidade educacional da época eram baseadas na educação tradicional, em que o sujeito era tratado como uma folha em branco na qual o professor poderia “escrever livremente”. Basicamente, a educação era tratada como privilégio de poucos: o real interesse político da época era formar pessoas que faziam parte das classes mais favorecidas financeiramente. Araújo (2007) relata que, nos anos 40, o grande esforço governamental da época era priorizar a educação das elites ao invés de incentivar a educação popular.

Diante do cenário educacional precário para as classes populares, conseguimos evidenciar, por meio de casos narrados pelos seis idosos pesquisados, que todos frequentaram escola e apresentaram uma curta passagem pelas instituições de ensino, com exceção de uma das entrevistadas, que concluiu seus estudos de magistério. Os dados analisados indicam que essa passagem variou de um ano até seis anos. Todos são oriundos dos mais lugares distintos do estado do Pará, como podemos constatar com base na leitura do quadro 2, localizado em 1.3.3.

Nos relatos dos seis idosos, constatamos que um idoso não concluiu a cartilha de ABC. Quatro entrevistados concluíram até a 4ª série e uma terminou o antigo magistério. Todos relataram dificuldades em sua trajetória escolar, o que

acabou influenciando no abandono. Estas dificuldades se caracterizavam por: a) distância das escolas para as suas casas; b) inacessibilidade do horário; c) falta de merenda escolar e d) o trabalho juvenil para sustentar a família.

Quanto ao contato dos participantes com a família, todos os idosos pesquisados foram unânimes em dizer que não têm contato com os seus parentes. Todos foram abandonados à própria sorte. Dos seis, apenas dois têm filhos. Um idoso relatou que recebia visita de uma madrinha até em 2010. Os demais relataram que, desde que chegaram para morar no “Lar da Providência”, não tinham contato com ninguém da família.

Quanto à condição socioeconômica dos sujeitos, os cinco relataram que recebiam aposentadoria do governo. Contaram os idosos que o dinheiro recebido geralmente auxilia nas necessidades físicas que os participantes têm durante o mês, no pagamento de consultas e de exames médicos e na compra de roupas e de materiais de higiene pessoal.

Em relação às profissões que os sujeitos exerciam, uma foi professora formada pelo magistério, um foi carpinteiro, um foi marceneiro, um foi feirante, uma foi empregada doméstica e um foi pedreiro. Todos são oriundos de famílias de origem humilde.

Descrito os participantes da pesquisa, passamos para as recordações que eles tinham sobre sua escola. Começamos com Maria:

A minha escola era grupo quando eu morava em Benevides<sup>5</sup>. Então... eu estudei, comecei a estudar com os meus 10 ou 11 anos. Já com os meus 13 anos, minha mãe estava muito doente, aí eu já parei de estudar para ajudar minha mãe, acabou o meu estudo, mas a essa altura eu já passado o primeiro ano todinho lendo, passei da carta de ABC para o meu primeiro livro “Gilberto de Carvalho”. Até o nome do livro eu lembro. Veio o teste do primeiro, aí fui logo para o segundo! Nesse segundo, já ia para cursar a terceira e a quarta e com isso encerrou meu estudo (Maria).

A criação de grupos escolares em todo estado refletia a concepção dos primeiros governos republicanos no Pará. Esses grupos foram fundamentais para o incentivo a ampliação e qualificação do ensino, pois, como Costa e Correa (2010, p.6) relatam:

---

<sup>5</sup> Benevides é um município brasileiro do estado do Pará, situado na região metropolitana de Belém, Sua população estimada em 2016 é de 59.836 habitantes..

Antes o ensino era desenvolvido em casas escolas com limitados espaços e carentes de recursos principalmente no interior do Estado, os novos espaços escolares dos Grupos traziam a expectativa da formação aplicada.

Para compreender melhor o contexto dos grupos escolares, podemos avaliar que o Pará foi o terceiro Estado do Brasil a implantá-los, buscando se igualar aos dois primeiros grandes polos do símbolo de desenvolvimento republicano através da educação (COELHO, 2008): São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo França (2013), o primeiro grupo escolar criado, no Estado do Pará, foi o do Município de Alenquer, em 1899. Em 1900, foram criados grupos nos Municípios de Curuçá, Bragança, Santarém, Soure e Cametá. Chaves e Silva (2012) relatam que os grupos escolares era um espaço em que os alunos seriam moldados para desenvolverem hábitos e atitudes. Era bem mais que um simples espaço de ensino/aprendizagem, pois, neles, a educação era aprimorada e a valorização do professor por meio de estratégias para os problemas educacionais da época era trabalhada.

Segundo Loureiro (2007), o cenário educacional da época era predominantemente um universo de não-letrados, em que a educação formal não era uma necessidade básica de todos os cidadãos. Era realmente necessária quando o sujeito tinha o interesse de ingressar no ensino superior.

Nessa perspectiva e com base na fala da entrevistada, podemos perceber que a educação trabalhada na década de 40, época em que os idosos estavam passando pelo processo de alfabetização, era desenvolvida com atitudes e hábitos que uniam a codificação simples com a simples leitura e escrita, trabalhados como um símbolo de erudição, o que corrobora com as ideias de Loureiro (2007). Esse destaca que esse período era retratado como um tempo onde as famílias com maior poder aquisitivo se sobressaíam no que diz respeito ao direito à educação.

Nesse período, é relevante que tenhamos uma clara concepção que educar se configurava como,

Transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívico – patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade (SOUZA, 2004, p. 127).

Podemos perceber que, nas palavras de Souza (2004), o ato de educar, naquela época, era tido como transmissão de conhecimentos que preparavam o

aluno para uma educação que ia para além do conhecimento científico, mas englobava conhecimentos do dia-a-dia. Na fala de um de nossos participantes, seu Olindo, há uma relação, mesmo que não explicitada, entre os conhecimentos escolares e cotidianos:

A escola onde eu estudei foi onde eu nasci no calderona aquele povoado que tem no rio de Soure<sup>6</sup>, nesse rio, nessa beira desse rio morava uma série de moradores onde eu morei lá é mais assim para trás que fizeram o colégio a escola atrás dos povoados todinho, mas não tinha nome (Olindo).

Na fala de seu Olindo, podemos evidenciar que o sujeito vem de uma realidade rural ribeirinha, onde o rio era sua rua (*“nesse rio, nessa beira desse rio morava uma série de moradores onde eu morei lá é mais assim para trás que fizeram o colégio a escola atrás dos povoados todinho, mas não tinha nome”*). Nesse enunciado, podemos verificar que a realidade da educação ribeirinha se configura quase sempre de maneira precária, com salas multiseriadas, falta de merenda escola e difícil acesso ao ambiente escolar. No discurso do idoso, a escola, sem nome, se configura como um local construído pelas mãos dos próprios moradores do povoado.

Para compreender melhor a realidade ribeirinha, é mister refletirmos que a vida interioriana representa uma série de dificuldades. Os sujeitos ribeirinhos vivenciam uma realidade sofrida de descaso por meio do poder público. Eles habitam os interiores do estado do Pará nas margens de rios ou de igarapés, quase sempre tendo que ter seus direitos secundarizados pelos governantes. Esse cenário caracteriza os modos de vida no interior amazônico. Em muitos estudos, essa precariedade social e educacional é destaque, fatores esses decisivos para a formação humana e educacional dos ribeirinhos (CAVALCANTE; WEIGEL, 2004).

Dando sequência aos relatos sobre a memória da escola, dona Josete, na fala a seguir, destaca o ensino como prática rigorosa, mas permeada por amorosidade no colégio religioso que estudou,

O prédio que eu estudava era bonito: era eu estudei lá no Dom Bosco! Era colégio de freira, rigoroso, mas eu gostava muito das freiras. Sempre me trataram bem, gostam de mim: eram boazinhas!

---

<sup>6</sup> Soure é um município brasileiro do estado do Pará localizado na região do Marajó que por sua vez tem uma área de aproximadamente 40.100 km<sup>2</sup>, é a maior ilha costeira do Brasil, eis que igualmente banhada pelo Rio Amazonas a oeste e noroeste, pelo Oceano Atlântico ao norte e nordeste e pelo Rio Pará a leste, sudeste e sul.

As freiras eram bem carinhosas, elas me tratavam bem! Eu sempre fui mimada, pois sou filha única e elas faziam todos os meus gostos (Josete).

A fala de Josete remete-nos à citação de Araújo (2007), para quem, no Brasil, nas décadas de 1940, havia projetos que defendiam uma educação escolar humanística a técnica ou científica, que enfatizavam os ensinamentos religiosos.

O colégio a quem dona Josete se refere, o Dom Bosco, é localizado em Belém. Configurava-se como uma escola de cunho religioso, coordenada por freiras e inspirado nos ideários pedagógicos de São João Bosco. Essa escola traça suas práticas pedagógicas desde 19 de março de 1919, como colégio particular que realiza uma educação pautada em princípios religiosos do catolicismo. É conduzido pelas irmãs da congregação filhas de Maria Auxiliadora.

Voltando à transcrição da fala da idosa entrevistada, podemos perceber a afetividade presente nas relações entre os educandos e as freiras (“[As freiras] *Sempre me trataram bem, gostam de mim: eram boazinhas*”/ “*Eu sempre fui mimada, pois sou filha única e elas [as freiras] faziam todos os meus gostos*”). Podemos destacar, aliás, que o referido era uma instituição de ensino privada, onde pessoas com um melhor poder aquisitivo poderiam frequentá-la.

Dando continuidade, abrimos espaço para a narrativa de seu Edemar, recordando que sua escola era conduzida por pessoas negras,

A minha escola era na casa de meia dúzia de pretinha. Eram seis pretinhos cabeça de pimenta do reino. Lembro que era professora do Rosário era lá na rodovia SENAP, aqui perto da Igreja do Perpétuo Socorro. Ali entrava burro e saía sabido (Edemar).

No discurso do idoso, as memórias de escolarização do idoso referem-se ao preconceito racial da década de 40 (“*A minha escola era na casa de meia dúzia de pretinha*”/ “*Eram seis pretinhos cabeça de pimenta do reino*”/ “*Ali entrava burro e saía sabido*”). Infelizmente, esse preconceito racial e a fala discriminatória de desqualificação à pessoa negra perdura até hoje, em pleno século XXI.

De um modo geral, percebemos, pela transcrição da fala de Edemar, que a escola, naquela época, se configurava como um espaço peculiar e caseiro. Na época de escolarização em que o idoso esteve inserido, configurava-se por um período de tristes recordações da escola: um espaço pensado para os abastados financeiramente.

Dando continuidade às recordações do espaço escolar dos idosos, seu Marcos nos relata que sua vivência educativa esteve dividida em dois espaços escolares: a escola Barão do Rio Branco e o Instituto Lauro Sodré,

A escola que eu estudei era o Barão do Rio Branco. Lembro que eu gostava muito de escrever bilhete para minha namorada. Depois, fui para o Lauro Sodré: era um colégio interno e de lá eu só saía final de semana para visitar a família. Era uma escola pública (Marcos).

O grupo escolar historiado por Marcos, o “Barão do Rio Branco”, era uma instituição de educação formal que, segundo Pantoja (2011, p. 6):

Grupo escolar Barão do Rio Branco espaço de educação formal, educação da gramática e da aritmética, das letras padronizadas e formalizadas em regras, das soletrações e raciocínios que buscava promover, em muitos alunos, a superação da origem mestiça e pobre.

O Instituto Lauro Sodré, segundo Costa (2011), era a escola profissionalizante do estado do Pará. Configurava-se, em relação à organização curricular, como grupo escolar.

Analisando o enunciado de Marcos, podemos destacar que o idoso-educando passou seu processo de escolarização nos colégios Barão do Rio Branco e no Lauro Sodré (*“A escola que eu estudei era o Barão do Rio Branco”/ “depois fui para o Lauro Sodré”*), onde o mesmo destaca que só via sua família aos finais de semana (*“só saía final de semana para visitar a família”*).

Com essa sequência de relatos tão significativos, refletimos que a valorização da memória do cotidiano desse sujeito teve resultado muito positivo. Entre os quais, podemos destacar que foi muito gratificante observar esses idosos dialogando suas experiências com liberdade e com uma rica descrição. Isso foi possível através de nossa escuta sensível, pois, como afirma Macêdo (2000, p. 63), “a valorização do cotidiano possui certa sabedoria que se consubstancia na crença de que, para que, uma mudança seja profunda, é necessário partir da intimidade das coisas, é preciso partir delas, conviver com elas”. A aproximação com os idosos e a escuta sensível de nossa parte nos possibilitou a recolha de dados sutis.

Analisada a transcrição da fala de Marcos, podemos passar para a de Dona Josete, que recorda que:

Eu era filha única. Não tinha nenhum tipo de dificuldade, problemas financeiros e minha única obrigação era estudar (Josete).

Dona Josete destaca que com uma realidade de vida diferenciada, por vir de uma família com certo poder aquisitivo. Durante a juventude, nunca precisou trabalhar (*“não tinha nenhum tipo de dificuldade”/ “problemas financeiros”*) e dedicou-se exclusivamente aos estudos, sua única obrigação (*“minha única obrigação era estudar”*).

Seu José, mesmo se tratando de uma escola pública, destaca, em sua memória, bons momentos:

Um dos detalhes que eu mais gostava era que tinha merenda (hum muito bom), tinha merenda, a gente brincava de uma bola na hora da recreação, as coisas que ainda lembro são isso, eu era feliz (José).

Parecebemos, na fala de seu José, um tom descontraído e alegre em sua fala, pois havia merenda e a recreação também foi citada como uma hora de diversão (*“tinha merenda”/ “a gente brincava de uma bola na hora da recreação”*).

Por tanto a ludicidade desenvolvida no momento de recreação era o que proporcionava alegria à seu José, o idoso ressalta com grande felicidade o fato da escola lhe apresentar merenda porque vem de uma realidade de vida bastante pobre, muitas vezes a merenda escolar seria sua única refeição do dia.

Já para seu Olindo, ele, em seu relato, disse que

Eu ia para escola para evitar fazer um monte de coisa ou eu ia pra escola ou eu tinha que ir pescar ou caçar e ainda tinha que aprender as coisas com meu pai, como aprender a pescar, a saber das matas, das coisas e quando eu ia pra escola ficava lá das 7:00 as 11. Era sagrado: todo dia (Olindo).

No enunciado acima, a escola foi destacada como ponto de refugio onde o idoso que relatou ir para o ambiente educacional a fim de ter um momento para descansar. percebe-se que o aluno vai à escola para fugir das tarefas domésticas: uma válvula de escape, uma fuga das tarefas familiares, onde o papel da criança pobre e ribeirinha era começar a trabalhar muito cedo para assim contribuir no sustento da família .

Quando questionados sobre o que a escola lhe proporcionou, os seis idosos destacaram que o espaço educacional trouxe a “decência”:

Para seu Olindo, a escola:

Me ajudou a prender muito eu andei tudo por aí e é muito triste a pessoa que não sabe escrever nem ler não sabe e sempre precisa

de alguém que não sabe escrever nem seu nome e não sabe nada da leitura sempre alguém tem que ler o jornal para ele, e a gente tinha que acreditar porque não sabe ler (Olindo).

Seu Olindo reflete a educação como um instrumento que está inteiramente associado ao universo da leitura e da escrita e, quem não comunga desse conhecimento, acaba sendo excluído (*“é muito triste a pessoa que não sabe escrever nem ler não sabe e sempre precisa de alguém”*). Sobre esse assunto, Oliveira e Mota Neto (2004, p.113) esclarecem que:

A educação como estudo está associada à instrução, à leitura e à escrita [...]. Nesse sentido, a educação escolarizada acaba sendo mais valorizada que a cultura da conversa e a consciência da exclusão e discriminação que sofre o analfabeto na sociedade letrada por isso ressaltam a importância da escola.

É necessário avaliar que a educação emancipatória rompe com a priorização da escrita e da leitura como instrumento de mera decodificação, pressupõe que o educando precisa ser respeitado em suas especificidades, busca a dialogicidade como ferramenta alfabetizadora que liberta e forma sujeitos autônomos. Segundo Valério (2011, p. 23),

A escola é democratizante é associada à ideia de escola da comunicação, devendo priorizar na formação do aluno a capacidade de expressão, de compreender as mensagens escritas e orais. É necessário trabalhar o diálogo, ensinando ao aluno a argumentar, analisar discursos e mensagens e principalmente a manejar a língua como instrumento de emancipação e autonomia.

Espaço de formação e modificadora do futuro, constatamos, além da fala de Olindo, que, no discurso de Edemar estão presentes algumas das características descritas por Valério (2011), como podemos ver a seguir:

Como lhe falei, a escola é o lugar onde a gente aprende tudo, e principalmente o conhecimento de como se comportar, como tratar alguém, na escola a pessoa entra burro e sai sabido (Edemar).

A fala acima, na escola, a pessoa entra burro e sai sabido, avaliamos que essa concepção era repassada pela educação bancária onde o aluno era visto como uma tabula rasa, negando todo conhecimento de mundo que o educando trazia consigo, nesse sentido a escola é vista como espaço de formação, espaço onde os alunos vão para procurar aprender tudo o que não sabem (*“a escola é o lugar onde a gente aprende tudo”*) e aprender as relações pessoais (*“como tratar alguém”*).



Analizada a fala de seu Edimar, passamos para a próxima fala a ser analisada, a da Dona Josete, destaca o ambiente escolar,

Na época que eu era mais jovem [a escola] seria o meu porto seguro. Lugar de aprender o que não se sabe, lugar que eu gostava muito. Recebi um conhecimento muito maravilhoso (Josete).

No discurso de dona Josete, a escola é vista como “porto seguro”, um lugar aconchegante, a relação dela com o conhecimento é positiva pela sua estrutura financeira e familiar o que influenciou positivamente e decisivamente no processo de ensino aprendizagem da idosa. Podemos perceber que a juventude é permeada por relações afetivas (*“lugar que eu gostava muito”*) que fazem parte natural do percurso da vida. De modo parecido com a idosa, seu Marcos destaca:

Eu gostava tanto de namorar que, uma vez, um servente pegou um bilhete que eu tinha escrito para minha namoradinha e mandaram chamar meu padrinho que era responsável por mim. Nesse tempo eu queria mesmo era trabalhar para poder levar a namoradinha pra sair. Queria logo trabalhar e ter meu dinheiro (Marcos).

Nesse trecho, seu Marcos o quanto gostaria de ter dinheiro para levar sua namorada para sair (*“eu queria mesmo era trabalhar para poder levar a namoradinha pra sair”*) esse relato do idoso nos faz presumir que querer ter dinheiro para levar sua namorada pra sair foi uma das causas determinantes para seu abandono escolar.

Além dessa recordação, seu Marcos se lembra de:

Minha vida era uma vida boa, eu estudava e no meu aniversário, tinha festa, tinha bolo de tapioca mas como eu gostava muito de namorar. Eu me empreguei logo, isso me prejudicou mas eu ainda cheguei a fazer muitos cursos. Um deles foi de desenho artístico lá onde hoje é a Embrapa (Marcos).

Seu Marcos, acima, refere-se ao seu aniversário (*“no meu aniversário, tinha festa, tinha bolo de tapioca”*), fato que foi relatado com um grande sorriso e com um semblante feliz, ao recordar o curso de desenho artístico que fez.

Analisado os dados de seu Marcos, vamos ao Seu Olindo, que, em sua fala, é mais questionador:

Eu gostaria que tivesse pelo menos luz elétrica, naquele tempo não tinha essas coisas todas que tem hoje (Olindo).

No enunciado acima, seu Olindo leva o questionamento para o lado da infraestrutura da escola e do local onde essa escola pertencia. Ele relata que seria bom, naquela época, ter luz elétrica, pois a falta de luz era uma das causas de grande tristeza. A fala do idoso nos remete ao fato de que na década de 40 a escola não tinha uma boa estrutura, falta de recurso e priorização da educação de pessoas que tinham um maior poder aquisitivo.

Em relação às escolas acima relatadas, podemos considerar que os idosos demonstram recordar delas. Porém, apresentam, em suas falas, uma curta passagem por elas, o que nos aponta para a necessidade de avaliar esse cenário educativo, que também faz parte da memória desses idosos. As escolas que eles frequentaram foram escolas públicas regulares, e proporcionaram momentos agradáveis que perpassam desde o fato de poder escrever um bilhete à namorada, como consta no relato de seu Marcos, até o fato de poder iniciar a leitura de seu primeiro livro.

#### 4.1.2 Escolarização: causas do abandono escolar

Quando os idosos foram perguntados sobre o porquê tiveram de abandonar a escola, as respostas foram as mais diversas. Todos os participantes desta pesquisa fazem parte do alto índice de pessoas que tiveram de trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da família. Alguns tendo como causa a morte da mãe, assumindo responsabilidade de cuidar de si e de seus parentes desde criança. Na primeira transcrição de fala a ser analisada nesta seção, a de Maria, isso é constatado de forma nítida:

Eu deixei a escola justamente por a minha mãe ter morrido aqui em Belém. Ainda tentei me empregar em casa de família, mas era muito difícil. Saía de casa de família 20:00 para casa de meu irmão. Eu morava com meu irmão. Depois que eu passei a morar em casa de família (Maria).

Nessa perspectiva, Bosi (1994, p. 53) relata que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada um, aflora à consciência na forma de imagens lembranças”. No enunciado de Maria, podemos perceber uma realidade sofrida: mesmo jovem e, depois de perder sua mãe, teve que trabalhar como doméstica em casa de família, impossibilitada de

continuar os seus estudos (*“Ainda tentei me empregar em casa de família mas era muito difícil”*). A idosa retrata uma triste realidade de muitos brasileiros que precisam ganhar seu sustento muito cedo e não encontram tempo para dar continuidade à sua trajetória escolar, o fato de ter que trabalhar muito cedo para se sustentar é uma triste realidade da década de 40 que perdura até hoje.

Sem fugir dessa triste realidade, Edemar, em sua fala, destaca que:

A minha mãe não tinha mais condições de pagar. A minha mãe adoeceu aí ela vivia do dinheiro de uma tina lavando roupa e eu vivia carregando roupa com ela da sacramenta até o ver-o-peso<sup>7</sup>. Uma fábrica de garapa que fabricava caldo de cana (Edemar).

Oriundo de uma família humilde, o entrevistado Edemar destaca que vivia uma vida financeira muito difícil (*“A minha mãe não tinha mais condições de pagar”*). O sustento de sua família era garantido pela sua mãe, que lavava roupas para terceiros.

Concluir, concluir não cheguei, pois quando chegou a quarta eu não passei para quinta não tive mais condições de estudar lá como se diz assim na parte financeira, não tive como prosseguir eu queria prender uma especialidade sabe, aí eu comecei aprender no estaleiro de fazer barco, precisava ganhar dinheiro para ajudar em casa (Olindo).

No relato de Olindo, novamente constatamos que a questão financeira e o próprio o sustento da família foram motivos de dificuldades para continuar a estudar (*“não tive mais condições de estudar lá como se diz assim na parte financeira”*), como podemos avaliar, novamente acentuamos a educação sendo retratada como um benefício dos mais favorecidos economicamente podemos perceber a diferença no processo educacional relatado por dona Josete que freqüentou a escola Dom Bosco e teve acesso e incentivo à permanência no ambiente escolar por ser oriunda de família de classe média e a realidade pobre destacada na fala de seu Olindo, sem condições econômicas que lhe incentivasse a permanecer na escola teve que se evadir muito cedo.

A dificuldade financeira foi um grande destaque na fala dos idosos, o que também é contado por José, como podemos verificar a seguir, em sua narrativa:

---

<sup>7</sup> É um mercado situado na cidade brasileira de Belém, no estado do Pará, às margens da Baía do Guajará

A dificuldade que eu tinha era grande, ai decidir parar pra trabalhar; pra fazer qualquer serviço, minha maior dificuldade era financeira (José).

Margulis e Urresti (1996 *apud* CARRANO, 2007, p.5) esclarecem que, em relação ao trabalho, os jovens, para suprirem suas necessidades de consumo, são obrigados a trabalhar, e por muitas vezes, esse trabalho não possibilita sua formação.

De modo geral, podemos destacar que esses idosos carregam consigo o peso de uma história de vida sofrida e cheia de exclusões. Sendo assim, suas recordações se estruturam de acordo com a seleção que as suas mentes fazem, ressignificando o que foi vivido.

Josete, a última idosa a ser analisada, relata os seus problemas em continuar os estudos. Para ela,

Naquela época, tudo era muito difícil. Hoje em dia está tudo mais fácil: o jovem tem muita oportunidade que não tínhamos naquele tempo. Se eu fosse jovem hoje, eu tratava de aproveitar todas as oportunidades que o governo ta dando, porque não ter estudo é algo muito triste, não saber tratar os outros com educação é coisa muito feia (Josete).

Como citamos varias vezes na seção 2 dessa dissertação, o papel do idoso na sociedade é ser orientador das novas gerações, o que é relatado por dona Josete, quando compara as oportunidades de antes e de hoje e dá uma espécie de “lição de moral” aos jovens (*“Se eu fosse jovem hoje, eu tratava de aproveitar todas as oportunidades que o governo ta dando”*).

Além do que o fizeram desistir da escola, os idosos foram interrogados de como era sua situação familiar e financeira na época da escolarização. Seu José destaca que, na infância, fazia serviços para vizinhos para ganhar seu dinheiro.

Naquela época, eu ainda não trabalhava, mas eu fazia qualquer serviço. Qualquer pedido de uma pessoa, de um vizinho, de uma vizinha aí sempre ganhar um troco aí dava para minha mãe uma ponta aí sempre dava uma parte para ela e também ficava com uma parte para mim (José).

Seu José era uma espécie de faz-tudo onde seus vizinhos lhe chamavam para fazer serviços que lhe gerasse alguma renda, o idoso relata que estes serviços auxiliavam no sustento familiar.

Ao analisarmos a recordação que o idoso relata refletimos de acordo com Mucida (2009, p.85), que “a memória não se constitui apenas como armazenamento de dados, ou um mero arquivo do passado”, está sempre ligada à vida, destacando a relevância da lembrança para a reformulação do hoje a partir da estrutura do passado retratado por uma memória que não se apaga mas se ressignifica a cada instante.

De forma parecida com seu José, trazemos, mais uma vez, a voz de dona Maria fazendo mais um relato de suas lembranças,

Eu sou filha de Benevides nascida em Benevides. Vim para cá para Belém quatro dias dos meus 14 anos. Morei com meu irmão, depois morei com uma família meus até 25 anos foi com uma família até então... Até já tinha parado de estudar para começar a trabalhar em casa de família (Maria)

A idosa Maria nascida em um interior do estado do Pará, trazendo nas costas o peso da exclusão social e educacional, destaca que parou de estudar para começar a trabalhar, mesmo sendo muito jovem teve responsabilidade de adulto tendo que se sustentar a única saída foi começar a trabalhar em casa de família.

A idosa Maria ainda nos relata que sua vida era tão sofrida que nem lembrava de sua adolescência, em seus quinze anos.

Estudei e, quando eu ia passar para quarta série do livro Gilberto de Carvalho, eu parei, pois minha mãe morreu. Aí, eu vim para Belém morar com o meu irmão. Aí, pronto: já foi para casa de família. Eu fiz 15 anos na casa de família, eu não queria nem saber desse negócio de 15 anos de aniversário. Eu só me lembrei porque uma pessoa chegou e me perguntou: que idade você tem? Qual é a data do seu aniversário? Aí que eu fui olhar e vi que já tinha passado um mês, o mês de março. Aí eu respondi: já passou. Era no mês de março e foi assim a minha situação muito triste (Maria).

Os pontos onde a significação da vida se concentra na mudança de lugar e na morte de um parente, acontecimentos marcantes na vida de Maria. A idosa retrata que suas lembranças foram tomadas por um marco de sucessivas transformações, como o falecimento de sua mãe. Isso nos leva a pensar até que ponto a memória atual retrata o sofrimento de vivências tão sofridas.

Dialogar sobre suas memórias, segundo Olanda (2006, p.80), faz com que o idoso conseqüentemente reflita sobre sua realidade, repense de maneira crítica a sua vida, a fim de agir sobre sua própria realidade.

A falta de merenda levou seu Edemar a fazer venda, tentando ter o dinheiro para comprar o lanche. Em uma das transcrições de seus relatos sobre as causas do abandono escolar, ele destaca que:

Morava com minha mãe. Eu ia embora para o Ver-o-Peso fazer venda, para ter dinheiro. Para eu comprar merenda que a minha mãe não me dava. Ela não tinha condições: passava o dia todinho na beira de uma tina lavando roupa pra fora. Um dia, eu peguei fui lá para ver-o-peso, fui vender umas coisas. Quando eu vi, uma senhora disse: “Ei moço quanto é a agulha?”. Quando eu me virei, era minha mãe: aí entrei num galho de goiabeira (Edemar).

A fala de seu Edemar nos faz refletir que, segundo Mucida (2009, p. 91), e como discutido em 2 dessa dissertação, as memórias são “as lembranças que sofrem também os efeitos das fantasias, das novas inscrições e do sentido que o sujeito dá depois àquilo que retorna”. Sendo assim, é importante destacar que a memória não é aquilo que aconteceu exatamente, pois não é uma reprodução de fatos.

A vida difícil e a realidade sócio econômica restrita impulsionaram seu Edemar para fora do espaço escolar. Seu Olindo relata suas lembranças, quando apreendeu sua profissão de carpinteiro:

Eu morava com meu padrinho, que era dono do estaleiro. Aí, ele me levou para lá para aprender, aí fiquei sabendo de tudo que era referente a profissão de carpinteiro, tanto que, quando eu acordava por ali, era conveniente. Depois, conheci um homem que me chamou e disse que estava precisando de carpinteiro e disse se eu não queria trabalhar com ele. Aí, eu disse que vinha e vim eu e mais outro carpinteiro para trabalhar por aqui. Eu recebia muito serviço dele para trabalhamos o que fez com que eu largasse os estudos (Olindo).

Sendo responsável pelo sustento da família, a profissão era tida sempre como uma tabua de salvação. Garantir a sobrevivência por meio do trabalho fazia a escola ser secundarizada na vida de pessoas oprimidas por um sistema capitalista e cruel (*“Eu recebia muito serviço dele para trabalhamos o que fez com que eu largasse os estudos”*).

Segundo Bosi (1994, p.28) a infância é larga e deixa marcas profundas. A autora apresenta a dificuldade em desprender-se da infância para chegar à vida adulta.

Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças nos deixa é a divisão do tempo em que nelas se opera. A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de anuências afetivas de pessoas, de vozes, de lugares...

Podemos averiguar, então, que a idosa Josete apresenta um contra-ponto de tudo que vem sido debatido nesse espaço, pois ela não teve que abandonar a escola e sua única função era ser criança, estudar, brincar e receber o carinho das freiras da colégio Dom Bosco.

Em relação aos idosos oriundos de família humildes e com pouco poder aquisitivo, podemos destacar que a situação vivenciada por estes sujeitos nos faz refletir que:

Não são crianças, mas pessoas jovens, adultas e idosas com uma experiência sofrida de vida e profissional, de modo geral, são trabalhadores assalariados, do mercado informal ou do campo que lutam pela sobrevivência na cidade ou no interior, apresentando em relação a escola uma desconfiança, por não terem tido acesso à escola ou já terem sido evadidos (OLIVEIRA, 2011, p. 47).

Esses idosos trazem o peso de uma trajetória de vida sofrida, cheia de percalços, dificuldades que fizeram com que esse idoso saísse da escola e tivessem uma infância rigorosa que exigiu que eles se tornam-se muito cedo “adultos em miniatura”, com deveres muito pesados para sua idade.

Os relatos das recordações dos idosos perpassam pelas seguintes situações existenciais: tiveram que se empregar muito cedo para ajudar na renda familiar, ter dinheiro para custear suas despesas pessoais e seus relacionamentos, entre outros

Quando indagada sobre suas dificuldades, dona Maria destaca:

Eu ia pra escola porque eu achava que eu ia aprender alguma coisa lá. Para chegar lá, eu tinha que andar 3 km. Eu andava muito para chegar à escola. Aquela estrada longa no sol quente! Bem longe da estrada, tinha uma mangueira eu corria para me esconder embaixo da mangueira, por causa do sol. Eu e mais uns três meninos, tudo com aqueles tamanquinhos da moda na época, íamos pelo meio da estrada e, às vezes, passávamos correndo e foi isso. Era uma pobreza: a gente tomava um golinho de café, mas eu tinha muita vontade mas eu morria de preocupada, pois deixava minha mãe doente em casa fazer um Caribé<sup>8</sup> fininho e deixava para ela. Chegava atrasada pra aula e tinha que sair adiantada, porque sabia que ela sempre me esperava, pois eu sabia que era só eu tinha meus irmãos homens mais homens. Faziam só por eles (Maria).

---

<sup>8</sup> Mingau feito de farinha de mandioca

Dona Maria relata que só tinha irmãos homens, por isso tinha sobre suas costas a responsabilidade maior de cuidar de sua mãe por ser filha mulher, contudo isso lhe proporcionou possibilidades ainda menos de continuar seus estudos, a idosa também destaca que andava muito para chegar a sua escola, o que nos faz refletir o quanto era sofrida aquela caminhada longa por meio de um sol que desgastava não apenas seu corpo físico, mas aumentava seu sentimento de tristeza de vir de uma realidade tão humilde e sofrida. Muitas vezes, indo para a escola apenas com um café para sustentar sua fome de conhecimento, as dificuldades foram intensas e lhe impulsionaram para o caminho oposto ao da escola (*“Chegava atrasada pra aula e tinha que sair adiantada, porque sabia que ela sempre me esperava”*).

Seu Marcos, por sua vez, ao se lembrar da escola, relata que

Gostava da escola porque namorava muito, ganhava ponto. Não era muito chegado na matemática: na regra de três, raiz quadrada. O que eu gostava era de contar um, dois e três (Marcos).

Na transcrição acima, seu Marcos dá destaque à escola como um espaço de relações pessoais de namoro (*“Gostava da escola porque namorava muito, ganhava ponto”*). Ele demonstra uma certa rejeição por certos conteúdos da matemática (*“Não era muito chegado na matemática: na regra de três, raiz quadrada”*).

Podemos destacar que o fato do idoso gostar de contar foi algo que lhe aproximou da matemática por estar presente em seu dia-a-dia, talvez a regra de três e a raiz quadrada não foi apresentada ao idoso como um conhecimento que estivesse inserido em seu cotidiano o que lhe proporcionou uma certa rejeição.

Na realidade educacional vivenciada por seu José,

Um dos detalhes que eu mais gostava era que tinha merenda (hum muito bom), tinha merenda. A gente brincava de uma bola na hora da recreação, coisa que ainda me lembro são isso, eu era feliz (José).

No discurso do idoso, existia merenda escola e este fato ganha um tom descontraído e alegre em sua fala, porque seu José considera a merenda por ser pobre e ter condições precárias de permanência na escola, tinha na merenda escolar uma atração que saciava temporariamente a necessidade de seu corpo (*“eu mais gostava era que tinha merenda (hum muito bom), tinha merenda”*). A recreação também foi citada como uma hora de diversão (*“A gente brincava de uma bola na hora da recreação, coisa que ainda me lembro são isso, eu era feliz”*).



Diferentemente de seu José, os outros os idosos, quanto às más lembranças, destacaram a falta da merenda escola e a distância da casa para a escola, como percebemos nos discursos de seu Olindo e de seu Edegar:

O que eu não gostava era do tempo que era muito curto e que não tinha o quê merendar sair de casa às vezes só com um pedacinho de Beiju e voltava para casa só com aquilo mesmo depois que já surgiu esse tal de lanche escolar, mas era uma tristeza (Olindo).

Eu andava de pé da rodovia SENAI até a passagem São Sebastião porque não tinha dinheiro nem para merendar, que dirá para pagar ônibus. Naquele tempo, o ônibus era de pau (Edegar).

Falta de merenda escolar foi destacada como um dos motivos que fazia um dos idosos entrevistados se entristecer bastante, bem como um curto período de tempo na escola. Um dos idosos relatou que as aulas começavam às 07:00 e terminavam às 11:00.

Na pesquisa de Oliveira (2004, p.113), a narrativa dos educandos oriundos das comunidades rurais ribeirinhas é muito bem traduzida

Em suas falas, os alfabetizando retratam a precária realidade das escolas rurais-ribeirinhas e as dificuldades que enfrentam para freqüentarem as aulas. Destacam a falta de transportes, de merenda, prédios sem infraestrutura, a falta de professores, entre outros.

As dificuldades encontradas pelos idosos em seu tempo de escolarização foram as mais distintas, mas refletem um conjunto de mazelas que emergem no sistema educacional até os dias atuais. Entretanto, os idosos apresentam suas recordações sobre a docente e as práticas pedagógicas que eram desenvolvidas de maneira afetuosa como podemos evidenciar nos relatos da seção seguinte.

#### 4.1.3 Memória: a docência e a prática pedagógica

Todos os idosos demonstraram lembrar com muito carinho de suas professoras. Quatro idosos foram alfabetizados por professoras do sexo feminino e dois idosos foram alfabetizados por professores do sexo masculino. Dona Josete relata que

Eu lembro que minha professora era muito boazinha, porque ela tinha que alfabetizar crianças e isso a tornava muito boa, ainda mais que eu era uma criança muito levada, mas ela chamava muito a minha atenção e eu sempre fui levada, muito danada (Josete).

“As freiras eram bondosas”, sentimos, nessa fala, um destaque para o tratamento recebido das freiras da escola em que dona Josete estudou. Refletimos essa prática pedagógica como uma ação permeada pela amorosidade e afetividade, que também consta na fala a seguir

O que eu gostava muito era das freiras eram muito bondosas. Geralmente, freiras são bem carinhosas. Eu sempre fui uma criança muito levada e elas tinham muita paciência comigo (Josete).

O carinho na prática pedagógica também ganha destaque na fala de seu José:

O que lembro é que minha professora era muito atenciosa, ela ensinava muito bem, sempre muito carinhosa com os alunos (José).

Nesse sentido, Bosi (1994, 63) destaca que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunhas”. Dialogar acerca de suas memórias produziu nos idosos reflexões muito positivas, pois o ato de recordar foi, para os sujeitos, de maneira muito séria e compenetrada. Percebemos, na fala dessa idosa Josete, riqueza de detalhes de um tempo que foi se resignificando, mas que ficou marcante em sua vida.

Seu Marcos é outro que demonstra riqueza de fatos, pois

As aulas eram todas escritas no quadro, lembro que meu professor se chamava Waldemir Silva. Era diretor da escola e foi meu professor. Lembro que também estudei com um professor de matemática muito bom chamado Emílio Saruso, mas eu lembro mesmo que um desses professores foi professor do governador Barata (Marcos).

Seu Marcos destaca a lembrança do nome de seus professores de matemática.

Ainda sobre as recordações da docente, destacamos a fala de seu Edegar, relembando que sua professora era mulher:

Era mulher. Lembro que ela era uma pretinha do cabelo de pimenta do reino e pouca brava. Quando tinha sabatina, se desce com carinho. A professora pegava palmatória e batia na pessoa (Edegar).

Na transcrição acima, seu Edegar utiliza o termo “pretinha do cabelo de pimenta do reino” para destacar que sua professora era negra. Nessa fala, sentimos o peso sobre a questão racial.

Do enunciado de seu Edemar, destacamos, ademais, as práticas pedagógicas, com os castigos que faziam parte da realidade educacional da década de 40. O professor podia “disciplinar” o aluno por meio de castigos físicos, que, na realidade, não acrescentavam muito no processo educativo das crianças daquela época, como podemos verificar nessa outra fala de seu Edemar:

Gostava de ir para a escola porque eu voltava cheio de livros na mochila, me sentia importante com aquele monte de livro, mas eu queria mesmo era saber de trabalhar. De vez em quando, chegava na escola sem vontade de estudar, lá apanhava duas dúzias de bolo da professora para me endireitar (Edemar).

O medo da professora também foi um dos aspectos levantados na fala de dona Maria, destacando a palmatória um dos castigos utilizados pela professora:

Eu nunca peguei palmatória. Se alguma coisa de errado que eu fazia, ela só me olhava e eu morria de medo. Eu sempre procurava não errar. Aí, eu sempre vi com os outros alunos. Ela batia sempre na ponta da mesa, mas eu mesmo nunca cheguei apanhar dela (Maria).

O trabalho de alfabetização é retratado pela idosa dona Josete como uma ação educativa, boa, carinhosa e atenciosa que não dispensava a chamada de atenção quando necessário

Ah eu vejo ela sim muito bonita simpática acho que ela já até morreu ela era muito gordinha mas só que eu gostava. Aí, na hora da merenda, ela ficava de olho em mim porque era um fenômeno diz que a gente namorava, sabe como é o tipo de namoro daquele temp. Eu gostava de um garoto, um olhava para o outro e isso se tornava como namorado: a gente nem se pegava (Maria).

Todos os sujeitos relatam que lembram de seus professores e as falas se assemelham quando se tratava de elogiar a professora que eles tiveram enquanto crianças e jovens. Entendemos que, por relatarem realidades distintas e sofridas, os idosos acabaram tendo, na figura de seus professores, princípios de carinho, afetividade e rigorosidade.

Seu Olindo dá espaço a um relato que destaca a utilização da palmatória como uma ação para corrigir o aluno, relatando sobre a sabatina,

Do que eu me lembro é que ele era um professor homem normal, daqueles que botava agente de castigo dava bolo. Eu sei que ele queria corrigir a gente, mas sempre usava palmatória. Principalmente dia de sábado, que era dia de sabatina (Olindo).

Estamos imersos em um universo onde muitos momentos marcam nossa vida, mas nem sempre conseguimos fixá-los em nossa mente. Tudo que nos marca, segundo Bosi (1994, p. 417),

O primeiro dia de aula, a perda de uma amada, a formatura, o começo da vida profissional e o casamento dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões na data de um tempo exterior. Quando as marés da nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor da correnteza.

A dificuldade na aprendizagem da matemática também foi destacada como uma das lembranças ruins que os sujeitos trazem. O castigo da palmatória, as camaradagens e o curto tempo na escola.

Eu gostava de tudo mano só não a porrada por causa da matemática (Maria).

A fala da idosa acima retrata e justifica a sua rejeição pelo conhecimento matemático. Difundido em uma prática tradicionalista que usava castigos para punir os alunos. Sobre a mesma disciplina, dona Josete acrescenta:

Não gostava era da matemática eu nunca gostei, era muito difícil (Josete).

A sabatina é retratada como uma atividade pedagógica utilizada nos anos 40, período em que os idosos passaram pelo processo de escolarização. Eles recordam do castigo de quem errava nas contas de matemática.

Dia de quinta-feira tinha Sabatina, se tivesse pena de dar porrada no parceiro era eu que aí apanhar no lugar. Acontecia dia de quinta-feira. Era o dia que a professora perguntava a tabuada era isso que era Sabatina (Edemar).

Seu José dá destaque ao que ele denomina de mal camaradagem, colegas da escola que levaram a ele fazer besteira:

Do que eu não gostava na escola, algumas más camaradagens. Não gostava, mal camaradagem que leva a gente a fazer besteira, isso eu não gostava (José).

Segundo Bosi (1994, p.79) “o mapa de nossa infância sofre contínuos recortes à medida que nos abrimos para outros depoimentos, o que nos leva a refletir que o idoso não terá uma memória pura a medida que está

consequentemente refinando suas lembranças”. Em muitos enunciados, como o a seguir, constatamos isso:

Achava que deveria ter mais tempo na escola, era muito pouco o tempo que a gente passava lá, e como eu ia pra escola pra descansar um pouco do trabalho de pescador eu queria que fosse mais tempo (Olindo).

A busca por um momento e um lugar que lhe remete a um descanso mesmo que momentâneo (*“como eu ia pra escola pra descansar um pouco do trabalho de pescador eu queria que fosse mais tempo”*), o idoso Olindo se emocionou ao relatar a dificuldade de buscar a escola como um refúgio.

O que eu não gostava era da matemática. Quando era pra contar corrido um, dois e três eu fazia bem direitinho, mas quando chegou negócio de regra de três, aritmética não prestou mais, por mais que o professor fosse bom, era na minha cabeça que não entrava (Marcos).

Na fala da maioria dos idosos, tal como na de Marcos, a matemática sempre citada como uma disciplina de difícil entendimento e de desmotivação (*“O que eu não gostava era da matemática”*). De certa forma, rejeitada na fala de alguns idosos. Talvez, pelo fato de existir a palmatória, naquela época a matéria acabava sendo vista como temática a ser compreendida através do ato de decorar. Destacamos na fala de mais um idoso o fato de ele saber contar, habilidade mais fácil de ser alcançada por fazer parte da competência que o ser humano precisa se apropriar para a vida, os outros conteúdos considerados mais abstratos, como as regras de três, deveriam ser trabalhados com vistas a aproximar esse conhecimento à realidade de vida do aluno.

Temos na fala do idoso o resultado da aplicação de uma educação bancária onde o aluno na maioria das vezes se culpabiliza por seu insucesso no espaço escolar.

De modo geral, os seus idosos-educandos destacam têm as seguintes recordações escolares negativas: a) a matemática é uma disciplina que eles não gostavam; b) a falta de merenda escolar; c) a questão do castigo de “apanhar bolo”. Esses fatos podem ser avaliados na fala dos entrevistados:

O que eu não gostava era quando a professora me chamava para fazer a pergunta de matemática aí a cabeça se complicava toda até hoje (Maria).

Para Halbwachs (1990, p. 413), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e essa memória individual que constitui a existência humana vai delineando uma memória coletiva. Enquanto que, a de Maria, a matemática é vista como uma lembrança negativa. Seu Olindo, por sua vez, relata que:

Nessa época então não tinha a merenda, não tinha nada mais no interior. É assim mesmo. Somos largados. É tudo muito difícil (Olindo).

Segundo Bosi (1994) “Chama-nos a atenção com a igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos”. Notamos, na fala do idoso Olindo, que a fala de merenda escolar foi apontada como um dos fatores que lhe proporcionou grande tristeza.

A falta de merenda escolar nos demonstra, desde a década de 40, o baixo investimento na educação e o processo educacional, trabalhado e pensado como um objeto para a camada mais rica da sociedade. Logo, não existiria o menor esforço por parte das políticas públicas que se preocupassem em estimular a permanência desse aluno oriundo das classes populares no ambiente escolar. Outra dificuldade foi apontada pela idosa mais abastada de todos, Josete:

Eu gostava de tudo só não gostava de matemática (Josete).

Os antigos paradigmas da educação nos apresentavam o processo educativo sendo baseado em disciplinas estanques e isoladas como o caso da matemática, constatados nos enunciados de Josete, Marcos e Maria. Não se pensava em tornar o conhecimento mais próximo do aluno a partir da relação desse conteúdo com a sua realidade de vida. A sala de aula, na maioria das vezes, era conduzida por professores que delimitavam o ato de educar como uma ferramenta de depósito de conhecimento, fenômeno esse chamado de educação bancária por Freire (1993) e que teorizamos em 3.2. Esse fenômeno, porém, não se restringe só ao ensino de matemática, como podemos observar na experiência relatada por seu José:

A professora perguntava as coisas e a gente tinha que responder certo quem não respondesse apanhava bolo (José).

A memória do idoso é que a tradução de sua vivência que foi ressignificada com o tempo. No enunciado do idoso-educando José, percebemos que o aluno era tratado como tábula rasa, sendo neganda a existência humana desse sujeito. Sabemos, contudo, que a educação necessitava ser trabalhada como um processo humano, histórico e multidimensional que ultrapassa os limites da simples decodificação de códigos, que se apresentava como exigência principal da educação nos anos 40.

O professor poderia então lançar mão dos mais diversos tipos de castigo, utilizando a força física para o desenvolvimento de suas aulas, sendo papel do educador moldar as habilidades desse aluno. Nessa perspectiva, seu Edemar relata que

Eu não gostava da professora ser tão braba, era uma pretinha muito braba, qualquer coisa queria dar palmada na gente (Edemar).

Nesse processo educacional derivado da falta de políticas públicas que permitissem o acesso e a permanência desse aluno na escola, temos no professor um sujeito opressor, que delimitava suas ações no simples repasse de conteúdos. Muitas das vezes se delegando como detentor de um conhecimento absoluto, que não lhe permitia avaliar que, no ambiente escolar, ele também era sujeito em contínua construção do conhecimento. Em grande parte dos enunciados, como o de Edemar, percebemos a presença dessa concepção de ensino presentes no discurso.

Eu não gostava de matemática que era muito difícil, o professor explicava eu não entendi aí ficava com medo de perguntar pra ele (Marcos).

Quando questionados sobre o que eles mais gostavam nas aulas, destacam novamente a professora como atenciosa.

Gostava da atenção ao estudo, da minha professora me explicando de maneira tão atenciosa aquela matéria, gostava de usar a cartilha onde aprendi minhas primeiras letras (José).

A educação de cunho tradicionalista, aplicada na década de 40, se caracterizou por um período marcado pela utilização das cartilhas que faziam parte fundamental do processo educacional da época. A decodificação dos códigos era uma demanda patenta da época.

Eu gostava era da comida da professora. Eu gostava da comida dela porque eu saia de manhã e só chegava de tardinha para casa ficava lá o dia todo era duas aulas numa (Edemar).

Ao serem questionados de qual maneira eles gostariam que fossem as aulas naquela época, os idosos respondem que

O que eu posso dizer eu gostaria que fosse hoje, um pouco mais fácil hoje é uma coisa tão fácil era como eu queria que fosse naquela época (Maria).

Eu gostaria que todas as escolas fossem como a que eu estudava escola particular e boa, seria melhor (Josete).

Seu Marcos respondeu que gostaria de ter a escola em um horário melhor, mais acessível para ter condições de continuar seus estudos. Nas falas da entrevistada Maria, ela ressalta que gostaria que as aulas fossem como hoje, destacando que hoje a facilidade é melhor (*“O que eu posso dizer eu gostaria que fosse hoje”*), já Josete destaca que gostaria que, se todas as escolas fossem como as particulares, seriam, a seu ver, melhores que as públicas (*“particular e boa, seria melhor”*).

Os pesquisados não lembravam de nenhuma aula em específico que marcaram sua trajetória escolar. Porém, as entrevistadas Josete e Maria destacaram que gostavam muito das aulas de português. Elas recordaram da hora do recreio em que elas brincavam. Enquanto que o senhor José destaca outros aspectos:

Eu gostava mesmo era da hora da merenda, a gente se divertia com os amigos, e a merenda era muito gostosa, pra mim que só ia com o café preto no bucho aquela merenda era coisa maravilhosa (José).

Para os idosos, o resgate e a comunicação de suas experiências possibilitaram criar um espaço de interlocução de suas memórias, ressignificando o passado e o presente.

#### **4.2 Os dizeres dos idosos sobre a pesquisa: o NEP ressignificando as memórias sobre educação**

Por último, analisam-se as narrativas dos idosos sobre a prática de extensão do NEP, buscando identificar se as atividades do núcleo auxiliam na ressignificação da memória sobre educação.



Dos seis educandos entrevistados, todos destacaram a relevância do trabalho que vem sendo executado pelo Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP). Todos avaliaram de maneira positiva as práticas exercidas no *lócus* desta pesquisa.

Os idosos relataram que a prática do NEP, diferentemente do processo de ensino-aprendizagem dos anos 40, se preocupa com o interesse deles. Ressaltam que, no espaço das atividades no grupo, eles se sentem importantes e, quando as ações partem de temáticas levantadas por eles mesmos, isso se torna deveras prazeroso.

O fato destacado no parágrafo acima se dá porque desde sua criação os idéias teóricas e filosóficas que regem o NEP perpassam pelo legado deixado por Paulo Freire, em que, em uma proposta do próprio educador, o processo de ensino-aprendizagem fosse trabalho de maneira a quebrar os antigos paradigmas de uma educação unilateral, com um educador que repassasse o conhecimento para seus alunos. Nega-se, assim, seus saberes experienciais e sua realidade de vida.

Portanto, foram destacados pelo idosos o esforço das educadoras para chegarem ao local da turma e a vontade de ensinar, que faz com que os sujeitos tenham muito respeito e carinho pelas educadoras. Esse trabalho é feito de maneira que atenda à necessidade dos idosos, com temas que sempre sejam de interesse dos alunos e que partam da sua realidade de vida.

As experiências educacionais relatadas pelos idosos estimulam que a prática pedagógica do NEP continue se desenvolvendo com vistas a ser uma educação pautada nos saberes que esses idosos trazem consigo. Na fala de José, por exemplo,

A gente se sente bem com vocês aqui. Ficamos muito sem fazer nada. Eu só queria fazer um pedido: queria que fossem em mais dias. Era essa minha vontade: que a gente estudasse em mais dias para ter um maior conhecimento (José).

José destaca se sentir bem com a presença das educadoras têm de ir ao local alfabetizador, ministrar suas atividades educativas, a fim de auxiliar na elevação da autoestima dos idosos.

Destacamos que os idosos se sentem bem com as práticas do núcleo porque servem de auxílio para quebra de paradigmas. Essas atividades facilitam o processo de ensino-aprendizagem do idoso, por estarem continuamente

aproximando o conhecimento científico à realidade, avaliando esse sujeito como produtor de história, pois, para Santos (2011, p.56).

Um projeto de educação, que vise reconhecer os sujeitos como fazedores da história, como sujeitos com traços de suas culturas e como pessoas incluídas em uma sociedade da diversidade, deverá pautar seus parâmetros em uma educação que realmente reconheça estas diversidades, e que possibilite o diálogo com todas estas culturas, com estes sujeitos sociais e culturais.

Podemos avaliar que o esforço das educadoras em desenvolver as atividades com esses idosos perpassa pelo engajamento político e social que o grupo tem com as classes populares. Essas ações oportunizam aos sujeitos um espaço de formação, que perpassa pela formação de círculos de cultura, rodas de conversa, escuta sensível, levantamento do universo vocabular. Como constatamos, a promoção de inclusão social e educacional faz parte do processo educacional do núcleo.

Toda prática pedagógica desenvolvida pelo grupo perpassa pela dimensão existencial de entender que o processo educacional necessita ser permeado pela afetividade e que ela se apresenta a partir da relação familiar existente no grupo. Por se tratar de um trabalho que é desenvolvido com idosos que foram abandonados por suas famílias, as atividades do NEP buscam promover a inclusão por meio de práticas amorosas e afetivas.

O idoso Marcos, além do aspecto educacional, reflete sobre a afetividade que se encontra nas práticas.

Muito bom, por que vocês dão muita atenção para a gente. É um momento muito precioso, todas as professoras são muito atenciosas (Marcos).

A frase do idoso que se refere “dão muita atenção para a gente” nos remete a uma clara reflexão que o desenvolvimento de uma educação de fato engajada com a classe popular só é possível na medida que o trabalho se preocupa em mergulhar no universo individual de cada sujeito. Mesmo sendo um trabalho desenvolvido em grupo, as especificidades de cada idoso são refletidas nas ações, e quando se trata em conhecer as realidades, Rodrigues (2014, p.75) esclarece que:

O trabalho com as “*realidades mais claras*” nos remete a uma análise de educação popular que tem nas aproximações com o movimento da vida e a complexidade das realidades – expressões culturais – o cenário para

empreender ações que emanam e são pensadas e organizadas a partir de cada grupo e indivíduo.

Avaliando de fato o ser humano como humano e a necessidade de se manter relações pessoais e interpessoais no espaço educacional, destacamos a amorosidade como um dos princípios basilares do NEP. Podemos avaliar que a prática pedagógica se torna prazerosa, à medida que as educadoras se dispõem a aprender junto com os idosos, passando a se desenvolver uma relação de construção de conhecimento coletivo, em que as educadoras ensinam e aprendem ao mesmo tempo.

A amorosidade e a receptividade são destaques na fala de dona Maria, que dialoga a cerca da receptividade das educadoras, fruto de uma formação continua.:

Eu adoro o modo que vocês vão chamar a gente, são muito acolhedoras, carinhosas, atenciosas o que eu nunca tive e acabei não encontrando foi o modo que vocês ensinam com muita paciência (Maria).

A educação popular e a prática pedagógica do NEP são refletidas por Rodrigues (2014), como movimento que se contrapõe a opressão imperativa da homogeneidade de um sistema capitalista cruel e excludente, que regula e paralisa a educação restringindo o acesso dos sujeitos.

Nessa perspectiva, faz-se necessárias ações que sejam de humanização, pois essa noção parte dos princípios e da ação do núcleo, entendendo que a relação educador-educando é respaldada a partir do momento que o professor avalia o ato de ensinar em sua dimensão social de formação crítica. Nessa perspectiva, para Oliveira (2010, p. 3),

A educação, portanto, que está alicerçada a um projeto ético e político, ampliando as possibilidades de vida e de liberdade humanas. Constitui uma questão ética e política, porque se reveste em uma luta contra a exclusão social, luta pela afirmação da vida humana, ou seja, pela humanização de homens e mulheres. Luta pela equidade social, pela justiça social, para que todos (as) tenham o direito à educação e exercerem sua cidadania.

A necessidade de respaldar essas atividades em um processo humanizador se dá porque a educação assume um caráter dialógico e libertador e seu reflexo na vida dos sujeitos. Oliveira (2009, p.82) lembra que:

A educação humanizadora assume o seu caráter libertador, tanto como mediadora da criatividade, da curiosidade, da autonomia, como também pelo seu caráter contestador de rompimento das práticas da educação tradicional pautada no castigo, na representação, no ensino mecânico de

relacionamentos impessoais que funcionam como obstáculo ao aprendizado.

Seu José também relata o seu entendimento sobre o trabalho que é desenvolvido, como podemos averiguar abaixo:

Eu avalio muito bom, muito atencioso, vocês ensinam com prazer, com amor, tem muita paciência com a gente e o que gosto também é quando vocês trazem uma merenda pra gente (José).

A atenção, prazer e o amor destacado pelo idoso se apresenta devido ao que já foi exposto em 3: o NEP utiliza como base a teoria de Paulo Freire, o que nos faz refletir que o legado freireano não teve sua importância apenas por pensar uma educação mais justa e democrática pois, para Santos (2011), a relevância do autor se dá na medida que sua teoria acredita na possibilidade de se fazer uma educação na qual todos possam contribuir de forma significativa para a construção democrática da sociedade, em que os saberes de cada um se constituem em pontos definitivos para se elaborar um projeto de educação, na qual a realidade social possa ser problematizada.

As educadoras desenvolveram um trabalho que estimula nos idosos reflexões existenciais, com a criticidade sendo um princípio educacional do NEP. As ações partem no sentido de fazer com que esse idoso se veja enquanto sujeito de direitos que paga seus impostos e que, obrigatoriamente, tem que ser tratado com respeito e assistido a partir de políticas públicas que contemplem suas necessidades. Para Santos (2011, p. 58):

Os saberes de cada um se constituem em pontos definitivos para se elaborar um projeto de educação, na qual a realidade social possa ser problematizada e analisada de forma crítica, possibilitando a todas as pessoas a plena participação no processo de libertação e autonomia política, social e econômica.

Seu Marcos destaca como preciosa a presença das educadoras na vida dele pois, em relação à influência que o grupo exerce na vida dos educandos através do trabalho que é desenvolvido. Apesar de o encontro ocorrer apenas em um dia com poucas horas de vivência, essa prática tem grande valia.

“Avalio de uma maneira muito atenciosa, as professoras são pessoas muito carinhosas que nos deixam à vontade para participar das atividades, nós aprendemos muitas coisas com vocês” (Marcos).

Já seu Olindo exalta a satisfação que tem em fazer parte desse trabalho, destacando a presença de um trabalho de grande valor, como vemos em sua fala:

O que vocês fazem com a gente é uma higiene mental, muito linda, muito preciosa e de grande valor pra todo idoso aqui (Olindo).

O que o idoso destaca, a nosso ver, é a construção do conhecimento entre educadores e educando, pois, segundo Rodrigues (2014, p. 24):

Nesse movimento dialético de nos tornarmos cada vez mais humanos ao mesmo tempo em que humanizamos e educamos, exercitamos o ensinar-aprender e, vamos tomando consciência do inacabamento do “eu” e do “outro” e nos encontramos como artífices de nossa própria aprendizagem.

Ao trabalharmos com o objetivo de desenvolver uma ação humanizadora em que quem ensina também aprende, conseguimos detectar que essas atividades auxiliam na elevação da própria autoestima do idoso, quando ele consegue se avaliar como sujeito produtor de conhecimento que, ao mesmo tempo que aprende, ensina. Para dona Josete, o papel das educadoras foi de suma importância em relação à própria autoestima que a educanda tinha:

Bem, ele influenciou. Assim, eu achava legal. Me deu mais alegria aquele momento que a gente passa sem fazer nada se torna, bom, a gente ocupa a cabeça e não fica tanto pensando em besteira (Josete).

Para seu Edemar, as atividades lhe ajudaram a aprimorar seus conhecimentos, auxiliando de maneira direta em sua leitura e escrita.

Na última atividade eu consegui formar duas palavras que eu nunca imaginava acertar, quando eu mostrei pra professora pensei que ela ia falar que tava errado, mas ela falou que tava certo (Edemar).

O NEP tem o real objetivo de contribuir com a formação humana e crítica do ser humano, a partir de práticas alfabetizadoras que permitem ao aluno se avaliar como sujeito capaz de aprender e ensinar independente de idade. O conhecimento deve ser acessível a todos e o foco do grupo é justamente disponibilizar aos idosos-educandos a oportunidade de um processo educacional diferenciado dos anos 40 e realmente inclusivo.

A trajetória escolar desses sujeitos é marcada por uma curta temporada, que perpassa por traumas que variam de práticas pedagógicas ultrapassadas (essas utilizavam de castigos a fim de os alunos apenas decodificarem matérias, gravarem

tabuada, entre outros) à falta de estrutura no ambiente escolar, falta de professores, de educadores qualificados, de ausência de flexibilidade no horário de estudo. Isso tudo fortaleceu a exclusão dessas pessoas que se evadiram do ambiente escolar, sendo estes obrigados, pelas circunstâncias da vida, a se contentarem a serem um sujeito passivo ao mundo que o rodeia.

Sabendo que a reflexão do próprio existir humano é o que possibilita os sujeitos a serem mais no mundo que os rodeia, a verdadeira essência do educador-educando do NEP é proporcionar uma educação na qual o aluno, pergunte, pense e repense, consciente de que pode mais. O conhecimento é algo inacabado que necessita ser descoberto todos os dias.

Nasce, assim, uma prática diferenciada, inclusiva, promotora do elevar da autoimagem do educando. O NEP, por meio de seu trabalho com essas pessoas excluídas e marginalizadas, promove o engrandecer humano, com prática ancorada em uma educação problematizadora, humanizadora, que avalia o sujeito protagonista de sua própria história, podendo modificar seu próprio existir.

O trabalho do NEP promove a educação para a inclusão educacional e social, pois as práticas desenvolvidas promovem a inclusão social e educação dos idosos atendidos nas atividades de ensino. Sendo trabalhado a formação crítica dos educandos, em que eles passam a ser mais críticos, questionam uma melhor saúde, uma melhor educação. A inclusão educacional, de nosso ponto de vista, ocorre quando os educandos questionam e modificam sua realidade, partindo da educação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato da trajetória educacional, apresentada pelos idosos desta pesquisa, nos proporcionou uma sequência de sentimentos, emoções, medos e anseios. Conhecer a trajetória escolar vivenciada por esses idosos e como ela influenciou em sua vida pessoal nos possibilitou uma elevação científica e humana.

A pesquisa demandou evoluirmos humanamente a ponto de avaliarmos, na narrativa dos idosos investigados, pontos cruciais e necessários para fortalecer o debate acadêmico de uma temática ainda pouco explorada: a memória de idosos.

Quando trouxemos, como problema central, identificar o que as memórias dos idosos atualmente moradores do Lar da Providência revelam sobre suas trajetórias escolares, nos delimitamos a conhecer um universo peculiar de experiências únicas que influenciaram em suas vidas de maneira positiva ou negativa. Aliás, quando nos propomos a conhecer como esses idosos experienciaram seu processo de ensino-aprendizagem, acentuamos a relevância de analisar o período de escolarização, um período fundamental na vida do ser humano, em que muitos de seus conhecimentos e habilidades são desenvolvidos. Assim, quando esse idoso se dispôs a narrar sua experiência, ele nos disponibilizou muito mais do que sua voz: disponibilizou sua vida para que sua realidade fosse conhecida por todos e suas vozes, antes cerceadas, sejam de fato ouvidas pela sociedade que diariamente lhe exclui.

Quando escolhemos por objetivo conhecer como as ações de educação popular do NEP vem ressignificando a memória desses idosos, conseguimos perpassar pelo sentido amplo de formação humana, como um processo dialético e permanente.

Portanto, podemos destacar que foi muito difícil adentrar nas recordações de idosos para conhecer aspectos que contribuíram para sua trajetória escolar. Em muitos momentos nos indagávamos: “conseguiria esta pesquisadora dados suficientes para a análise?”. Estas indagações possibilitaram inúmeras relações das estratégias metodológicas adotadas, acrescentando ou buscando novos caminhos, como os que foram feitos quando os primeiros dados iniciais começaram a emergir nas memórias dos idosos.

É relevante destacar que essa pesquisa só foi possível através do repensar excessivo de como dialogar com as recordações dos idosos sem que isso lhe

trouxesse nenhum dano, respeitando os princípios estabelecidos nos riscos e benefícios quando este trabalho se configurava apenas como um projeto de pesquisa.

Dessa maneira, partimos do pressuposto do campo da memória de idosos, quando orientam que as pesquisas devem evidenciar as vozes silenciadas por uma sociedade que injeta no idoso em uma visão capitalista que ele é sujeito improdutivo por não gerar mais lucros ao sistema, uma vez que elas têm sido marginalizadas nas políticas e nas pesquisas. Quando nos debruçamos para trazer à tona essas vozes, contribuímos, de alguma maneira, para o repensar da existência do idoso em sociedade, tentando promover sua inclusão e reconhecimento.

Cada idoso deixou um relato importante e de grande relevância para esta pesquisa. Percebemos, com base nos dados analisados, que essas pessoas têm muito a falar, porém, poucos estão dispostos a ouvirem. Sabemos, em contrapartida, que, na realidade, esse idoso tem direito de ser ouvido. Sua voz merece, por esse motivo, ser escutada cada vez mais em pesquisas acadêmicas, como esta.

É inevitável destacar que, nesta pesquisa, a amorosidade freireana que tomou conta a cada diálogo com os idosos. A escuta sensível fez com que eles se sentissem à vontade para relatar sua experiência. Ressaltando que não é fácil falar de algo que de alguma forma lhe trouxe sofrimento. Entre risos afetuosos e lágrimas doloridas, esta pesquisa se finaliza tentando deixar um leque de instigações e possibilidades para as futuras investigações que se interessarem por essa temática.

A partir dos dados analisados, também constatamos que cada idoso carrega consigo uma trajetória individual. Suas lembranças são elementos fortíssimos para efetivação da memória coletiva da sociedade. Esta dissertação, portanto, constituiu-se como um debate inicial que traz a relevância do idoso na sociedade, bem como a função social de sua memória.

Podemos destacar que, a partir desta pesquisa, tivemos como resultados o fato de os idosos: terem baixa escolaridade, possuírem memórias sobre a escola como uma instituição de ensino de espaço rígido, disciplinador e excludente. Os aspectos que influenciaram na trajetória escolar dos sujeitos alvo desta pesquisa são os mais distintos. Entre eles, destacamos: a necessidade de políticas públicas educacionais que fortaleçam a educação nos interiores do estado e na capital. A partir das entrevistas, percebemos como os idosos relatam a falta de infraestrutura



escolar, como ausência de merenda, local distante, entre outros fatores responsáveis pela evasão escolar.

Compreendemos, a partir das falas dos idosos entrevistados, que todos avaliam a escola como um espaço rígido, mas único e precioso, que integra os conhecimentos educacionais, sociais e comportamentais e que forma pessoas mais preparadas para a convivência em sociedade, considerando que todos tiveram uma curta vida escolar na infância e adolescência.

Podemos também refletir, nesta pesquisa, que os idosos foram excluídos ou expulsos da escola, por motivos como: trabalho, pobreza, morte familiar, longa distância, falta de infraestrutura, merenda escolar. Constatamos, aliás, que, apesar da rigidez do ambiente escolar, os entrevistados lembram com afeto de suas professoras. Essa representação sobre a escola e o trabalho docente foi ressignificado a partir do trabalho do NEP, com sua educação dialógica e amorosa.

A partir das repostas dos problemas levantados pela pesquisa, concluímos que os idosos atendidos pelo NEP possuem uma breve trajetória no âmbito escolar e que esta foi permeada por práticas tradicionalistas, que concebiam a educação como aquela em que o aluno gravava as matérias e, se não decorasse de acordo com o que preconizava a educação bancária, acabava sendo punido por meio da citada “palmatória”. Portanto, a vivência de uma escola meritocrática influenciou e influencia hoje de maneira direta na vida dos idosos e nas atividades desenvolvidas pelo NEP na ILPI.

Como a análise indica nos relatos dos idosos, o trabalho do NEP proporciona aos idosos uma integração entre eles, rompendo com o espaço solitário e de abandono familiar em que os idosos estão inseridos.

Podemos concluir que muitos desses idosos tem, nas atividades do NEP, um momento de inclusão. Suas vozes são, de fato, ouvidas, em um espaço de reflexão, de debate e de amorosidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. **Representações sociais do analfabetismo na perspectiva de adultos não-alfabetizados**. 2004. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars poética, 1994.
- ANDRADE, E. **Somando papéis sociais**: trajetórias femininas e seus conflitos. Salvador, 1992. Nº de f 217. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 1992.
- ARAÚJO, M. M. de. Plasticidade do plano de reconstrução educacional de anísio teixeira (1952-1964). **Educativa**, Goiás, v. 10, n.1, pp. 9-27, jul-ago 2007. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/172/135>>. Acesso em: 10 mar. 2017
- ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARROYO, M. A escola e o movimento social: relativizando a escola. **Revista da associação nacional de educação (ANDE)**, São Paulo, v. 12, n. 6, pp. 16-21, 1987.
- BRASIL. Lei nº1074/2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 2006
- BRÊTAS, A. C. P. Envelhecimento e trabalho. In: OLIVEIRA, E. M. de; SCAVONE, L. (org.). **Trabalho, saúde e gênero na era da globalização**. Goiânia: AB, 1997.
- CAVALCANTE, L. I. P.; WEIGEL, V. A. C de. **Educação na Amazônia: oportunidades e desafios**. 2004. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Educacao-Na-Amazonia-Oportunidades-e-Desafios/644053.html>>. Acesso em: 04 de maio de 2004.
- CHAVES, E; SILVA, L. P. Aproximações sobre prescrições e práticas corporais nos grupos escolares de pirapora, januária e salinas: a educação dos corpos sertanejos – (1906 – 1927). **História e Cultura**, Franca, v.1, n.1, pp. 99-118, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v1i1.568>>. Acesso em: out. 2015.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2000/2010: dados do analfabetismo no Brasil. In: **IBGE**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 Jun. 2014.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2000: dados do censo demográfico. In: **IBGE**. 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 Jan. 2016.
- COELHO, M. O. **A escola primária no Estado do Pará (1920-1940)**. 2008. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- DELGADO, L. de A. N. **Historia oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, M. do P. S. A. G. de. A Implantação dos Grupos Escolares no Estado do Pará. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação**: circuitos e fronteiras da história da educação, 8., 2013. Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: SBHE, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: ago. 2014.

FREIRE, P. Papel da Educação na Humanização. **Paz e terra**, São Paulo, s/v, n. 9, p. 123-132, 1969.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática pedagógica. São Paulo: Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6ª Ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

FREIRE, P.; BETTO, F. **Essa escola chamada vida**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1988.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

GADOTTI, M. Paulo Freire e a educação popular. **Revista trimestral de debate da FASE**, São Paulo, v.113, s/n, pp. 21-27, 2007.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**: planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KAURK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. M. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LE GOFF, J. **Historia e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEONEL, M. C. Guimarães Rosa: sertão, memória e arquivo. **O eixo e a roda: revista de literatura brasileira**. v. 12, s/n, pp. 1-356, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br>>. Acessado em 05/05/2015.

LOPES, R. L. M.; SOUZA, I. E. O. A fenomenologia como abordagem metodológica: compartilhando a experiência de mulheres que buscam a prevenção do câncer cérvico-uterino. **Revista de enfermagem**, São Paulo, v. 5, n. 3, pp. 5-11, julho 1997.

LOUREIRO, V. Educação e sociedade na Amazônia em mais de meio século. **Revista Cocar**, v.1, n. 1, pp. 17-58, jan-jun 2007.

MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E.; OLIVEIRA, I. A. de. **Metodologias e técnicas de pesquisa em Educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

MUSSE, Christina. Memória de velho: telejornalismo e memória. **Revista de literatura brasileira extraprensa**, v.3, n.3, 2010. Disponível em: <<http://www.usp.br/>>. Acesso em 03/05/2015.

OLIVEIRA, I. A.; XAVIER, M. B. (orgs). **Palavra-ação em educação de jovens e adultos**. Belém: EDUEPA, 2002.

OLIVEIRA, I. A.; LOBATO, T. R. (org.). **Cartografia de saberes**: representações sobre a cultura amazônica em praticas de educação popular. Belém: EDUEPA, 2007.

OLIVEIRA, I. A. (org.). **Caderno de atividades pedagógicas em educação popular**: relato de pesquisas e de experiências dos grupos de estudos e trabalhos. Belém: EDUEPA, 2009.

OLIVEIRA, I. A. (org.). **Formação pedagógica de educadores populares**: fundamentos teórico-metodológicos freireanos. Belém: EDUEPA, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, A. de J. **Metodologia científica**. São Paulo: Avecamp, 2006.

SANTOS, S. de J. P. dos. **A amorosidade freireana na prática pedagógica de educadoras do NEP: contribuição ao processo ensino-aprendizagem e formação dos/as educandos/as como sujeitos sociais**. nº de f. 86 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Caboclos, pretos velhos: experiências e memória da religiosidade afro brasileira. **Revista tempo, espaço e linguagem**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, pp. 64-81, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/viewFile/6942/4128>>. Acessado em: 05 de fev de 2015.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



# ANEXO

## ANEXO 1 – Autorização de Pesquisa da Diretoria de Assistência Social do Estado do Pará

Secretaria de  
Assistência Social,  
Trabalho, Emprego e Renda



DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL  
COORDENADORIA DE PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL ALTA COMPLEXIDADE  
Av. Governador José Malcher, 1018, Nazaré, 66055-260-Belém-Pará, Fone/Fax(91)3219-4419

### AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Belém, 10 de fevereiro de 2017.

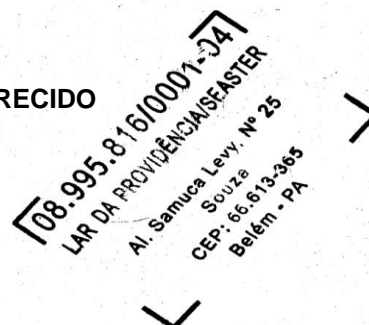
A Coordenadoria de Alta Complexidade/DAS/SEAS autoriza a aluna **Milene Vasconcelos Leal**, a realizar visita e atividade acadêmica na **UAPI - Lar da Providência** nos dias e horários a serem combinados previamente com a gerência desta unidade. Ressaltamos que estas atividades devem estar de comum acordo com a equipe técnica da unidade. Informamos ainda que é proibida a realização de imagens dos residentes desta UAPI.

Contato Gerência-98421-7195 –Lilian Patrícia Gusmão.

Atenciosamente,

### ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Maria Rozete A. de Moraes  
**MARIA ROZETÉ A. DE MORAES**  
Coordenadora-CPSEAC/AC



Secretaria de  
Assistência Social,  
Trabalho, Emprego e Renda



# APÊNDICES



## APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título Do Projeto:** Trajetória Educativa Escolar: Memórias De Idosos

O idoso \_\_\_\_\_ está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Trajetória educativa escolar: memórias de idosos”. Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar as memórias de idosos do Lar da Providência em relação a sua trajetória escolar, e como específicos: conhecer como a trajetória escolar experienciada influenciou em sua vida pessoal, cultural e profissional; analisar seu processo de escolarização, conhecendo como os idosos experienciaram os trabalhos de alfabetização e letramento e descrever como as ações de educação popular desenvolvidas com os idosos do NEP/UEPA vêm contribuindo para a reafirmação ou ressignificação das memórias destes sujeitos sobre educação, considerando as singularidades e as especificidades socioculturais dos idosos que vivem em uma instituição de longa permanência para idosos.

O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é o fato de estarmos inseridos em uma sociedade que ainda silencia as vozes dos idosos, seja no campo social, cultural, econômico ou educacional. No entanto, uma forma de contribuir para uma inversão desses paradigmas é a produção acadêmica, tocada, fomentada e atrelada à realidade social que priorize o idoso e sua memória, uma vez que há pouca produção acadêmica na região Norte, sendo necessária a produção de mais estudos sobre os idosos que estão vivendo nessas instituições de longa permanência, para assim compor banco de consultas mais específicos da região norte.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos para coleta dos dados: observação participante, aplicação da entrevista semiestruturada.

Para participar dessa pesquisa, o idoso não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. Ele será esclarecido (a) que, em qualquer aspecto que desejar, estará livre para participar ou recusar-se a participar. Destacando que poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a identidade do idoso com padrões profissionais de sigilo e não será identificado em nenhuma publicação. Além disso, serão tomadas as medidas necessárias, a fim de garantir a integridade dos sujeitos ainda que os riscos se façam presentes ao utilizar:

- Os idosos como sujeitos da pesquisa: para isso serão utilizados nomes fictícios
- Interpretação distorcida do que foi narrado, neste caso, teremos cuidado para que seja realizada uma escuta atenciosa e atenta aos mínimos detalhes amparada na gravação de áudio;
- Incômodo aos idosos com perguntas sobre o tema: aqui nos propomos a encontrar sempre o momento oportuno, onde os idosos estejam dispostos, sem que elas deixem suas atividades diárias da Instituição, para responder o pesquisador;
- Falta de atenção ao que foi dito por todos os idosos: a entrevista requer uma atenção minuciosa e um tratamento respeitoso e cordial para com os idosos. Serei cuidadosa na escuta detalhada, de forma que não ocorra a exclusão de nenhum idoso.

A fim de garantir que as medidas acima serão tomadas, você receberá um/a via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, destacando que sua participação neste estudo é voluntária e, se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento da pesquisa, tem absoluta liberdade de fazê-lo sem penalização alguma. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Dentre os benefícios da pesquisa, destaca-se a valorização da memória dos idosos da instituição de longa permanência. Dentre os benefícios diretos e indiretos, podem ser citados:

- Ampliação de pesquisas sobre memória de idosos;
- Fornecimento de dados que possibilitem a organização das práticas pedagógicas dos professores que atuam em ambientes não escolares com o grupo de idosos;

- Valorização do sujeito idoso.

A aluna responsável pela pesquisa é Milene Vasconcelos Leal, que reside no Bairro da Terra Firme, na Rua Lauro Sodré, nº 481, Belém - PA. O contato é 91981773719.

Os resultados estarão à sua disposição quando a dissertação for finalizada. O nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao Sr(a).

Sua autorização contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico local. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento.

Após estes esclarecimentos, solicitamos seu consentimento de forma livre autorizando sua participação nessa pesquisa.

Eu \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minha dúvida.

**Declaro ter uma cópia deste termo de consentimento.**

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Local e data

Eu \_\_\_\_\_, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Nome do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal: Milene Vasconcelos Leal. Fone 981773719

Demais pesquisadores: Dra Tânia Regina Lobato dos Santos. Fone 999829447

Comitê de Ética em Pesquisa: Bairro Marco, travessa perebebui, 2623- Belém/ PA Telefone do Comitê: 91 3276-0829

## APÊNDICE 2 – Roteiro de Entrevista



Universidade do Estado do Pará  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado  
**Roteiro de Entrevista**

### I.DADOS PESSOAS

1.1 Nome \_\_\_\_\_

1.2 Idade \_\_\_\_\_

1.3 Sexo \_\_\_\_\_

1.5 Escolarização \_\_\_\_\_

1.6 Casado ( ) Solteiro( ) Viúvo( ) Outros ( )

1.7 Onde você morava?

\_\_\_\_\_

1.8 Você tem filhos? Se sim, quantos?

\_\_\_\_\_

1.9 Situação familiar/Social

\_\_\_\_\_

### II.TRAJETÓRIA ESCOLAR

2.1 Como era a sua escola?

\_\_\_\_\_

2.2 Você gostava da escola? Por quê?

\_\_\_\_\_

2.3 Do que você não gostava na escola?

\_\_\_\_\_

2.4 Você lembra como era sua vida no período da escola?

\_\_\_\_\_

2.5 Você frequentou até que série a escola? Chegou a concluir os estudos?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2.6 Você deixou a escola antes de concluir os estudos, o que aconteceu?

---

---

2.7 Como eram suas aulas na escola?

---

---

2.8 Você lembra da sua professora? O que você recorda dela?

---

---

2.6 O que você gostava nas aulas?

---

---

2.7 Naquela época como você gostaria que fosse a escola e as suas aulas?

---

---

2.8 Você recorda como foi o seu período de alfabetização na escola?

---

---

2.9 O que significou o período escolar para você?

---

---

2.10 De que forma a presença da escola influenciou ou influencia na sua vida profissional, pessoal e cultural?

---

---

2.11 De que maneira você avalia as atividades educativas desenvolvidas pelo Núcleo de educação popular Paulo freire- NEP?

---

---

2.12 No que o atendimento realizado pelo NEP influencia na sua vida?

---

---

2.13 Do que você mais gosta nas atividades educativas realizadas pelo NEP?

---

---

2.14 Do que você menos gosta nas atividades realizadas pelo NEP?

---

---



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo  
66113-200 Belém-PA  
[www.uepa.br](http://www.uepa.br)